

CADERNOS

DE EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA

CAMINHOS PARA O
**ENSINO DA
LINGUAGEM ORAL**

METODOLOGIAS ATIVAS EM

**LÍNGUA
PORTUGUESA**

FUNDAMENTAL 2
VOLUME 5

O EIXO “ORALIDADE”
NA **BNCC**

**ASPECTOS DA
ORALIDADE**

ASSOCIAÇÃO IMAGEM COMUNITÁRIA



METODOLOGIAS ATIVAS EM **LÍNGUA PORTUGUESA**

FUNDAMENTAL 2
VOLUME 5

Belo Horizonte
2020
2ª edição

CONCEPÇÃO DO CONTEÚDO E ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Luciana Mazur

Marcos Celório

REVISÃO DE CONTEÚDO

Bárbara Pansardi

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Priscila Justina

PROJETO GRÁFICO

Mila Barone

DIAGRAMAÇÃO

Priscila Justina

ILUSTRAÇÕES

Priscila Justina (Jogo da Trilha:
Interpretação de Textos – "A mão
do macaco", de W. W. Jacobs)

COOPERAÇÃO TÉCNICA

Projeto Tecnologias da Comunicação Educativa –
Universidade Federal de Minas Gerais

M593 Metodologias ativas em Língua Portuguesa: fundamental 2. / Associação
Imagem Comunitária. – 2. ed. – Belo Horizonte: AIC, 2020.
104 p. – (Cadernos de Educação Solidária; 5)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87808-06-2

1. Linguagem oral. 2. Base Nacional Comum Curricular. 3.
Desenvolvimento de habilidades. I. Associação Imagem Comunitária. II.
Título. III. Série.

CDU: 37
CDD: 469.07

SUMÁRIO

1 | INTRODUÇÃO – *pág. 5*

2 | CAMINHOS PARA O ENSINO DA LINGUAGEM ORAL – *pág. 7*

2.1 | Concepções sobre o oral e seu ensino – *pág. 7*

2.2 | O que é um gênero oral? – *pág. 9*

3 | O EIXO “ORALIDADE” NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – *pág. 11*

3.1 | Que habilidades explorar de acordo com a BNCC? – *pág. 12*

4 | ASPECTOS DA ORALIDADE – *pág. 19*

5 | AVALIAÇÃO PROGRESSIVA DO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES ORAIS – *pág. 21*

6 | O GÊNERO EXPOSIÇÃO ORAL – *pág. 23*

6.1 | Razões para dar destaque a esse gênero – *pág. 23*

6.2 | Características gerais do gênero – *pág. 24*

6.3 | Dimensões ensináveis do gênero – *pág. 24*

6.4 | Dicas para fazer boas exposições orais – *pág. 25*

6.5 | Como avaliar exposições orais – *pág. 25*

7 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – *pág. 26*

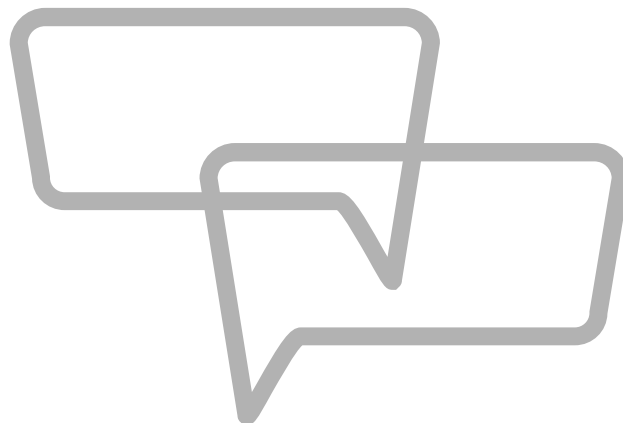
8 | SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM – *pág. 27*

8.1 | Jogo da Trilha: Interpretação de Textos – “A mão do macaco”, de W. W. Jacobs – *pág. 28*

8.2 | Múltiplas fontes para embasar uma exposição oral – *pág. 56*

8.3 | *Bullying*: o que é isso? – *pág. 72*

8.4 | *Bullying*: vamos falar sobre isso? – *pág. 992*



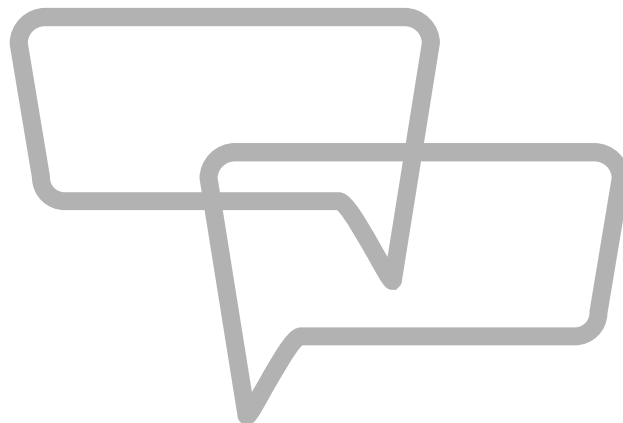
1 | INTRODUÇÃO

Este é o quinto volume da série de guias didáticos de Língua Portuguesa dos Cadernos de Educação Solidária para professores do ensino fundamental 2 (6º ao 9º anos). Neste módulo, trazemos reflexões e propostas de situações de aprendizagem voltadas para o ensino da oralidade.

Entendemos que o ensino da oralidade na escola, quando voltado para a língua materna, implica um trabalho de reconstrução da linguagem. Por mais que a linguagem oral permeie a atuação nas salas de aula durante as rotinas cotidianas, como na correção de exercícios e na leitura vocalizada de textos, frequentemente ela não é ensinada de forma sistematizada, de modo que seu uso ocupa um lugar limitado no ensino escolar – tanto é que são raros os recursos didáticos e propostas metodológicas enfatizando práticas orais. Além disso, a formação de professores traz lacunas quando se trata desse campo.

Por outro lado, os textos oficiais são categóricos ao afirmar que a oralidade é parte essencial dos domínios a serem desenvolvidos nas aulas de língua portuguesa. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, apresenta a oralidade como um dos eixos em que há a mobilização de conhecimentos, habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, bem como para possibilitar o pleno exercício da cidadania.

Portanto, a elaboração consciente e reflexiva de objetos de ensino voltados para a oralidade constitui para nós um importante viés a ser trabalhado, a fim de favorecer que procedimentos de exploração do texto oral sejam levados às nossas salas de aula, assim como ocorrem com as práticas de leitura e escrita. É nesse sentido que apresentamos o presente módulo.



2 | CAMINHOS PARA O ENSINO DA LINGUAGEM ORAL

Segundo os professores e pesquisadores Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, referências no estudo da oralidade, a maioria das crianças possui um domínio muito bom da linguagem falada quando entra para a escola, o que pode ser observado na facilidade com que conversam sobre sua família e sobre acontecimentos rotineiros com seus colegas e professores, bem como na forma como são capazes de discutir problemas de sua época e até mesmo de persuadir com estratégias sutis. Assim, “a aquisição do oral começa, sobretudo, por uma aprendizagem incidental”.¹

Entretanto, a despeito de a linguagem oral já se mostrar manifesta entre os estudantes e fazer-se muito presente na escola, a exploração da oralidade com intencionalidade pedagógica ainda é bastante limitada.

Nesse sentido, delimitar e definir clara e conscientemente o objeto de ensino-aprendizagem da linguagem falada e trabalhá-lo de forma intencional e estratégica em sala de aula tem uma dupla importância: de um lado, potencializar essa habilidade dos alunos; de outro, conferir ao oral legitimidade e pertinência em relação aos saberes de referência do universo da Comunicação e da Língua Portuguesa.

Desse modo, torna-se importante trazer à luz as seguintes questões para reflexão: como tornar a linguagem oral ensinável? Que oralidade tomar como referência para o ensino? Como torná-la acessível aos estudantes? Que dimensões escolher para facilitar suas aprendizagens?

2.1 | Concepções sobre a linguagem oral e seu ensino

Ao considerarmos o ensino da oralidade, é importante nos orientarmos no sentido de promover reflexões sobre as variedades de gêneros orais que circulam à nossa volta, observar que funções sociais cumprem e que características particulares apresentam.

Vale retomar o que aponta Schneuwly:

Não existe “o oral”, mas “os orais” sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e

¹ SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 126.

mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral ou, ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da escrita, e são essas práticas que podem se tornar objetos de um trabalho escolar. Essas práticas tomam, necessariamente, as formas mais ou menos estáveis que denominamos gêneros, dando continuidade, diversificando e especificando uma velha tradição escolar e retórica. Esta concepção do oral como realidade multiforme levanta numerosas questões importantes: Que gêneros trabalhar e por quê? Que relação instaurar com a escrita? Como definir a relação fala e escuta?²

O ensino da oralidade, portanto, deve se dar sob a forma de gêneros orais, pois, conforme afirma o professor e pesquisador Schnewwly, “não há saber falar em geral,

capacidades orais independentes das situações e das condições de comunicação em que se atualizam” (p. 115). Sendo assim, o trabalho da oralidade deve ser associado aos gêneros orais, tendo em vista as situações de comunicação e as necessidades temáticas dos interlocutores.

Isso implica considerar que um locutor age linguisticamente conforme diversos fatores que vão influenciar sua comunicação, tais como: o lugar social que o falante ocupa, o destinatário com quem ele pretende interagir, o tema e a finalidade do que pretende comunicar. Em decorrência, seleciona o gênero que lhe permitirá a comunicação. O gênero funciona, pois, como a interface entre os interlocutores, sendo o instrumento de comunicação que permitirá dizer e ser compreendido.

Assim, considerando que aprender uma língua é aprender a se comunicar, a finalidade geral de trabalharmos com gêneros textuais da oralidade é permitir que os estudantes conheçam e dominem sua língua, nas mais diversas situações, e desenvolvam uma relação consciente e voluntária com seu próprio comportamento linguístico, aprimorando a capacidade de se expressarem.

Então, que linguagem oral considerar?

Devemos considerar a linguagem falada multiforme, isto é, aquela que é contemplada em atividades de linguagem que se realizem oralmente, por meio de gêneros da oralidade, com suas especificidades.

Esse acesso aos gêneros orais nas atividades escolares pode possibilitar que se desenvolvam, junto ao estudante, capacidades de linguagem diversas.

RETOMANDO O CONCEITO DE GÊNERO

Chamamos **gêneros de texto ou de discurso** as formas de dizer mais ou menos estáveis numa sociedade. Todos os cidadãos sabem o que são e reconhecem notícias, anúncios, bulas de remédio, cheques, cartas, etc. Esses gêneros são conhecidos e reconhecidos tanto pela forma dos textos a eles pertencentes como pelos temas e funções que viabilizam e pelo estilo de linguagem que permitem. Os gêneros não são tipos de texto, pois circulam efetivamente na sociedade. Os tipos de texto (narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo, instrucional, dialogal) são generalizações sobre as propriedades de textos de vários gêneros. Os textos pertencentes a um gênero viabilizam os discursos de um campo social. Por exemplo, as notícias, editoriais e comentários fazem circular os discursos e posições das mídias jornalísticas.

Adaptado de ROJO, Roxane. As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas. *Cadernos CEALE*, Coleção Alfabetização e Letramento. Caderno do Professor. Belo Horizonte: CEALE / Rede Nacional de Centros de Formação Continuada / MEC, 2006. p. 22.

2 SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: ____; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 109-124. p. 114.

2.2 | O que é um gênero oral?

Consideramos gênero oral **aquele que tem como suporte a voz humana e que foi produzido para ser realizado oralmente, independentemente ou não de haver uma versão escrita que o represente**. Segundo Luiz Carlos Travaglia *et al.* (2013), a conferência ou a comunicação científica em eventos acadêmico-científicos, por exemplo, podem ter uma versão escrita, mas foram produzidas para serem realizadas oralmente. O mesmo se pode afirmar sobre uma peça de teatro escrita para ser encenada, ou seja, realizada oralmente. Porém, se for produzido um artigo científico sobre o mesmo tópico da conferência mencionada acima, esse texto não foi produzido para ser lido em voz alta, e sim para ser publicado em uma revista científica, por exemplo. É um texto escrito. O mesmo se aplica a outros gêneros, tais como: um romance, um conto, uma reportagem em uma revista ou jornal. Assim, a simples oralização de um texto escrito não o torna um gênero oral. Por isto é importante, para considerar um gênero como oral, tanto que ele tenha **a voz humana como suporte** quanto que tenha sido produzido por dada comunidade para ter uma **realização oral**.³

Em outras palavras, podem ser considerados gêneros orais aqueles que, ainda que apresentem uma versão escrita, realizam-se prioritariamente na modalidade oral, usando a voz como suporte, como, por exemplo, as representações de peça teatral, notícias faladas em telejornais e rádio, recontos, etc.

A seguir, apresentamos um quadro ilustrativo dos gêneros textuais orais que podem ser explorados no ensino, contemplando algumas esferas comunicativas:

Como apontam Travaglia *et al.*, o trabalho com os gêneros da oralidade deve passar por sua caracterização, de maneira que, tal como nos gêneros escritos, conteúdo temático, estrutura composicional, objetivos e funções comunicativas sejam evocados, bem como as características da linguagem a eles inerentes. Além disso, elementos da linguagem oral (entonações, altura da voz, tom, etc.) serão considerados parte de qualquer gênero oral, bem como a multimodalidade, entendida como o uso de linguagens diferentes em conjugação com a língua, como por exemplo gestos, expressões fisionômicas, posturas corporais, entre outras.

Portanto, a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; utilizam-se também sistemas semióticos não linguísticos, significativos de uma atitude.

ESFERAS COMUNICATIVAS	EXEMPLOS DE GÊNEROS
Literária e de entretenimento	Cordel falado, jogral, peça de teatro (representação), reconto, parlenda, comédia <i>stand up</i> , repente, cantiga de roda, piada, esquete, narração esportiva radiofônica/televisada (de apresentações, jogos, competições, corridas, etc.), entrevistas com celebridades, comentários de filme, conto maravilhoso, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção, narrativa de enigma, conto parodiado, etc.
Situações cotidianas	Caso/causo, recado, conselho, alerta, juramento, provérbio, convite, relato de experiência de vida (policial, religiosa, de tratamentos de saúde), instrução (para a realização de algo), agradecimento, etc.
Escolar e acadêmica	Aviso/comunicado, comando, instrução, palestra, conferência, exposição oral, debate, discurso, arguição, seminário, etc.
Jornalística	Notícia, reportagem, comentário, entrevista, etc.
Jurídica	Depoimento, defesa, acusação, etc.
Policial	Interrogatório, denúncia, depoimento, etc.

Elaboração própria, com base em TRAVAGLIA, Luiz Carlos *et al.* Gêneros orais: conceituação e caracterização. *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/silel2013>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

3 TRAVAGLIA, Luiz Carlos *et al.* Gêneros orais: conceituação e caracterização. *Anais do SILEL*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/silel2013>>. Acesso em: 13 nov. 2018. p. 5.

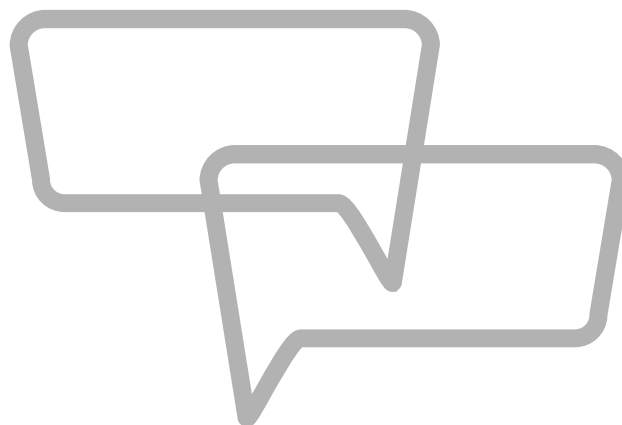
Como afirmam Scheneuwly e Dolz, mímicas faciais, posturas, olhares e gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vêm confirmar ou invalidar a comunicação. É o que chamamos de comunicação não verbal.⁴

O quadro a seguir ilustra bem o que esses autores propõem:

MEIOS NÃO LINGÜÍSTICOS DA COMUNICAÇÃO ORAL				
Meios paralingüísticos	Meios cinésicos	Posição dos locutores	Aspecto exterior	Disposição dos lugares
Qualidade da voz	Atitudes corporais	Ocupação de lugares	Roupas	Lugares
Melodia	Movimentos	Espaço pessoal	Disfarces	Disposição
Elocução e pausas	Gestos	Distâncias	Penteado	Iluminação
Respiração	Troca de olhares	Contato físico	Óculos	Disposição das cadeiras
Risos	Mímicas faciais		Limpeza	Ordem
Suspiros				Ventilação
				Decoração

Adaptado de SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 134.

4 SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.



3 | O EIXO “ORALIDADE” NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Mas que atividades escolher para o trabalho com gêneros orais? Como desenvolvê-las? Em que situações?

Para refletirmos sobre esses aspectos, recorreremos ao que prevê a BNCC sobre o ensino da oralidade quanto às competências e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa. Segundo o documento, o eixo “Oralidade” envolve

[...] as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog de game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.⁵

De acordo com a normativa, o trabalho com essas práticas orais em sala de aula deve sempre levar em conta as seguintes diretrizes:

- 1 |** reflexão sobre as condições de produção e circulação dos textos orais;
- 2 |** compreensão e interpretação dos textos orais, observando o conteúdo, informações explícitas e implícitas, intencionalidade;
- 3 |** compreensão dos efeitos de sentido gerados pelas estratégias discursivas, linguísticas e multissemióticas adotadas – especialmente os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos próprios ao gênero oral, como timbre, volume, pausas, ritmo, efeitos sonoros, expressividade e gestualidade;
- 4 |** relação entre fala e escrita, as particularidades e variações linguísticas próprias a cada um desses contextos e, especialmente, as possíveis conexões entre essas duas práticas para a expressão de gêneros orais (como as peças teatrais, narrativas radiofônicas, exposições acadêmicas em seminários, etc.);
- 5 |** produção de textos orais em situações contextualizadas de interação social, com o cumprimento das etapas de planejamento, produção e *redesign*.

Vejamos no quadro abaixo como isso está expresso na BNCC:

3.1 | Que habilidades explorar, de acordo com a BNCC?⁶

Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	- Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose. - Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.
Compreensão de textos orais	Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos.
Produção de textos orais	Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao redesign, à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas.
Compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos	Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis.

Relação entre fala e escrita	- Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. - Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. - Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.
------------------------------	--

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília (DF), 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>>. Acesso em: 12 nov. 2018. p. 77.

Apresentamos, a seguir, um extrato adaptado de algumas das habilidades apontadas pela Base para o trabalho com gêneros da oralidade, acrescidas

seguidamente de comentários sobre possíveis formas de explorá-las.



Atenção, professor(a)! As sugestões listadas a seguir não esgotam as possibilidades de trabalho para o desenvolvimento das habilidades apontadas; elas são apenas exemplos. Esteja à vontade para criar e propor outras ações de aprendizagem voltadas aos mesmos objetivos.

Reconhecimento de características da conversação espontânea presencial, com respeito aos turnos de fala; seleção e utilização de formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor.

Comentário: Espera-se que o aluno respeite os turnos de fala de cada interlocutor durante uma conversação, reconheça a importância do exercício de escuta para a organização de cada fala e adeque os recursos textuais às intenções de significação e à situação de comunicação, ou seja, devem ser consideradas as características do contexto no qual a fala é produzida. Objetiva-se, portanto, que o estudante saiba manejar adequadamente sua fala no convívio cotidiano, fora e

dentro da escola, organizando-a conforme a situação de comunicação.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Pode-se estudar diferentes tipos de conversação, em diferentes situações comunicativas. Para isso, vale fazer uso de gravações em áudio e/ou vídeo, explorando-as para a análise dos variados fatores que podem

6 Seção baseada em BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

interferir na fluidez e na eficácia das manifestações orais registradas.

- ✓ Estimular discussões em sala de aula e em outros espaços da escola e da comunidade também é um bom caminho. Lembre-se que é importante estabelecer objetivos bem definidos para esses momentos, de modo os estudantes tenham clara a finalidade comunicativa ao

se expressarem. Isso é o que traz propósito pedagógico à atividade, para além de uma conversação espontânea cotidiana. Também é muito importante a presença do professor mediando o ensino e fazendo as intervenções necessárias e orientando, sempre que preciso, a ordem de interlocutores e o respeito aos turnos de fala.

Identificação de finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos.

Identificação de gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).

Comentário: Espera-se com essas habilidades que o aluno perceba as características do contexto no qual a fala é produzida e, portanto, as intenções de significação e o objetivo da expressão oral na referida situação, reconhecendo que a finalidade comunicativa irá variar conforme as circunstâncias, assim como a forma de expressão (características linguísticas, composicionais, paralinguísticas) e o gênero oral utilizado (solicitação de informações, seminários, rodas de conversas, discussão argumentativa e/ou debate, *podcast*, anúncio de carro de som, programa de TV com entrevista oral, etc.).

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ O desenvolvimento dessa habilidade pode se dar por meio do trabalho com gêneros diversos e suas funções comunicativas. São alguns exemplos: exposição oral, discussão argumentativa e/ou debate, entrevista oral, *spot* de rádio, etc.
- ✓ O trabalho com essa habilidade pode compreender ações que envolvam:

- A** | estudo de situações comunicativas diversas;
- B** | análise do gênero envolvido e suas marcas linguísticas;
- C** | observação do papel da audiência no contexto específico.

- ✓ É possível criar cenários fictícios ou planejar situações comunicativas reais que envolvam finalidades variadas. Um exemplo é trabalhar a produção oral para a solicitação de informações em passeios previstos no calendário escolar, como visitas a exposições de arte e museus, ou então a representação de uma situação fictícia de solicitação de informações relacionada a espaços reais, como biblioteca ou secretaria da escola. Em ambos os casos, trata-se de atividade comunicativa que demanda que o aluno esteja preparado e ciente de sua intencionalidade, sabendo o tipo de informação a ser solicitada em cada ocasião e o modo de fazê-lo naquele espaço.
- ✓ Pode-se ainda complexificar esse trabalho de compreensão da finalidade das interações orais conforme o contexto comunicativo explorando atividades que envolvem exposição de ideias, opiniões e argumentos a respeito de aspectos controversos de temas em geral.
- ✓ A progressão no desenvolvimento dessa habilidade pode se pautar pelo foco na análise ou na prática do gênero previsto; pelo grau de complexidade do gênero do texto oral envolvido; pela situação comunicativa em jogo; ou pelo grau de autonomia a ser conquistado pelo aluno a cada etapa (a BNCC recomenda o trabalho em colaboração, realizado coletivamente, progredindo para o trabalho em grupos/duplas, até o autônomo, a depender da complexidade do gênero, do tema e do texto).

Atribuição de significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz.

Comentário: Espera-se que o aluno reconheça e analise as expressões corporais associadas à fala, com o objetivo de determinar seu papel na construção dos sentidos dos textos orais.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ A partir do estudo e análise de diversas situações de comunicação oral com foco nos recursos paralinguísticos, como gestos, olhar e movimentação, pode-se:

A | analisar os efeitos de sentido produzidos por eles;

B | reconhecer a adequação (ou não) das escolhas do locutor;

C | selecionar os recursos mais adequados às intenções de significação do discurso a ser produzido;

D | constituir um repertório de recursos possíveis a serem utilizados.

- ✓ É interessante, do ponto de vista da progressão, prever uma trajetória que vá do trabalho coletivo em colaboração até aproximar-se do autônomo. Podem-se explorar, por exemplo, textos do campo teatral numa atividade interdisciplinar com Artes.

Reconto oral, com e sem apoio de imagem, de textos literários lidos pelo professor.

Comentário: Espera-se que o aluno apresente capacidade interpretativa da obra ou texto trabalhado, de modo que consiga realizar um reconto coerente, apropriando-se de recursos como a entonação expressiva e a prosódia, que ajustam os discursos orais ao contexto.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ A BNCC propõe que, sempre que possível, a recontagem aconteça a partir de textos originais e integrais, escritos em registro literário.

- ✓ A atividade de reconto possibilita explorar:

A | características típicas do registro literário;

B | organização dos fatos em ordem temporal, linear ou não, reconhecendo que a escolha por uma ou outra

acarreta diferenças no texto para garantir a coerência e a coesão;

C | estabelecimento de relações de causalidade entre os fatos (quando houver), utilizando os articuladores adequados.

- ✓ Orienta-se que se definam situações comunicativas específicas para a contação de histórias, como rodas com colegas com ou sem o apoio de imagens, diálogo com familiares, relato oral para a professora, reconto em saraus de poesia, etc. É importante definir o contexto, pois a forma do reconto irá variar conforme a circunstância, o público e o gênero proposto.

- ✓ Tendo em mente a progressão textual, pode-se começar com um trabalho realizado coletivamente pela turma, com o apoio da professora, progredindo para o trabalho em grupos/duplas, até o autônomo. Também é possível sofisticar, paulatinamente, o grau de dificuldade dos textos-base trabalhados ou então a complexidade do gênero mobilizado para o reconto.

Audição de gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, com atenção à identificação de características regionais, urbanas e rurais da fala e respeito às variedades linguísticas.

Comentário: Espera-se que o aluno reconheça e respeite as manifestações da variação linguística local e nacional. Assim, produções locais e de diferentes regiões do país podem ser exploradas, favorecendo o

convívio respeitoso com a diversidade linguística, de modo a legitimar os diferentes falares do Brasil, sem sobrepor uma variedade à outra.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ É possível resgatar práticas de letramento/produtos culturais locais, tendo em vista sua legitimidade. Também pode-se explorar a gramática das variedades linguísticas usadas em comparação (e não oposição) com outros produtos culturais não locais, de forma que os alunos possam compreender as diferenças e as similaridades como constitutivas das identidades de seus falantes.
- ✓ Pode-se, ainda, refletir sobre as situações comunicativas em que os textos circulam, de modo a identificar as

mais apropriadas para o uso de determinada variedade linguística.

- ✓ É possível e desejável eleger gêneros que circulem em variadas situações de comunicação, tais como a conversação cotidiana, a narração de um filme de distribuição nacional ou os jingles publicitários que circulam nas rádios e/ou carros de som de outras cidades, cujas referências lexicais e musicais se caracterizam conforme sua abrangência regional. Pode também haver práticas que dialoguem com a escrita, tais como ouvir canções com legendas ou participar de saraus em diferentes contextos (saraus de poesia marginal e saraus mais “canônicos”, por exemplo).

Escuta, com atenção, de apresentações de trabalhos realizadas por pares, com formulação de perguntas pertinentes ao tema e solicitação de esclarecimentos sempre que necessário.

Recuperação de ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.

Comentário: Espera-se que o aluno desenvolva uma escuta atenta e responsiva de apresentações orais em contexto escolar. A escuta – que tem como finalidade primeira a compreensão do texto oral – dá suporte tanto à formulação de perguntas para esclarecimentos quanto à construção de sínteses, explicações, respostas ou apreciações, considerando o uso progressivo de justificativas para a emissão de opinião.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Podem-se prever procedimentos de registro de informações consideradas importantes e de dúvidas a serem apresentadas ou mesmo elaboração de considerações a serem feitas ao locutor, ao final da exposição, para esclarecimentos, posicionamentos em relação à fala, etc.
- ✓ Conteúdos ouvidos também podem ser explorados e sistematizados por meio de esquemas, tabelas, listas, mapas conceituais, etc.
- ✓ Temáticas sociais relevantes para a comunidade local podem ser trabalhadas, bem como situações comunicativas diversas que envolvam discussão de questões interdisciplinares e interculturais.

Argumentação oral sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, com respeito a diferentes pontos de vista.

Comentário: Essa habilidade tem como foco a argumentação oral, explorada na discussão de questões controversas. Possibilita a participação no espaço público e o exercício da cidadania.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Nessa situação, é importante prever pesquisa prévia de conteúdo temático para repertoriar os estudantes, preferencialmente de fontes bastante diversificadas.

- ✓ É também necessário definir previamente as situações comunicativas que envolvam o gênero a ser utilizado para argumentar (debate regrado e/ou júri simulado, discussão livre em roda, comentário ou resenha radiofônica, etc.). As estratégias persuasivas variam muito conforme a situação comunicativa.
- ✓ Por tratar-se de gênero argumentativo, planejamento é fundamental! Incentive os estudantes a mobilizarem exemplos, justificativas, relações de causa-efeito, relatos de experiência, dados estatísticos e etc. para fundamentar seus argumentos. Explorar recursos paralinguísticos e/ou cinésicos também é enriquecedor. Recorde-os de incorporar esse aspecto ao planejamento. E, claro, tudo isso deve ser concretizado na produção.
- ✓ Priorize questões controversas sobre temas de interesse comunitário/local e/ou temas recorrentes da realidade brasileira.

Exposição de trabalhos ou pesquisas escolares com apoio de recursos multissemióticos (imagens, diagrama, tabelas etc.).

Comentário: A habilidade objetiva a exposição oral de pesquisas em contexto escolar, articulando-a com outras referências multissemióticas e multimodais da linguagem para sustentar, enriquecer e orientar a apresentação.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Podem ser exploradas, nesse contexto, leitura, comparação e interpretação de dados, com apoio de recursos multissemióticos (listas, tabelas, ilustrações, gráficos).
- ✓ Para a produção desse gênero oral, a pesquisa de conteúdo temático e o planejamento prévio são importantíssimos. O aluno deve ter acesso a um repertório diverso de recursos multissemióticos para estruturar sua exposição. Além disso, requer-se ainda a habilidade de leitura em múltiplas fontes, seleção e integração de informações, bem como a capacidade de mobilização e articulação de recursos e linguagens variadas.
- ✓ É recomendável que o aluno se oriente por roteiros escritos, planejando seu tempo de fala e utilizando as linguagens de forma integrada e adequada ao contexto comunicativo.
- ✓ Podem ser desenvolvidos projetos que articulem a exposição oral ao trabalho interdisciplinar, com foco nos mais diversificados temas.
- ✓ Para a gradação da progressão, é possível pautar-se pelo grau de complexidade dos trabalhos e/ou pesquisas, pela alternância do foco do ensino (o gênero e sua organização geral; os recursos a serem mobilizados; a produção do roteiro; etc.) e o grau de autonomia a ser conquistada pelo aluno a cada etapa.

Produção de jornais radiofônicos ou televisivos e entrevistas veiculadas em rádio, TV e na internet.

Comentário: A habilidade visa à produção de materiais jornalísticos (orais e/ou escritos) para diferentes mídias, em conformidade com determinados gêneros previstos. Espera-se, para tal, que o aluno (re)conheça a mídia em questão e os textos/gêneros que nela circulem, com suas formas e linguagens específicas, tornando-se capaz de apropriar-se delas e elaborar produções do gênero oral que potencialmente circulem nesses suportes midiáticos.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Essa habilidade requer a análise de textos do gênero em questão para explicitar suas principais características e repertoriar a produção. Assim, a habilidade prevê o estudo do gênero.
- ✓ Também é importante, evidentemente, contextualizar a situação comunicativa em que a produção irá circular, de modo que essa orientação seja incorporada no planejamento necessário das atividades.
- ✓ Podem ser exploradas temáticas relevantes para a comunidade local e para o interesse dos alunos. Eventos da comunidade, ações comunitárias em desenvolvimento, propostas do governo local e da escola, realização de campeonatos esportivos, notícias a respeito de funcionamento de bibliotecas e espaços culturais, funcionamento de espaços públicos, problemas que a cidade/comunidade vivencia, entre outros, são algumas das sugestões que podem ser trabalhadas.
- ✓ Recomenda-se uma progressão horizontal do grau de dificuldade dos gêneros escolhidos e das temáticas abordadas. Também é possível iniciar com o trabalho coletivo da turma e depois avançar para as atividades em grupo/duplas ou até autônomas.

Planejamento e produção de tutoriais em áudio ou vídeo com base em outros textos veiculados em mídia digital.

Comentário: A habilidade envolve a recepção atenta e a compreensão de textos instrucionais veiculados em mídia digital, além de duas outras operações complexas: planejar e produzir tutoriais.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Prevê-se a exploração de ferramentas digitais que possibilitem a produção de textos em áudio ou vídeo.
- ✓ É possível propor situações envolvendo análise de textos instrucionais e mais especificamente do gênero

tutorial para extrair as suas características, de acordo com a situação comunicativa e com o suporte a ser utilizado.

- ✓ Durante a produção, recorde-os de antever no planejamento a situação em que ela irá circular, considerando o contexto, o público a que se destina, as escolhas lexicais e composicionais mais adequadas, os recursos paralinguísticos e etc.
- ✓ A progressão pode se dar pela sofisticação dos comandos, pela complexificação dos recursos multissemióticos envolvidos e pelo caminho rumo à autonomia,

Planejamento e produção de resenhas digitais em áudio ou vídeo a partir de *vlogs*.

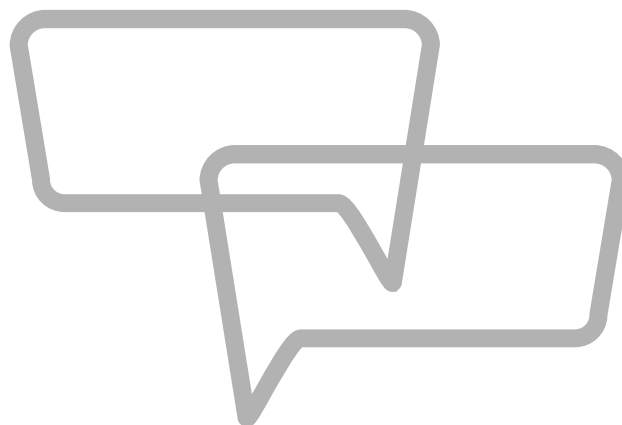
Roteirização, produção e edição de vídeo para *vlogs* argumentativos.

Comentário: Essas habilidades envolvem recepção atenta, compreensão e análise crítica de comentários orais veiculados em *vlogs* infantis ou juvenis. Além disso, compreende outras três operações complexas: planejar, produzir e editar resenhas digitais, o que envolve a elaboração de roteiros, além da gravação e a edição dos vídeos/áudios.

O que pode ser desenvolvido para explorar essa habilidade?

- ✓ Pode-se propor:
- A** | a análise de *vlogs*, identificando os gêneros que neles circulam e suas características (inclusive as resenhas digitais);
- B** | estudo de recursos da mídia utilizada, assim como dos elementos paratextuais que compõem a performance do locutor;

- C** | identificação dos critérios de análise dos produtos focalizados;
- D** | apreciação crítica dos argumentos levantados pelo autor;
- E** | exploração de conteúdos temáticos;
- F** | seleção do gênero mais indicado para a apresentação de críticas do tipo de produto a ser comentado;
- G** | planejamento do texto a ser produzido, considerando a situação em que irá circular;
- H** | orientação da produção/textualização/gravação;
- I** | revisão colaborativa;
- J** | acompanhamento da edição e finalização;
- K** | *redesign*, quando necessário.



4 | ASPECTOS DA ORALIDADE

Conforme aponta Schneuwly,⁷ podemos afirmar que o trabalho com a linguagem oral pressupõe a exploração de elementos como materialidade, espontaneidade e interação:

Oral como materialidade

- ✓ Meio de intercâmbio;
- ✓ expressão do corpo.



Oral como espontaneidade

- ✓ Desvelamento de afetos e pensamentos;
- ✓ expressão pessoal;
- ✓ expressão verbal de sentimentos e situações vividas;
- ✓ expressão do vivo, do espontâneo.



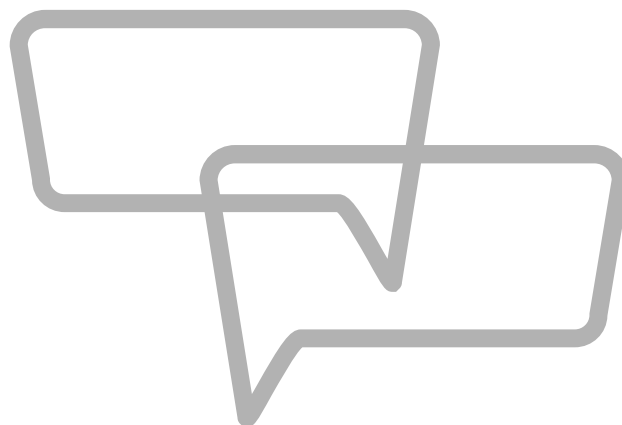
Foto: Reprodução/Facebook.

7 SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: ____; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 109-124.

Oral como interação

- ✓ Compartilhamento de opiniões, desejos, inquietudes;
- ✓ possibilidade de exposição para o outro de maneira coerente;
- ✓ promoção do dialogismo;
- ✓ ampliação de posicionamentos;
- ✓ abertura de espaço para a argumentação;
- ✓ escolha de recursos expressivos (lexicais, composicionais, paralinguísticos, cinésicos, etc.) conforme o interlocutor e a situação comunicativa.





5 | AVALIAÇÃO PROGRESSIVA DO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES ORAIS

Ao privilegiarmos o trabalho com os gêneros da oralidade no ambiente escolar, vale considerarmos que os alunos estão em constante desenvolvimento. Segundo Schneuwly e Dolz, deve haver uma preocupação em criar sequências de atividades que permitam a transformação gradual das capacidades dos alunos para que eles dominem o gênero trabalhado. Assim, é importante considerar:

1 # Adaptar a escolha de gêneros e de situações de comunicação às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos;

2 # antecipar as transformações possíveis e as etapas que poderiam ser transpostas;

3 # simplificar a complexidade da tarefa, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais das crianças;

4 # esclarecer com os alunos os objetivos limitados visados e o itinerário a percorrer para atingi-los;

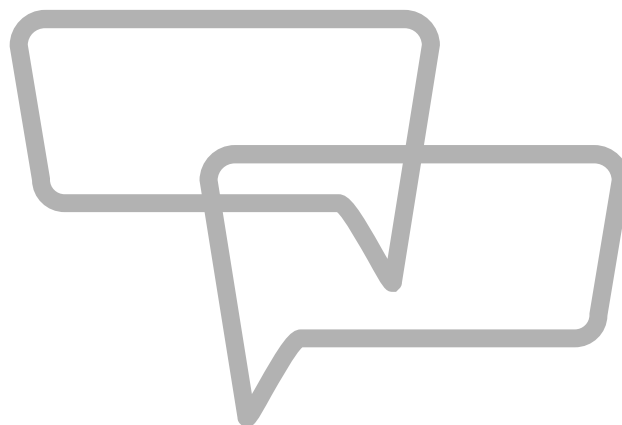
5 # dar tempo suficiente para permitir aprendizagens;

6 # ordenar as intervenções de maneira a permitir as transformações;

7 # escolher os momentos de colaboração com os outros alunos para facilitar as transformações;

8 # avaliar as transformações produzidas.⁸

8 DOLZ, Joaquim; SCHENEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: _____. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004a. p. 35-60. p. 46.



6 | O GÊNERO **EXPOSIÇÃO ORAL**

Por ser um dos gêneros mais frequentemente utilizados para desenvolver o domínio da oralidade na escola, consideramos importante dar destaque à exposição oral neste módulo, pois, muitas vezes, ela aparece nas salas de aula sem que um trabalho didático

mais sistematizado seja efetuado, com a exploração de estratégias concretas de intervenção por parte dos professores. As reflexões que aqui apresentamos se baseiam em Dolz e Schneuwly, no capítulo 8: “A exposição oral”.⁹

6.1 | Razões para dar destaque a esse gênero

- ✓ A exposição representa uma excelente fonte de transmissão de conteúdos diversos, não só para a audiência, como também para quem a prepara e apresenta;
- ✓ a exposição fornece um instrumento para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados de acordo com as características do gênero;
- ✓ do ponto de vista do conteúdo, podem ser exploradas: fontes diversificadas de informação, seleção de informações em função do tema e da finalidade visada e elaboração de esquemas para sustentar a apresentação oral;
- ✓ do ponto de vista comunicativo, permite que o aluno construa segurança e desenvoltura oral e expressiva para exercer o papel de “especialista”, que transmitirá conhecimento a um auditório;
- ✓ a exposição oral leva o expositor a um trabalho de planejamento, de antecipação e de consideração do auditório.

9 DOLZ, Joaquim; SCHENEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004a.

6.2 | Características gerais do gênero

- ✓ Realiza-se em situação de comunicação: reúne orador ou expositor e seu auditório;
- ✓ o enunciador se dirige ao destinatário por meio de uma ação de linguagem que veicula conteúdo referencial;
- ✓ apresenta, de um lado, um especialista (o expositor) e, de outro, alguém supostamente disposto a aprender;
- ✓ é um gênero textual público, relativamente formal e específico, por meio do qual se transmitem informações, descreve-se ou explica-se algo.

6.3 | Dimensões ensináveis do gênero

Elementos a considerar:

Situação de comunicação

- ✓ Envolvidos: o estudante que expõe e um público (outros alunos e o professor, normalmente).
- ✓ Objeto de exposição: um conteúdo previamente estudado.
- ✓ Papel do expositor-especialista: transmitir conteúdo, informar, esclarecer, argumentar.
- ✓ Finalidade: aprender algo sobre um tema, enriquecer conhecimento, compartilhar saberes.
- ✓ Espaço: normalmente a sala de aula ou outro local destinado a apresentações (auditório, sala de vídeo, etc.).
- ✓ Meio: apresentação oral clara do conteúdo a ser transmitido, contando com o suporte de recursos multissemióticos (não só elementos como gráficos, imagens, tabelas, mas também a própria corporeidade e seus recursos cinésicos e paralinguísticos).
- ✓ Estratégias do expositor: clareza dos objetivos pretendidos, definição da problemática, consideração dos conhecimentos prévios e expectativa da plateia em relação ao tema, avaliação da apresentação, reformulação da fala se preciso, clareza na exposição.

Organização interna da exposição

Preparação de conteúdo:

- ✓ Planejamento textual: pesquisa de elementos pertinentes;
- ✓ triagem de informações, organização das ideias principais e secundárias, tendo em vista a progressão temática clara e coerente em função da conclusão visada.

Preparação da apresentação:

- ✓ Fase de abertura: contato com o auditório;
- ✓ fase de introdução ao tema: momento de entrada no discurso / apresentação e delimitação do assunto / exposição das razões e motivações da exposição / momento de mobilização da atenção, interesse e curiosidade da audiência;
- ✓ desenvolvimento e encadeamento dos diferentes temas;

- ✓ fase de recapitulação e síntese: momento de retomada dos principais pontos da exposição;
- ✓ conclusão: transmissão de mensagem final, possibilidade de submissão dos ouvintes a um novo problema ou de início de um debate;
- ✓ encerramento: assim como na abertura, ocorre interpelação ao auditório.

Apoios à exposição:

Anotações, gráficos, cartazes, slides, citações, esquemas com palavras-chave, trechos importantes do conteúdo a serem lidos, etc.

Oralização da exposição:

- ✓ Atenção ao volume, ao ritmo, à intensidade e às modulações da voz;

- ✓ gerenciamento do suspense;

- ✓ mescla com elementos não verbais: gestos, postura corporal, olhar.

6.4 | Dicas para fazer boas exposições orais¹⁰

A seguir, apresentamos um quadro que pode ser trabalhado com os estudantes na orientação de exposições orais:

1 # Defina com clareza o tema e o motivo de sua fala.

2 # Estabeleça a ordem de sua apresentação.

3 # Cumprimente sua audiência.

4 # Faça a introdução com uma rápida síntese do que será exposto.

5 # Exponha o assunto descrevendo-o com detalhes: apresente-o com uma lógica de raciocínio, com começo, meio e fim.

6 # Organize a mensagem pensando em facilitar o entendimento dos interlocutores.

7 # Faça pequenas anotações para auxiliá-lo.

8 # Conte histórias para ilustrar o assunto, se possível.

9 # Fale com energia, disposição e entusiasmo.

10 # Desperte o interesse e envolva as pessoas com sua fala.

11 # Fale com firmeza e demonstre personalidade.

12 # Cuide do tom da voz: use um volume adequado para que todos possam ouvi-lo.

13 # Considere sempre quem é o seu interlocutor: volume de voz, vocabulário, gestos e expressões faciais precisam estar em harmonia para conquistar os ouvintes.

14 # Seja espontâneo.

6.5 | Como avaliar exposições orais

Ao propormos exposições orais aos nossos alunos, é importante que tenhamos critérios definidos que possam nortear tanto nosso trabalho como avaliadores quanto a condução da fala por parte dos estudantes. Sendo assim, apresentamos, neste caderno (p. 64 e 102), um modelo de **ficha para avaliar exposições orais**. Sugerimos que os alunos recebam a ficha ou tenham conhecimento do que será avaliado antes de realizarem atividades de exposição.

¹⁰ Elaboração própria, com base em POLITO, Reinaldo; POLITO, Rachel. *29 minutos para falar bem em público*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

7 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília (DF), 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004a. p. 35-60.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004b. p. 125-159.

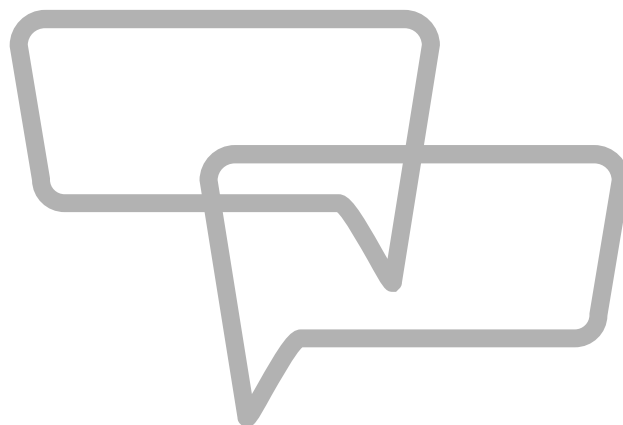
DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, B.; DE PIETRO, Jean-François de; ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 183-211.

POLITO, Reinaldo; POLITO, Rachel. **29 minutos para falar bem em público**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 109-124.

ROJO, Roxane. As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas. **Cadernos CEALE**, Coleção Alfabetização e Letramento. Caderno do Professor. Belo Horizonte: CEALE/ Rede Nacional de Centros de Formação Continuada/ MEC, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos *et al.* Gêneros orais: conceituação e caracterização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 14.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA (SILEL), 4., 2013, Uberlândia. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/silel2013>>. Acesso em: 13 nov. 2018.



8 | SITUAÇÕES DE **APRENDIZAGEM**



Professor(a), as situações de aprendizagem que veremos a seguir são divididas da seguinte forma:

1 | TEXTO PRINCIPAL DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM

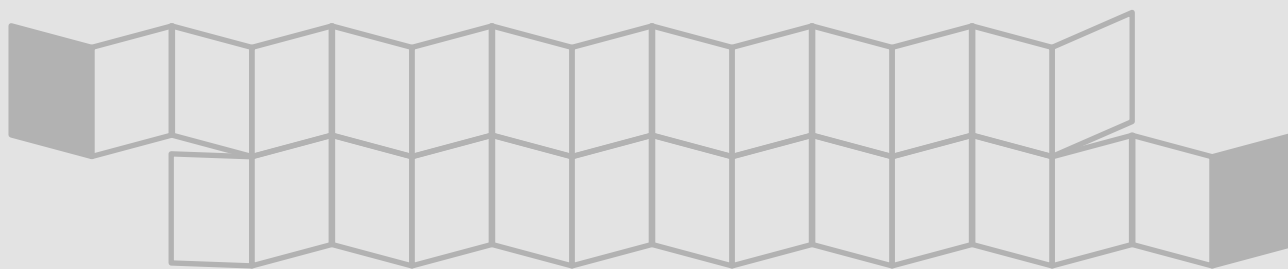
Aqui apresentamos a proposta da atividade e de que forma ela pode se dividir em aulas.

2 | MATERIAL PARA O PROFESSOR

Aqui você encontrará um conteúdo de apoio para guiá-lo(a) na aplicação das aulas. As páginas destinadas a fotocópias ou projeção estão sinalizadas com uma barra cinza vertical no centro. Utilize essas páginas para compartilhar o material com a turma.

3 | MATERIAL PARA O ALUNO

Esse conteúdo de apoio é inteiramente destinado a fotocópias para compartilhamento com a turma.



8.1 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1

| JOGO DA TRILHA: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS – "A MÃO DO MACACO", DE W. W. JACOBS

Nesta situação de aprendizagem, vamos ler textos narrativos e desenvolver habilidades de leitura e interpretação com a turma.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Realizar a leitura de textos narrativos e desenvolver habilidades de leitura e interpretação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Ler contos da literatura clássica;
- ✓ utilizar a técnica da pausa protocolada e explorar o trabalho com as predições sobre o texto;
- ✓ desenvolver habilidades de leitura e interpretação;
- ✓ promover a participação dos alunos em atividade de interpretação textual por meio de um jogo de tabuleiro.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

- ✓ Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- ✓ Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
- ✓ Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
- ✓ Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música, etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva.
- ✓ (EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações, etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais, etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.
- ✓ (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.
- ✓ (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre

as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.

TEMPO

- ✓ 4 aulas.

Sugerimos que as aulas 1 e 2 sejam geminadas, bem como as aulas 3 e 4.

AÇÕES

- 1 | Leitura e discussão de um conto de Edgar Allan Poe utilizando a técnica da “pausa protocolada”.
- 2 | Jogo da Trilha: Interpretação de Textos – “A mão do macaco”, de W. W. Jacobs.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cartazes do texto “O barril de *Amontillado*” dividido em partes (conforme Material para o Professor) e fita adesiva ou projetor multimídia para a exibição de *slides* com o texto dividido em partes.

Para a ação 2 | Aparelho de som para reproduzir o áudio do conto “A mão do macaco”, tabuleiro do Jogo da Trilha: Interpretação de Textos – A “mão do macaco”, de W. W. Jacobs (encarte integrante deste caderno) e cópias do texto disponibilizado no Material para o Aluno.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a leitura de textos narrativos com o uso de estratégias específicas. Na leitura do primeiro texto, será utilizada a técnica da pausa protocolada. O segundo texto será ouvido e lido com o objetivo de promover um jogo de interpretação textual.



AULAS 1 E 2

O BARRIL DE AMONTILLADO

Nesta aula, leremos um texto com a turma utilizando a técnica da “pausa protocolada”.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para favorecer as interações entre professor e estudantes e também para que os alunos possam ver os cartazes ou *slides* com as partes do texto que serão afixadas no quadro ou projetadas.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- ✓ Prepare previamente os cartazes com a escrita do texto dividido em partes. Os cartazes podem ser feitos em cartolinas ou tiras de papel Kraft, com a letra em tamanho suficiente para que os alunos, assentados em semicírculo, consigam fazer a leitura. Se preferir, você também poderá preparar slides com as partes do texto e utilizar um projetor multimídia para fazer a leitura com os alunos. O uso desse recurso facilita muito o trabalho durante a leitura.
- ✓ Para uma breve análise do conto “O barril de Amontillado”, de Edgar Allan Poe, acesse o conteúdo “Considerações sobre o conto *O Barril de Amontillado* – POE”, do blog de Teoria da Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), disponível em <<http://bit.ly/sobrebarril>>.

DURANTE A AULA

Antes da leitura

- ✓ Explique aos alunos que a turma fará a leitura de um texto e que eles deverão participar ativamente desse processo, respondendo às perguntas que serão feitas ao longo da aula.
- ✓ Siga as orientações presentes no roteiro disponibilizado no Material para o Professor desta situação de aprendizagem.



AULAS 3 E 4

JOGO DA TRILHA: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS – A “MÃO DO MACACO”, DE W. W. JACOBS

Nesta aula, ouviremos o áudio do conto “A mão do macaco”, de W. W. Jacobs, acompanhando-o através da leitura. Em seguida, os estudantes participarão de um jogo de interpretação textual.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

As carteiras devem ser organizadas de modo que os estudantes se assentem em grupos de três a cinco integrantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise o texto e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões para o texto lido e incorpore-as ao jogo.

- ✓ Prepare previamente os equipamentos que serão utilizados para reproduzir o áudio do conto “A mão do macaco”, disponível em <<http://bit.ly/amaodomacaco>>.
- ✓ Prepare previamente o jogo. As matrizes para cópias das cartas, dos pinos e do dado estão disponibilizadas no Material para o Professor e deverão ser reproduzidas na escola. Cada **grupo de jogadores** deverá receber:
 - um tabuleiro (encarte integrante deste caderno);
 - um conjunto de cartas com as perguntas sobre o texto (sem as respostas);
 - uma folha com as perguntas e respostas para o(a) mediador(a) do grupo;
 - um dado para o grupo;
 - um pino de jogo para cada jogador (*atenção: cada pino deve ser de uma cor diferente. Caso preferir, os alunos podem utilizar tampinhas de garrafa ou objetos do tipo para fazer as vezes de pino*).

DURANTE A AULA

- ✓ Organize os estudantes em grupos de três a cinco integrantes.
- ✓ Distribua aos alunos cópias do texto “A mão do macaco”, de W. W. Jacobs, disponível no Material para o Aluno. Explique que eles ouvirão o áudio do texto e que deverão acompanhar esse momento com bastante atenção, fazendo a leitura silenciosa do texto para participar do jogo. Quem ouvir e ler com mais atenção terá mais chances de ser o vencedor.
- ✓ Quando os alunos terminarem de ouvir e ler o conto, oriente-os a escolherem um moderador para cada grupo.
- ✓ Reúna-se com os moderadores escolhidos pelos grupos e explique-lhes que a função deles será a de organizar o grupo e garantir que o jogo ocorra da melhor forma. É o moderador quem vai ler a carta com a pergunta para cada jogador e conferir se a resposta dada foi correta. Ele também irá controlar o tempo que cada jogador terá para responder. Entregue aos moderadores as regras do jogo e a ficha com todas as perguntas e respostas.
- ✓ Oriente os moderadores a lerem as regras do jogo para os integrantes da equipe e a iniciarem a brincadeira.
- ✓ Acompanhe todo o processo, auxiliando os grupos que apresentarem alguma dúvida durante o jogo.

AValiação

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os estudantes se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?

Em relação à **leitura**, observe se a turma:

- ✓ sente-se motivada e desafiada a realizar a leitura dos textos de forma a construir o sentido global para eles;
- ✓ lê e compreende os textos propostos, conseguindo interpretá-los adequadamente e atribuindo-lhes significação;
- ✓ faz previsões coerentes sobre o texto lido no decorrer da leitura;
- ✓ seleciona as informações dos textos de forma consciente e consegue verificar se suas previsões e inferências foram certas;
- ✓ percebe a importância de realizar previsões durante a leitura de um texto.

Em relação ao **Jogo da Trilha: Interpretação de Textos – A "mão do macaco", de W. W. Jacobs**, observe se os estudantes:

- ✓ compreendem e seguem a proposta;
- ✓ conseguem seguir as regras conforme o combinado;
- ✓ localizam informações explícitas e implícitas no texto;
- ✓ demonstram compreensão global do conteúdo;
- ✓ envolvem-se com a proposta do jogo.

Em relação à **oralidade**, observe se os estudantes:

- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ respeitam as opiniões dos colegas;
- ✓ participam ativamente das discussões;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. No Material para o Professor você encontrará uma ficha que poderá orientá-lo(a) na avaliação das apresentações.

Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1



AULAS 1 E 2

O BARRIL DE AMONTILLADO

ROTEIRO DE LEITURA | O BARRIL DE AMONTILLADO | Edgar Allan Poe

A seguir, temos a orientação de como deve ser feita a leitura do conto “O barril de Amontillado”, de Edgar Allan Poe. Nos retângulos estão as partes do texto que serão lidas nos cartazes (ou *slides*). Após cada trecho, segue-se uma sequência de perguntas a serem feitas para a turma. Registre as respostas dos alunos no quadro para depois checar com eles se as previsões feitas se confirmaram ou não. De acordo com as respostas dos estudantes, você poderá fazer outros questionamentos. Lembre-se sempre de checar a confirmação (ou a não confirmação) das hipóteses.

ANTES DA LEITURA

- ✓ Explique aos estudantes que você fará a leitura de um texto e, em alguns momentos, fará uma interrupção na leitura para propor algumas perguntas e que eles deverão participar ativamente desse processo, respondendo os questionamentos que serão feitos.
- ✓ Antes de iniciar a leitura com os alunos, questione:
 - O texto que vamos ler é um conto e seu título é “O barril de Amontillado”, do escritor Edgar Allan Poe. Alguém sabe o que é **Amontillado**?
 - A partir do título, o que vocês imaginam que será o tema central desse conto?
 - Vocês se lembram como é um conto? Já leram outros contos?
 - Alguém já leu algum texto desse autor? Qual? Sobre o que o texto falava?
- ✓ Explique que Edgar Allan Poe é um escritor americano, conhecido por suas histórias com elementos macabros e de mistério. Ele foi pioneiro da moderna corrente de escritores que tem como tema o crime e o mistério por meio da figura dos detetives e a ficção policial. Foi ainda o primeiro escritor americano conhecido por tentar ganhar o sustento através da escrita, resultando em uma vida e carreira financeiramente difíceis.

DURANTE A LEITURA

✓ Leia o primeiro trecho:

Suportei o melhor que pude as injúrias de Fortunato; mas, quando ousou insultar-me, jurei vingança. Vós, que tão bem conheceis a natureza de meu caráter, não haveis de supor, no entanto, que eu tenha proferido qualquer ameaça. No fim, eu seria vingado. Este era um ponto definitivamente assentado, mas a própria decisão com que eu assim decidira excluía qualquer ideia de perigo. Assim devia apenas castigar, mas castigar impunemente. Uma injúria permanece irreparada quando o castigo alcança aquele que se vinga. Permanece, igualmente, sem reparado, quando o vingador deixa de fazer com que aquele que o ofendeu compreenda que é ele quem se vinga.

- Por que o narrador quer se vingar de Fortunato?
- O que Fortunato deve ter feito com ele?
- Como será essa vingança?

✓ Leia o segundo trecho:

É preciso que se saiba que, nem por meio de palavras, nem de qualquer ato, dei a Fortunato motivo para que duvidasse de minha boa vontade. Continuei, como de costume, a sorrir em sua presença, e ele não percebia que o meu sorriso, agora, tinha como origem a ideia da sua **imolação**.

- Como devem ser essas personagens?
- São pobres ou ricas? Por quê?
- Elas são pessoas com muito ou pouco estudo? Por quê?
- Alguém sabe o que significa a palavra **imolação**?

✓ Leia o terceiro trecho:

Esse tal Fortunato tinha um ponto fraco, embora, sob outros aspectos, fosse um homem digno de ser respeitado e, até mesmo, temido. Vangloriava-se sempre de ser entendido em vinhos. Poucos italianos possuem verdadeiro talento para isso. Na maioria das vezes, seu entusiasmo se adapta àquilo que a ocasião e a oportunidade exigem, tendo em vista enganar os milionários ingleses e austríacos. Em pintura e pedras preciosas, Fortunato, como todos os seus compatriotas, era um **intrujão**; mas, com respeito a vinhos antigos, era sincero. Sob este aspecto, não havia grande diferença entre nós – pois eu também era hábil conhecedor de vinhos italianos, comprando-os sempre em grande quantidade, sempre que podia.

Uma tarde, quase ao anoitecer, em plena loucura do carnaval, encontrei o meu amigo. Acolheu-me com excessiva cordialidade, pois que havia bebido muito. Usava um traje de **truão**, muito justo e listrado, tendo à cabeça um chapéu cônico, guarnecido de guizos. Fiquei tão contente de encontrá-lo que julguei que jamais estreitaria a sua mão como naquele momento. – Meu caro Fortunato – disse-lhe eu –, foi uma sorte encontrá-lo.

- Por que será que a personagem ficou feliz ao encontrar o amigo?
- Alguém sabe o que significa a palavra **intrujão**?
- Alguém sabe o que significa a palavra **truão**?

✓ Leia o quarto trecho:

– Meu caro Fortunato – disse-lhe eu –, foi uma sorte encontrá-lo. Mas que bom aspecto tem você hoje! Recebi um barril como sendo de Amontillado, mas tenho minhas dúvidas.

– Como? – disse ele. – Amontillado? Um barril? Impossível! E em pleno carnaval!

– Tenho minhas dúvidas – repeti – e seria tolo que o pagasse como sendo de Amontillado antes de consultá-lo sobre o assunto. Não conseguia encontrá-lo em parte alguma, e receava perder um bom negócio.

– Amontillado!

– Tenho minhas dúvidas.

– Amontillado!

– E preciso efetuar o pagamento.

– Amontillado!

– Mas, como você está ocupado, irei à procura de Luchesi. Se existe alguém que conheça o assunto, esse alguém é ele. Ele me dirá ...

– Luchesi é incapaz de distinguir entre um Amontillado e um **Xerez**.

– Não obstante, há alguns imbecis que acham que o paladar de Luchesi pode competir com o seu.

– Vamos, vamos embora.

– Para onde?

– Para as suas **adegas**.

- O que é um Xerez?
- O que são adegas?
- Onde ficam essas adegas?
- Como será esse lugar?

✓ Leia o quinto trecho:

– Não, meu amigo. Não quero abusar de sua bondade. Penso que você deve ter algum compromisso. Luchesi...

– Não tenho compromisso algum. Vamos.

- Por que o narrador está utilizando esses argumentos?
- Ele quer ou não que o amigo o acompanhe? Por quê?

✓ Leia o sexto trecho:

– Não, meu amigo. Embora você não tenha compromisso algum, vejo que está com muito frio. E as adegas são insuportavelmente úmidas. Estão recobertas de salitre.

– Apesar de tudo, vamos. Não importa o frio. Amontillado! Você foi enganado. Quanto a Luchesi, não sabe distinguir entre Xerez e Amontillado.

- O trecho que lemos falou sobre **salitre**. Alguém conhece essa palavra? O que ela significa?
- Você acha que Luchesi entende de vinhos?
- O narrador sabe se ele entende ou não?
- Por que o narrador insistiu em falar sobre Luchesi?

Assim falando, Fortunato tomou-me pelo braço. Pus uma máscara de seda negra e, envolvendo-me bem em meu **roquelaire**, deixei-me conduzir ao meu *palazzo*.

Não havia nenhum criado em casa, pois que todos haviam saído para celebrar o carnaval. Eu lhes dissera que não regressaria antes da manhã seguinte, e lhes dera ordens estritas para que não arredassem pé da casa. Essas ordens eram suficientes, eu bem o sabia, para assegurar o seu desaparecimento imediato, tão logo eu lhes voltasse as costas. Tomei duas velas de seus candelabros e, dando uma a Fortunato, conduzi-o, curvado, através de uma sequência de compartimentos, à passagem abobadada que levava à adega.

Chegamos, por fim, aos últimos degraus e detivemo-nos sobre o solo úmido das catacumbas dos Montresor.

O andar de meu amigo era vacilante e os guizos de seu gorro retiniam a cada um de seus passos.

– E o barril? – perguntou.

– Está mais adiante – respondi. – Mas observe as brancas teias de aranha que brilham nas paredes dessas cavernas.

Voltou-se para mim e olhou-me com suas nubladas pupilas, que destilavam as lágrimas da embriaguez.

– Salitre? – perguntou, por fim.

– Salitre – respondi. – Há quanto tempo você tem essa tosse?

Meu pobre amigo pôs-se a tossir sem cessar e, durante muitos minutos, não lhe foi possível responder.

– Não é nada – disse afinal.

– Vamos – disse-lhe com decisão. – Vamos voltar. Sua saúde é preciosa. Você é rico, respeitado, admirado, amado; você é feliz, como eu também o era. Você é um homem cuja falta será sentida. Quanto a mim, não importa. Vamos embora. Você ficará doente, e não quero arcar com essa responsabilidade. Além disso, posso procurar Luchesi...

- No trecho que lemos apareceu a palavra **roquelaire**. Alguém conhece essa palavra? O que ela significa?
- Por que o narrador usou esses argumentos?
- Ele realmente quer voltar? Por quê?

✓ Leia o sétimo trecho:

– Basta – exclamou ele. – Esta tosse não tem importância; não me matará. Não morrerei por causa de uma simples tosse.

– É verdade, é verdade – respondi. – E eu, de fato, não tenho intenção alguma de alarmá-lo sem motivo. Mas você deve tomar precauções. Um gole deste **Medoc** nos defenderá da umidade.

- O que será **Medoc**?
- Alguém já ouviu essa palavra?

E, dizendo isto, parti o gargalo de uma garrafa que se achava numa longa fila de muitas outras iguais, sobre o chão úmido.

– Beba – disse, oferecendo-lhe o vinho.

Levou a garrafa aos lábios, olhando-me de soslaio. Fez uma pausa e saudou-me com familiaridade, enquanto seus guizos soavam.

– Bebo – disse ele – à saúde dos que repousam enterrados, em torno de nós.

– E eu para que você tenha vida longa. Tomou-me de novo o braço e prosseguimos. – Estas cavernas – disse-me – são extensas.

– Os Montresor – respondi – formavam uma família grande e numerosa.

– Esqueci qual o seu brasão.

– Um grande pé de ouro, em campo azul. O pé esmaga uma serpente ameaçadora, cujas presas se acham cravadas no salto.

– E a divisa?

– *Nemo me impune lacessit.* (**Ninguém me fere impunemente.**)

– Muito bem! – exclamou.

O vinho brilhava em seus olhos e os guizos retiniam. Minha própria imaginação se animou, devido ao Medoc. Através de paredes de ossos empilhados, entremeados de barris e tonéis, penetramos nos recintos mais profundos das catacumbas. Detive-me de novo e, dessa vez, me atrevi a segurar Fortunato pelo braço, acima do cotovelo.

- Por que Montresor segurou Fortunato pelo braço?
- Por que Montresor disse a frase “**Ninguém me fere impunemente**”?
- O que você acha que vai acontecer?

✓ Leia o oitavo trecho:

– O salitre! – exclamei. – Veja como aumenta. Prende-se, como musgo, nas abóbadas. Estamos sob o leito do rio. As gotas de umidade filtram-se por entre os ossos. Vamos. Voltemos, antes que seja tarde demais. Sua tosse...

– Não é nada – respondeu ele. – Prossigamos. Mas, antes, tomemos outro gole do Medoc.

Parti o gargalo de uma garrafa de vinho De Grève a dei-a a Fortunato. Ele a esvaziou de um trago. Seus olhos cintilaram com brilho ardente. Pôs-se a rir e atirou a garrafa para o ar, com gesticulação que não compreendi.

- O que será que significa esse gesto de Fortunato?

✓ Leia o nono trecho:

Olhei-o, surpreso. Repetiu o movimento, um movimento grotesco.

– Você não compreende? – perguntou.

– Não, não compreendo – respondi.

– Então é porque você não pertence à irmandade.

– Como?

– Não pertence à maçonaria.

– Sim, sim. Pertenço.

– Você? Impossível! Um maçom?

– Um **maçom** – respondi.

– Prove-o – disse ele.

- Alguém sabe o que é ou poderia ser um **maçom**?

✓ Leia o décimo trecho:

– Eis aqui – respondi, tirando de debaixo das dobras de meu *roquelaire* uma colher de pedreiro.

- Por que Montresor está com uma colher de pedreiro?
- O que ele irá fazer com ela?

✓ Leia o décimo primeiro trecho:

– Você está gracejando! – exclamou recuando alguns passos. – Mas prossigamos: vamos ao Amontillado. – Está bem – disse eu, guardando outra vez a ferramenta debaixo da capa e oferecendo-lhe o braço. Apoiou-se pesadamente em mim. Continuamos nosso caminho, em busca do Amontillado. Passamos através de uma série de baixas abóbadas, descemos, avançamos ainda, tornamos a descer e chegamos, afinal, a uma profunda **cripta**, cujo ar, rarefeito, fazia com que nossas velas bruxuleassem, ao invés de arder normalmente.

Na extremidade mais distante da cripta aparecia uma outra, menos espaçosa. Despojos humanos empilhavam-se ao longo de seus muros, até o alto das abóbadas, à maneira das grandes **catacumbas** de Paris. Três dos lados dessa cripta eram ainda adornados dessa maneira. Do quarto, os ossos haviam sido retirados e jaziam espalhados pelo chão, formando, num dos cantos, um monte de certa altura. Dentro da parede, que, com a remoção dos ossos, ficara exposta, via-se ainda outra cripta ou recinto interior, de uns quatro pés de profundidade, três de largura e seis ou sete de altura. Não parecia haver sido construída para qualquer uso determinado, mas constituir apenas um intervalo entre os dois enormes pilares que sustinham a cúpula das catacumbas, tendo por fundo uma das paredes circundantes de sólido granito.

Foi em vão que Fortunato, erguendo sua vela bruxuleante, procurou divisar a profundidade daquele recinto. A luz, fraca, não nos permitia ver o fundo.

– Continue – disse-lhe eu. – O Amontillado está aí dentro. Quanto a Luchesi...

– É um ignorante – interrompeu o meu amigo, enquanto avançava com passo vacilante, seguido imediatamente por mim.

- Alguém sabe o que é uma **cripta**?
- O que são **catacumbas**?
- O que você acha que vai acontecer agora?

✓ Leia o décimo segundo trecho:

Num momento, chegou ao fundo do nicho e, vendo o caminho interrompido pela rocha, deteve-se, estupidamente perplexo. Um momento após, eu já o havia acorrentado ao granito, pois que, em sua superfície, havia duas argolas de ferro, separadas uma da outra, horizontalmente, por um espaço de cerca de dois pés. De uma delas pendia uma corrente; da outra, um cadeado. Lançar a corrente em torno de sua cintura, para prendê-lo, foi coisa de segundos. Ele estava demasiado atônito para oferecer qualquer resistência.

- Por que Fortunato ficou perplexo?
- Por que Fortunato não oferecia resistência?
- O que se passou na cabeça de Fortunato?
- O que vai acontecer?

- ✓ Leia o décimo terceiro trecho:

Retirando a chave, recuei alguns passos.

– Passe a mão pela parede – disse-lhe eu. – Não poderá deixar de sentir o salitre. Está, com efeito, muito úmida. Permita-me, ainda uma vez, que lhe implore para voltar. Não? Então, positivamente, tenho de deixá-lo. Mas, primeiro, devo prestar-lhe todos os pequenos obséquios ao meu alcance.

– O Amontillado! – exclamou o meu amigo, que ainda não se refizera de seu assombro.

– É verdade – respondi –, o Amontillado.

E, dizendo essas palavras, pus-me a trabalhar entre a pilha de ossos a que já me referi. Jogando-os para o lado, deparei logo com uma certa quantidade de pedras de construção e argamassa. Com este material e com a ajuda de minha colher de pedreiro, comecei ativamente a tapar a entrada do nicho.

- Por que ele está fazendo uma parede?

- ✓ Leia o décimo quarto trecho:

Mal assentara a primeira fileira de minha obra de pedreiro quando descobri que a embriaguez de Fortunato havia, em grande parte, se dissipado. O primeiro indício que tive disso foi um lamentoso grito, vindo do fundo do nicho. Não era o grito de um homem embriagado. Depois, houve um longo e obstinado silêncio. Coloquei a segunda, a terceira e a quarta fileiras. Ouvi, então, as furiosas sacudidas da corrente. O ruído prolongou-se por alguns minutos, durante os quais, para deleitar-me com ele, interrompi o meu trabalho e sentei-me sobre os ossos. Quando, por fim, o ruído cessou, apanhei de novo a colher de pedreiro e acabei de colocar, sem interrupção, a quinta, a sexta e a sétima fileiras. A parede me chegava, agora, até a altura do peito. Fiz uma nova pausa e, segurando a vela por cima da obra que havia executado, dirigi a fraca luz sobre a figura que se achava no interior.

- Por que a embriaguez de Fortunato havia se dissipado?
- Por que não era mais o grito de um homem embriagado? De que era esse grito?
- Por que houve um momento de silêncio?
- Por que as correntes sacudiram?
- Por que ele dirigiu a luz sobre o homem? O que ele queria ver?

- ✓ Leia o décimo quinto trecho:

Uma sucessão de gritos altos e agudos irrompeu, de repente, da garganta do vulto acorrentado, e pareceu impelir-me violentamente para trás. Durante breve instante, hesitei... tremi. Saquei de minha espada e pus-me a desferir golpes no interior do nicho; mas um momento de reflexão bastou para tranquilizar-me. Coloquei a mão sobre a parede maciça da catacumba e senti-me satisfeito. Tornei a aproximar-me da parede e respondi aos gritos daquele que clamava. Repeti-os, acompanhei-os e os venci em volume e em força. Fiz isso, e o que gritava acabou por silenciar.

Já era meia-noite, a minha tarefa chegava ao fim. Completara a oitava, a nona e a décima fileiras. Havia terminado quase toda a décima primeira – e restava apenas uma pedra a ser colocada e rebocada em seu lugar. Ergui-a com grande esforço, pois que pesava muito, e coloquei-a, em parte, na posição a que se destinava. Mas, então, saiu do nicho um riso abafado que me pôs os cabelos em pé. Seguiu-se-lhe uma voz triste, que tive dificuldade em reconhecer como sendo a do nobre Fortunato. A voz dizia:

- Por que houve essa sucessão de gritos?

- Por que Montresor hesitou e tremeu?
- O que Fortunato vai dizer?

✓ Leia o décimo quinto trecho:

– Ah! ah! ah! ... eh! eh! eh! ... Esta é uma boa piada... uma excelente piada! Vamos rir muito no palazzo por causa disso ... ah! ah! ah! ... por causa do nosso vinho... ah! ah! ah!

– O Amontillado! – disse eu.

– Ah! ah! ah! ... sim, sim ... o Amontillado. Mas não está ficando tarde? Não estarão nos esperando no palácio... a Sra. Fortunato e os outros? Vamos embora.

– Sim – respondi –, vamos embora.

– Pelo amor de Deus, Montresor!

– Sim – respondi –, pelo amor de Deus!

Mas esperei em vão qualquer resposta a estas palavras. Impacientei-me.

Gritei, alto:

– Fortunato!

Nenhuma resposta.

Tornei a gritar:

– Fortunato!

Ainda agora, nenhuma resposta.

- Por que não houve resposta?
- Que resposta Montresor estaria querendo?
- E agora, o que vai acontecer?

✓ Leia o décimo sexto trecho:

Introduzi uma vela pelo orifício que restava e deixei-a cair dentro do nicho. Chegou até mim, como resposta, apenas um tilintar de guizos. Senti o coração oprimido, sem dúvida devido à umidade das catacumbas. Apressei-me para terminar o meu trabalho. Com esforço, coloquei em seu lugar a última pedra – e cobri-a com argamassa. De encontro à nova parede, tornei a erguer a antiga muralha de ossos. Durante meio século, mortal algum os perturbou.

- O que aconteceu?
- Por que Montresor fez isso com o amigo?
- O que vocês acham da atitude de Montresor?
- O que fariam se estivessem no lugar dele?
- O coração de Montresor estaria apertado apenas “devido à umidade das catacumbas”?
- O que vocês fariam se estivessem no lugar de Fortunato?
- Quem nos conta a história é Montresor. Na opinião de vocês, isso influencia o que sentimos enquanto estamos lendo o conto?
- Como seria se a história fosse contada por Fortunato?
- O que vocês pensam sobre a vingança?

APÓS A LEITURA

- ✓ Explore com os alunos suas interpretações sobre o conto e também seus juízos estéticos e apreciações sobre o que acabaram de ler.
- ✓ Antes de finalizar a aula, indague se eles se sentiram desafiados e estimulados pela leitura. Em caso positivo, pergunte por que acham que se sentiram assim (pelo tema abordado no conto? Pelos personagens? Pela forma como o enredo se desenrola?).

EDGAR ALLAN POE

Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um poeta, escritor, romancista, crítico literário e editor norte-americano. Escreveu contos sobre mistério, inaugurando um novo gênero e estilo na literatura.

Edgar Allan Poe nasceu em Boston, nos Estados Unidos, no dia 19 de janeiro de 1809. Filho dos atores de teatro David Poe e Elizabeth Arnold, ficou órfão de mãe e seu pai abandonou a família. Foi acolhido, mas nunca foi formalmente adotado, por uma família de ricos comerciantes de Baltimore, na Virgínia, que lhe proporcionaram uma educação de qualidade, dos melhores professores da época.

Edgar Allan Poe deixou poemas, contos, romance, temas policiais e de horror. Muitas de suas obras exploram a temática do sofrimento causado pela morte. É considerado o criador do conto policial. O poeta acreditava que nada seria mais romântico que um poema sobre a morte de uma mulher bonita. Seus poemas mergulham na tristeza e as narrativas em temas de horror. Suas obras foram um marco para a literatura norte-americana contemporânea, com destaque para “Contos do Grotesco e Arabesco” – publicado na França com o título de “Histórias Extraordinárias” (1837), contos que influenciaram diversas gerações de escritores de livros de suspense e terror – e os poemas “O Corvo” (1845) e “Annabel Lee” (1849).

Entre suas obras, destacam-se também *A queda da casa dos Usher* (1839), *Os crimes da Rua Morgue* (1841), *A máscara da morte escarlate* (1842), *O coração delator* (1843), *O gato preto* (1843) e *O barril de Amontillado* (1846).

Edgar Allan Poe faleceu numa taberna, em Baltimore, em decorrência de doenças provocadas pelo álcool, no dia 7 de outubro de 1849.

Disponível em: <<http://bit.ly/biografiapoe>>. Acesso em: 28 out. 2018.





AULAS 3 E 4

JOGO DA TRILHA: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS – A "MÃO DO MACACO", DE W. W. JACOBS

JOGO DA TRILHA: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS –

A MÃO DO MACACO, DE W. W. JACOBS

Nas páginas a seguir, está disponibilizado o conteúdo do jogo:

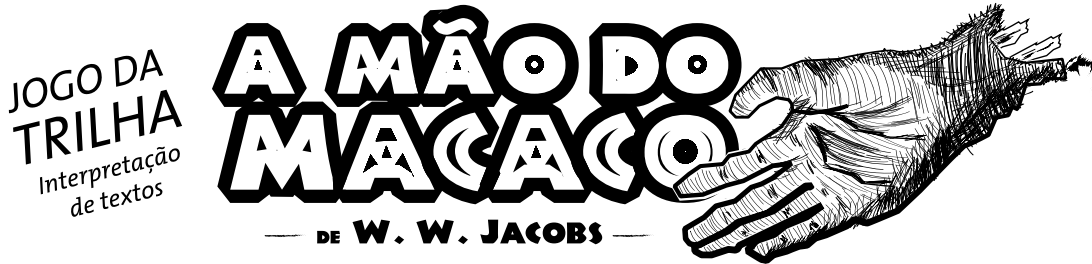
- ✓ tabuleiro (encarte);
- ✓ dado e pinos de papel (recortar, montar e colorir);
- ✓ ficha com as regras do jogo (recortar);
- ✓ conjunto de cartas com as perguntas a ser distribuído para cada grupo de jogadores (recortar);
- ✓ ficha com as perguntas e respostas a ser distribuída para o(a) mediador(a) de cada grupo.

DICAS PARA MONTAR O DADO E OS PINOS DE PAPEL

- ✓ Para confeccionar o dado e o pino de papel, tire fotocópias das imagens disponibilizadas a seguir. Faça a fotocópia em papel de uma gramatura maior que a do sulfite comum, ou, se preferir, cole cada cópia em uma cartolina.
- ✓ Recorte as figuras seguindo as linhas contínuas.
- ✓ Dobre o papel cuidadosamente em todas as linhas tracejadas.
- ✓ Passe cola nas abas de colagem de cada figura.
- ✓ Una os lados dobrados, dando a eles a forma de cubo, no caso do dado, e de prisma para o pino.
- ✓ Aguarde alguns minutos para que a cola se seque.



Professor(a), se você quiser, pode fazer a montagem das peças com a turma. Se achar que o corte e colagem serão muito complicados para os alunos, eles podem ajudar na colorização dos pinos, utilizando canetinhas, lápis de cor, etc. Certamente vão curtir muito esse momento!



REGRAS DO JOGO

O Jogo da Trilha: Interpretação de Textos pode ser jogado por até cinco jogadores, sendo um deles o mediador. O mediador será responsável por ler as perguntas para os colegas. Cada jogador ficará com um pino e deve lançar os dados para começar. Iniciará aquele que conseguir obter o maior valor. Os participantes têm 30 segundos para responder às perguntas contidas nos cartões. Vencerá aquele que conseguir chegar primeiro à última casa.

MODO DE JOGAR

Escolha um(a) colega para ser o(a) mediador(a) do seu grupo.

O(a) mediador(a) deve ler as regras para os demais jogadores do grupo.

Os participantes lerão coletivamente o texto antes de começarem a jogar.

Cabe ao(a) mediador(a) ler as perguntas e conferir as respostas dos colegas.

Cada jogador terá um pino para “andar” pelas casas da trilha. (Obs.: os pinos devem ter cores diferentes, para se diferenciarem.)

Inicialmente, todos os jogadores lançam o dado. O jogador que tirar o maior número de pontos começará o jogo, avançando o número de casas correspondente ao indicado no dado. O(a) mediador(a) deverá pegar a carta com o número da casa indicado e ler a pergunta para o jogador, que terá 30 segundos para responder (ex.: o jogador “caiu” na casa 7. A pergunta lida será a de número 7 na ficha de perguntas). Se ele acertar a pergunta, deverá avançar uma casa; se errar, deverá voltar uma casa. Se ele não conseguir responder em 30 segundos, também deverá voltar uma casa.

Na sequência, participam os jogadores que inicialmente tiraram números menores no dado, sucessivamente. Em caso de empate, os jogadores devem jogar o dado novamente.

Vencerá o jogador que chegar primeiro ao final da trilha.

OBSERVAÇÕES

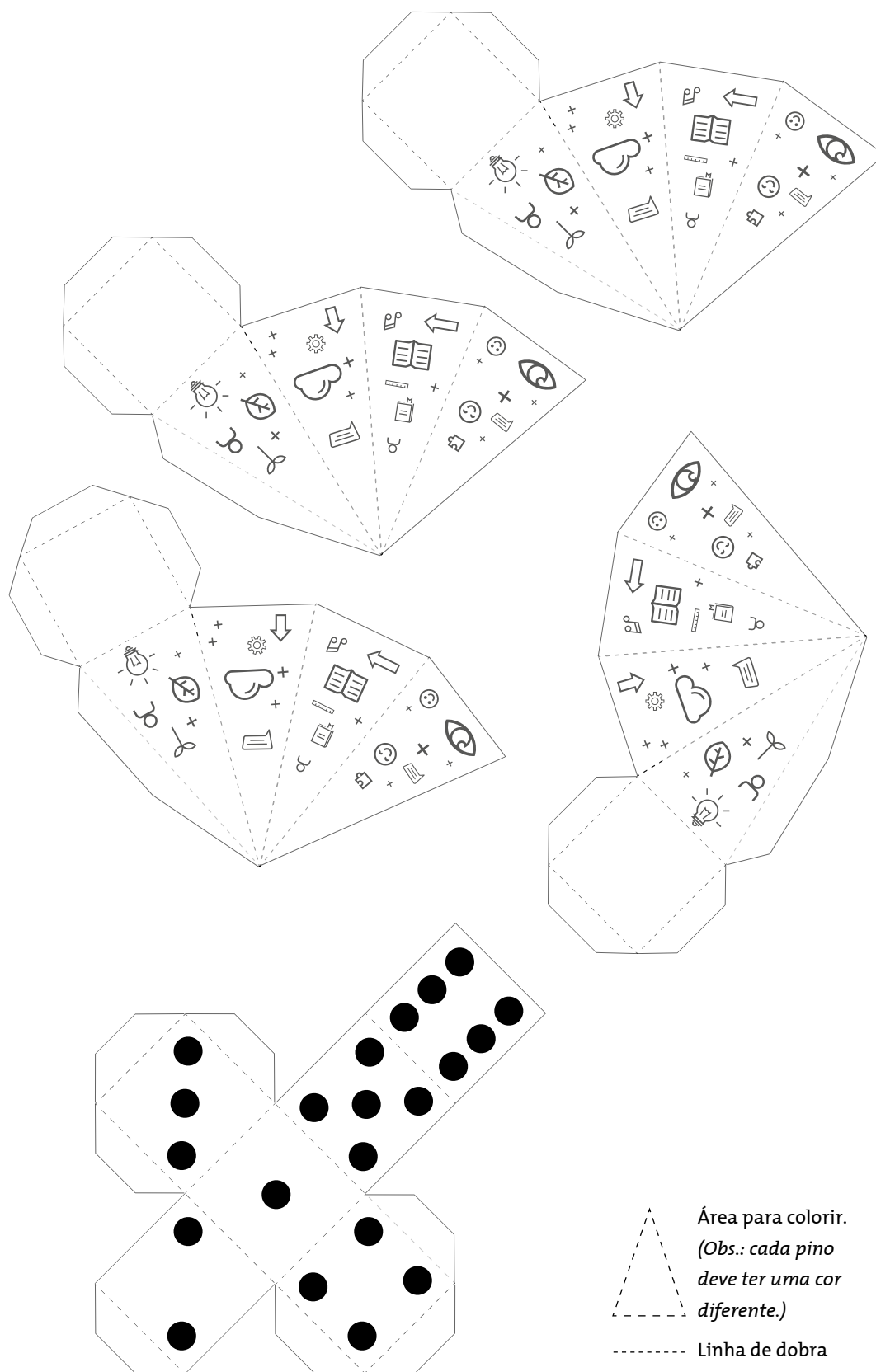
Caso um jogador chegue a uma casa em que não há indicação de pergunta, ele receberá uma tarefa surpresa ou então deverá seguir a orientação presente na casa.

Quando um jogador “cair” na casa com a indicação “Escolha um colega e faça uma pergunta sobre o texto para ele”, o jogador deverá escolher um colega e, caso o colega acerte, este deverá avançar uma casa. Caso erre, deverá retroceder uma casa. Se o jogador não conseguir fazer uma pergunta, ou se repetir uma pergunta já respondida, deverá voltar uma casa.

CONJUNTO DE CARTAS COM AS PERGUNTAS PARA SER REPRODUZIDO

1 O lugar onde os protagonistas moravam era de fácil ou difícil acesso?	13 Quanto a família recebe de compensação pela morte de Herbert?
2 O que o sr. White e o filho estão fazendo quando alguém bate à porta?	14 Qual é o clímax (momento de maior tensão do conto)?
3 Quem chega na casa da família White?	15 Qual pode ter sido o segundo desejo feito à mão? Por quê?
4 Em que país Morris esteve, na guerra?	TAREFA SURPRESA: procure no dicionário o significado da palavra gelosia .
5 O que Morris tira do bolso?	TAREFA SURPRESA: procure no dicionário o significado da palavra cerrado .
6 O que tem de especial na mão do macaco?	TAREFA SURPRESA: procure no dicionário o significado da palavra faquir .
7 Morris teve seus desejos atendidos pela mão?	TAREFA SURPRESA: procure no dicionário o significado da palavra rubicundo .
8 O que Morris faz com a mão depois de mostrá-la ao sr. White?	TAREFA SURPRESA: procure no dicionário o significado da palavra denodado .
9 O que o sr. White faz quando Morris atira a mão do macaco no fogo?	TAREFA SURPRESA: procure no dicionário o significado da palavra alheadamente .
10 Qual é o conselho de Morris para a família?	TAREFA SURPRESA: explique o significado da palavra colhido no contexto em que aparece no conto.
11 Qual o primeiro pedido da família White?	TAREFA SURPRESA: procure saber o significado da expressão de gatas .
12 O que acontece com o filho?	TAREFA SURPRESA: invente um final alternativo para o conto caso o sr. White não tivesse conseguido fazer o terceiro pedido à mão do macaco.

DADO E PINOS PARA JOGAR



-  Área para colorir.
 (Obs.: cada pino deve ter uma cor diferente.)
-  Linha de dobra
-  Linha de corte
-  Área de colagem

FICHA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS PARA O(A) MEDIADOR(A)

1 | O lugar onde os protagonistas moravam era de fácil ou difícil acesso? *Resposta: A Vila Lakesnam ficava em um lugar de difícil acesso, uma estrada "fora de mão" com apenas duas casas alugadas.*

13 | Quanto a família recebe em compensação pela morte de Herbert? *Resposta: Duzentas libras.*

2 | O que o sr. White e o filho estão fazendo quando alguém bate à porta? *Resposta: Os dois estão jogando xadrez.*

14 | Qual é o clímax (momento de maior tensão) do conto? *Resposta: Quando algo aparentemente ameaçador começa a bater fortemente à porta da família.*

3 | Quem chega na casa da família White? *Resposta: O sargento-major Morris.*

15 | Qual pode ter sido o terceiro desejo feito à mão? Por quê? *Resposta: O conto não diz qual foi o desejo, mas pode ter sido para que a criatura morresse, pois, após o pedido, o barulho cessa, e a sra. White chora ao abrir a porta.*

4 | Em que país Morris esteve, na guerra? *Resposta: Na Índia.*

5 | O que Morris tira do bolso? *Resposta: Uma mão de macaco.*

6 | O que tem de especial na mão do macaco? *Resposta: Ela era encantada e capaz de realizar, a três pessoas diferentes, três desejos.*

7 | Morris teve seus desejos atendidos pela mão? *Resposta: Sim, mas se pudesse pedir mais três desejos, talvez ele não pedisse.*

8 | O que Morris faz com a mão depois de mostrá-la ao sr. White? *Resposta: Ele atira a mão ao fogo.*

9 | O que o sr. White faz quando Morris atira a mão do macaco ao fogo? *Resposta: O sr. White rapidamente puxa a mão de volta.*

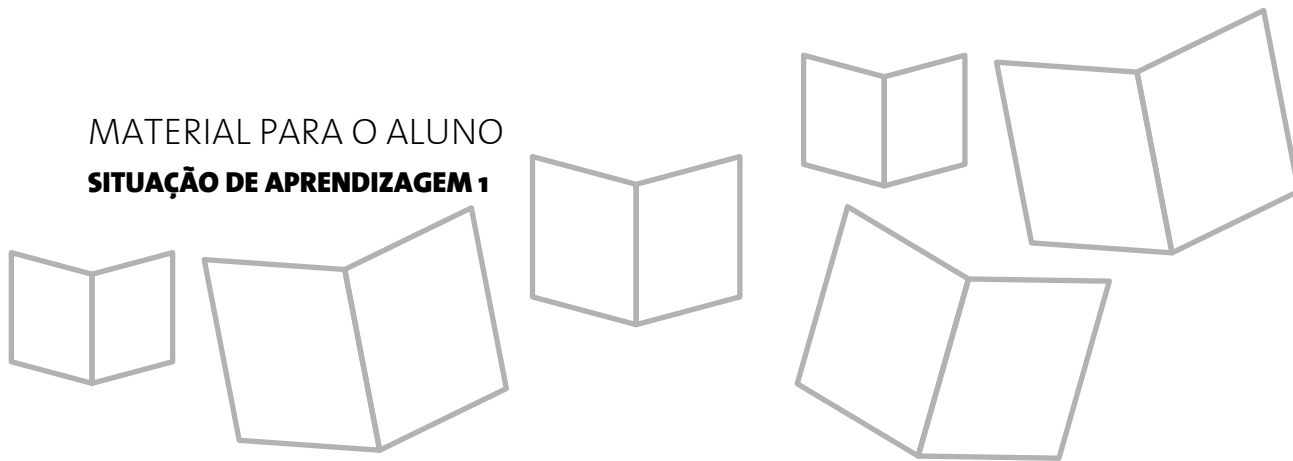
10 | Qual é o conselho de Morris para a família? *Resposta: Que a família não utilize a mão e a queime.*

11 | Qual foi o primeiro pedido da família White? *Resposta: O sr. White pede duzentas libras para completar o pagamento da hipoteca da casa.*

12 | O que acontece com o filho? *Resposta: Ele é atingido por uma máquina durante o trabalho e morre.*

MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1



AULAS 3 E 4

JOGO DA TRILHA: INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS –
"A MÃO DO MACACO", DE W. W. JACOBS

A MÃO DO MACACO | W. W. Jacobs

Lá fora, a noite era fria e úmida, mas, na pequena sala de estar da Vila Lakesnam, as **gelosias** estavam **cerradas** e o fogo brilhava alegremente. Pai e filho estavam jogando xadrez, e o primeiro, que possuía ideias sobre o jogo, envolvendo uma mudança radical de tática, punha o rei em tão desesperados e desnecessários perigos que provocou comentários até da velha senhora de cabelos brancos, que estava fazendo, placidamente, crochê perto do fogo.

– Escuta esse vento! – disse o sr. White, que, tendo notado um erro fatal quando já era tarde demais, desejava evitar, com habilidade, que o filho o notasse também.

– Estou escutando – disse o outro, observando atentamente o tabuleiro, ao mesmo tempo que estendia a mão. – Xeque!

– Estava achando muito difícil que ele viesse esta noite – disse o pai, com a mão erguida sobre o tabuleiro.

– Matei – prosseguiu o filho.

– Isso é o que tem de pior, viver assim tão afastado! – vociferou o sr. White, com súbita e inesperada violência. – De todos os lugares idiotas, lamacentos e fora de mão para se morar, este é o pior. O caminho é um atoleiro e, a estrada, um rio. Não sei o que essa gente pensa. Acho que, porque somente duas casas da estrada estão alugadas, entendem que não tem importância.

– Não te importes, querido – disse-lhe a esposa, conciliatoriamente – talvez ganhes a próxima partida.

O sr. White ergueu bruscamente a vista, em tempo de interceptar um olhar de compreensão, trocado entre mãe e filho. As palavras morreram-lhe nos lábios, e escondeu um sorriso contrafeito, na barba rala, grisalha.

– Aí está ele! – exclamou Herbert White, ao ouvir o portão bater com estrondo e pesados passos, que vinham em direção à porta.

O velho levantou-se com solicitude hospitaleira, e, enquanto abria a porta, puderam ouvi-lo lastimando-se do tempo, com o recém-chegado. Este também se lastimou, de maneira que a sra. White disse: “*Chut! Chut!*” e tossiu de leve, quando o marido entrou no aposento, seguido por um homem alto e corpulento, de olhos salientes e faces **rubicundas**.

– Sargento-major Morris – disse, apresentando-o. O major trocou apertos de mão, e, tomando a cadeira oferecida junto ao fogo, observou, com satisfação, que o anfitrião trazia uísque e copos e punha uma pequena chaleira de cobre no fogo.

Ao terceiro copo, seus olhos ficaram mais brilhantes e começou a falar, enquanto o pequeno círculo da família olhava, com agudo interesse, aquele visitante de terras longínquas, que encostava os ombros robustos no espaldar da cadeira, falando de cenas estranhas e feitos **denodados**, de guerras e pestes e de povos exóticos.

– Vinte e um anos disto – disse o sr. White, acenando, com a cabeça, para a esposa e o filho. – Quando partiu, era um belo moço, no armazém. Agora, olhem para ele.

– Não parece ter-se dado muito mal – observou a sra. White delicadamente.

– Eu gostaria de ir à Índia, também, – disse o velho cavalheiro – só para ver como aquilo é, sabem?

– Foi melhor ficar por aqui mesmo – retrucou o major, abanando a cabeça. Pousou o copo vazio e, suspirando de leve, sacudiu-a outra vez.

– Gostaria de ver aqueles velhos templos, e **faquires**, e pelotiqueiros – insistiu o velho. – O que era que ia começar a contar-me no outro dia, a respeito de uma mão de macaco, ou coisa que o valha, Morris?

– Nada – respondeu o soldado, muito depressa. – Pelo menos, nada que valha a pena ouvir-se.

– Mão de macaco? – indagou a sra. White, com curiosidade.

– Bem, apenas o que se poderia chamar magia, talvez – respondeu o major, de maneira vaga.

Seus três ouvintes curvaram-se para a frente, interessados. O visitante, **alheadamente**, levou o copo vazio aos lábios e depois tornou a pousá-lo. O anfitrião encheu-o de novo.

– À simples vista – disse o major, remexendo no bolso – é apenas uma pequena mão comum, seca e mumificada.

Tirou qualquer coisa do bolso e exibiu-a. A sra. White recuou, com uma careta, mas o filho, pegando no objeto, examinou-o com curiosidade.

– E que é que há de especial nela? – perguntou o sr. White, tomando-a das mãos do filho e pousando-a sobre a mesa, depois de examiná-la.

– Possui um encantamento, que lhe foi posto por um velho faquir – explicou o major – um homem muito velho. Queria mostrar que o destino segue a vida dos homens e que aqueles que interferem com ele o fazem para seu próprio mal. Pôs-lhe um encantamento, para que três homens distintos pudessem satisfazer, cada um, três desejos.

Suas maneiras eram tão impressionantes que os ouvintes tinham a consciência de que seus risos alegres soavam um pouco falsos.

– Bem, e por que não formula três desejos, senhor? – perguntou Herbert White, inteligentemente.

O soldado olhou-se, da maneira que um homem de meia-idade olha para a mocidade presunçosa.

– Já formulei... – disse, devagar, e o seu rosto corado empalideceu.

– E obtive, realmente, que esses três desejos se realizassem? – perguntou o sr. White.

– Obtive – respondeu o major, e o copo tilintou de encontro aos seus dentes brancos. – E alguém mais já desejou? – O primeiro homem também satisfaz seus três desejos, sim... – foi a resposta. – Não sei quais

foram os dois primeiros, mas o terceiro foi a morte. Foi assim que obtive a mão. Seu tom era tão grave que um silêncio caiu sobre o grupo.

– Se já obtive os seus três desejos, não lhe serve para mais nada; então, Morris, – disse o velho, por fim, para que a conserva?

O soldado abanou a cabeça. – Fantasia, suponho – disse, devagar. – Tive uma vaga ideia de vendê-la, mas não creio que o faça. já causou infortúnios demais. Além disso, ninguém a compraria. Alguns acham que é uma história fantástica, e os que acreditam alguma coisa dela, querem experimentar primeiro e pagar-me depois.

– Se pudesse formular outros três desejos, perguntou o velho, fitando-o atentamente, você o faria?

– Não sei, – respondeu o outro, não sei. Pegou na mão, e, balançando-a entre o indicador e o polegar, jogou-a de súbito no fogo. White, com um pequeno grito, curvou-se e tirou-a. – É melhor que a deixe queimar-se – sentenciou o soldado, solenemente. – Se não a quer, Morris, – pediu o velho – dê-me. – Não farei isso – respondeu o amigo, com rabugice. Atirei-a ao fogo. Se a quiser guardar, não me censure pelo que possa acontecer. Jogue-a no fogo de novo, como um homem de juízo.

O outro abanou a cabeça e examinou atentamente sua nova aquisição. – Como se faz? – perguntou.

– Segura-se levantada, com a mão direita, e faz-se o pedido em voz alta – disse o major – mas, previno-o... contra as consequências.

– Parece coisa das *Mil e uma noites* – exclamou a sra. White, enquanto se levantava e começava a preparar tudo para a ceia. – Não achas que poderias desejar quatro mãos para mim?

O marido tirou o talismã do bolso e, então, os três desataram a rir, enquanto o major, com um ar de susto no rosto, o segurava pelo braço.

Se quer formular um pedido, – disse-lhe, severamente – faça-o de maneira inteligente.

O sr. White deixou cair de novo o talismã no bolso, e, chegando as cadeiras, conduziu o amigo à mesa. Com o entretenimento da ceia, o objeto foi em parte esquecido, e, depois, os três ficaram sentados, escutando, atentos, uma segunda série das aventuras do soldado da Índia.

– Se a história a respeito da mão do macaco não for mais verdadeira do que as outras que ele nos esteve contando – disse Herbert, quando a porta se fechou às costas do hóspede, apenas em tempo para este apanhar o último trem – não conseguiremos grande coisa com ela.

– Deste-lhe alguma coisa por ela, meu velho? – perguntou a sra. White, olhando para o marido, com atenção.

– Uma bagatela – respondeu ele, corando de leve. – Não queria aceitar, mas obriguei-o. E insisti de novo comigo para que a jogasse fora.

– Não faça isso! – exclamou Herbert, com pretense horror. – Ora essa! Vamos ficar ricos, famosos e felizes. Deseje ser imperador, papai, para começar; depois, não poderá ser dominado pela esposa.

Correu em volta da mesa, perseguido pela indignada sra. White, armada de uma vassoura.

O sr. White tirou a mão de macaco do bolso e olhou para ela, indeciso.

– Não sei o que hei de desejar, esta é a verdade... disse, lentamente. – Parece-me que tenho tudo o que quero.

– Se liquidasse a hipoteca da casa, seria completamente feliz, não é verdade? – sugeriu Herbert, pousando-lhe a mão no ombro. – Pois bem, deseje duzentas libras, então; é justamente o que falta.

O pai, sorrindo, meio envergonhado da própria credulidade, ergueu o talismã, enquanto o filho, com ar solene, que um piscar de olhos à mãe desmentia, sentava-se ao piano e fazia soar alguns acordes majestosos.

– Desejo ter duzentas libras – pediu o velho, em voz alta. Uma bela ressonância do piano saudou aquelas palavras, interrompida por um grito assustado do velho. O filho e a esposa correram para ele. – Mexeu-se!... – exclamou ele, com um olhar de receio para o objeto que jazia no chão.

– Quando formulei o desejo, contraiu-se-me na mão qual uma cobra. – Bem, não vejo o dinheiro... e aposto que nunca o verei – atalhou o moço.

– Deve ter sido impressão tua, meu velho – disse a esposa, olhando para ele com ansiedade. O marido abanou a cabeça.

– Não importa, porém. Não aconteceu nada de mau, mas levei um choque, assim mesmo.

Sentaram-se novamente, junto ao fogo, enquanto os dois homens acabavam de fumar seus cachimbos. Lá fora, o vento estava mais forte do que nunca, e o velho teve um sobressalto nervoso ao som de uma porta batendo no primeiro andar. Um silêncio insólito e deprimente pesou sobre os três, e prolongou-se até que o casal de velhos se levantou para recolher-se.

– Espero que encontre o dinheiro amarrado em um grande maço, no meio da cama, – gracejou Herbert, ao curvar-se para dizer-lhes boa noite – e qualquer coisa terrível agachada em cima do guarda-roupa, espiando-o, enquanto o senhor se apossa da fortuna mal ganha.

Na manhã seguinte, na claridade do sol de inverno iluminando a mesa do café, Herbert riu-se do susto dos pais. Havia um ar de saudável banalidade, no aposento, que faltava na noite anterior, e a pequena mão de macaco, suja e enrugada, estava pousada sobre o aparador, com um pouco caso que não demonstrava grande fé nas suas virtudes.

– Suponho que todos os soldados são a mesma coisa – disse a sra. White. – Que ideia, a nossa, de dar ouvidos a tais contrassensos! Como poderiam realizar-se simples desejos, hoje em dia? E, se pudessem, como haveriam de fazer-te mal duzentas libras, meu velho?

– Podiam cair-lhe do céu na cabeça – chasqueou o frívolo Herbert.

– Morris contou que as coisas aconteciam tão naturalmente – disse o pai – que se poderia, querendo, atribuí-las a mera coincidência.

– Bem, não vá gastar o dinheiro todo antes que eu esteja de volta – recomendou Herbert, levantando-se da mesa. – Receio que se transforme em um mesquinho avarento e que tenhamos de desconhecê-lo.

A mãe riu-se, e, acompanhando-o até a porta, observou-o enquanto seguia pela estrada abaixo, e depois, voltando à mesa do café, divertiu-se muito às custas da credulidade do marido. O que não a impediu de precipitar-se para a porta, quando o carteiro bateu, e nem tampouco de resmungar qualquer coisa sobre maiores reformados, de hábitos biliosos, quando verificou que o correio lhe trazia apenas uma conta do alfaiate.

– Herbert vai dizer mais algumas pilhérias, espero, quando voltar – disse ela, quando se sentavam para jantar.

– Imagino que sim, – concordou o sr. White, mas, servindo-se de cerveja, seja como for, aquela coisa mexeu-se na minha mão; isso eu posso jurar.

– Pensaste que se moveu – observou a velha senhora, meigamente.

– Digo que se mexeu! – replicou o outro. – Não resta a menor dúvida. Eu tinha... que foi?

A esposa não respondeu. Estava observando os misteriosos movimentos de um homem, lá fora, que, espreitando de maneira indecisa para a casa, parecia estar tentando resolver-se a entrar. Em conexão mental com as duzentas libras, notou que o estranho estava bem vestido e usava uma cartola de seda, brilhante e nova. Três vezes parou ao portão, mas, depois, se afastou de novo. Da quarta vez, parou com a mão pousada nele, e, com súbita resolução, abriu-o e caminhou em direção à casa. A sra. White, no mesmo instante, levou as mãos às costas e, desatando apressadamente os cordões do avental, colocou aquela útil peça de roupa sob a almofada da sua cadeira.

Trouxe o estranho, que parecia pouco à vontade, para dentro do aposento. Ele olhava furtivamente para a sra. White, e escutava, com ar preocupado, enquanto a velha senhora pedia desculpas pela aparência da sala, e pelo sobretudo do marido, um agasalho que, geralmente, ele reservava para o jardim. Ela esperou, tão pacientemente quanto o seu sexo o permitia, que o homem desembuchasse o que tinha para dizer, mas, a princípio, ele conservou-se num silêncio embaraçado.

– Pediram-me... para vir aqui – disse, por fim, e curvou-se para tirar um fiapo de algodão das calças. Venho de parte de Naw & Naggins.

A velha senhora sobressaltou-se. – Que foi? – perguntou, com a respiração alterada. Aconteceu alguma coisa a Herbert? Que é? Que é? O marido interpôs-se. – Vamos, vamos, minha velha – disse, apressadamente. – Senta-te, e não tires conclusões antecipadas. Não é portador de más notícias, estou certo, senhor – e observava o outro atentamente.

– Sinto muito... – começou o visitante. – Está ferido? – perguntou a mãe.

O visitante curvou-se, confirmando. – Gravemente ferido, mas já não sofre coisa alguma. – Oh! Graças a Deus! – exclamou a velha senhora, juntando as mãos. – Graças a Deus, por isso. Graças... – Interrompeu-se de súbito, ao perceber o sinistro significado da afirmativa do outro e viu a terrível confirmação dos seus receios na cara compungida que ele fez. Suspendeu a respiração, e voltando-se para o marido, menos vivo em compreender do que ela, pousou a mão trêmula na dele.

Houve um longo silêncio. – Foi **colhido** por uma máquina, disse o visitante por fim, em voz baixa.

– Colhido por uma máquina – repetiu o sr. White, de maneira vaga.

– Sim.

Ficou sentado, olhando confusamente pela janela; e, tomando a mão da esposa entre as suas, apertou-a como costumava fazer nos velhos tempos em que se namoravam, quase quarenta anos atrás.

– Era o único que nos restava – disse, voltando-se gentilmente para o visitante. – É duro.

O outro tossiu, e, levantando-se, caminhou lentamente até à janela. – A firma encarregou-me de transmitir-lhes a sua sincera simpatia pela grande perda que sofreram – disse, sem voltar a olhar. – Peço-lhes para compreenderem que sou apenas um empregado e que estou obedecendo a ordens recebidas.

Não houve resposta; a face da anciã estava branca, os olhos vítreos, a respiração mal audível; no rosto do marido, havia uma expressão que devia ser semelhante à do seu amigo major ao entrar pela primeira vez em ação.

– Devo-lhe dizer-lhes que a Naw & Naggins nega qualquer responsabilidade – continuou o outro. – Não admite qualquer obrigação, mas, em consideração aos serviços prestados por seu filho, deseja oferecer-lhes certa importância em dinheiro, a título de compensação.

O sr. White deixou cair a mão da esposa, e, pondo-se em pé, fitou o visitante com um olhar horrorizado. Seus lábios secos balbuciaram a palavra:

– Quanto?

– Duzentas libras – foi a resposta.

Inconsciente do grito da esposa, o ancião sorriu debilmente, estendeu as mãos feito um homem cego, e caiu, qual um farrapo, inerte, no assoalho.

No vasto cemitério novo, a umas duas milhas de distância, os anciãos enterraram o morto querido e voltaram para a casa, agora imersa em sombras e silêncio. Acontecera tudo tão rapidamente que, a princípio, mal podiam compreendê-lo, e tinham ficado em um estado de expectativa, como se alguma coisa mais devesse acontecer – alguma coisa que aliviasse aquela carga demasiado pesada para os seus velhos corações suportarem. Mas os dias se passaram, e a cruel expectativa cedeu lugar à resignação – a resignação irremediável dos velhos, às vezes erroneamente chamada apatia. Às vezes, mal trocavam uma palavra, porque agora não tinham sobre que falar, e seus dias eram longos e enfadonhos.

Foi cerca de uma semana depois daquilo que o ancião acordando de súbito, uma noite, estendeu a mão e verificou que se achava sozinho na cama. O quarto estava em trevas e vinha da janela um som de soluços abafados. Sentou-se na cama e escutou.

– Mais frio estará sentindo meu filho – respondeu a anciã, e soluçou mais alto. O som dos soluços morreu nos ouvidos dele. A cama estava quente e, seus olhos, pesados de sono. Dormitou um pouco, agitado, e depois adormeceu, até que um súbito grito selvagem da esposa o acordou em sobressalto.

– A mão do macaco! – gritava ela, selvagemmente. – A mão do macaco! – Ele despertou, alarmado.

– Onde? Onde está? Que foi que aconteceu? Ela veio cambaleando pelo quarto, em direção a ele.

– Quero-a – disse, calmamente. – Tu não a destruístes?

– Está na sala, na prateleira – respondeu ele, muito admirado. – Por quê?

Ela chorava e ria-se ao mesmo tempo e, curvando-se, beijou-o na face. – Só agora me lembrei disso – disse, histericamente. – Por que não me lembrei antes?

Por que não te lembraste tu? – Lembrar de quê?

– Dos outros dois desejos – respondeu ela, rapidamente. – Só formulamos um.

– E não foi o bastante? – perguntou ele, com violência.

– Não! – exclamou ela, triunfalmente. – Formularemos mais um. Vai lá embaixo. traze-a depressa, e manifesta o desejo de que teu filho esteja vivo de novo. – O homem sentou-se na cama e afastou as cobertas de sobre os membros trêmulos.

– Santo Deus, estás louca! – exclamou, aterrado.

– Vai buscá-la – insistiu ela. – Vai buscá-la e pede. Oh, meu filho, meu filho! O marido riscou um fósforo e acendeu a vela.

– Volta para a cama – disse, irresolutamente. – Não sabes o que estás dizendo.

– Obtivemos a realização do primeiro desejo, – disse a anciã, com fervor; – por que não havemos de obter o segundo?

– Uma coincidência... gaguejou o ancião.

– Vai buscá-la e pede – gritou a anciã, arrastando-o para a porta.

Ele desceu, no escuro, bateu o caminho para a sala e depois para o aparador. O talismã estava no seu lugar, e um horrível medo de que o desejo não formulado trouxesse o filho mutilado à sua presença, antes que ele pudesse fugir do aposento, apoderou-se do seu espírito. Susteve a respiração, quando viu que

perdera a direção da porta. Com a testa úmida de suor, encontrou o caminho em volta da mesa, e foi-se arrastando, ao longo da parede, no estreito corredor, com aquela coisa nojenta na mão.

Até o rosto da esposa pareceu-lhe mudado, quando entrou no quarto. Estava branco e **expectante**, e, para seu receio, parecia ter um ar sobrenatural. Teve medo dela.

– Pedel! – gritou ela, em voz forte.

– É uma tolice inútil – esquivou-se ele.

– Pedel! – repetiu a esposa. E ergueu a mão. – Quero meu filho vivo de novo.

O talismã caiu no assoalho e o velho fitou-o, estremecendo. Depois, deixou cair-se, tremendo, em uma cadeira, enquanto a esposa, com os olhos ardendo, se dirigia à janela e levantava a gelosia.

Ficou sentado até sentir-se enregelado de frio, olhando de vez em quando para a figura da anciã, espreitando para fora pela janela. O coto da vela, que ardera até abaixo do anel do castiçal de porcelana, lançava sombras oscilantes sobre o teto e as paredes, até que, com uma palpitação mais forte do que as outras, extinguiu-se. O ancião, com indizível sensação de alívio pelo fracasso do talismã, voltou à cama, e, um minuto ou dois após, a anciã veio, silenciosa e apática, para junto dele.

Nenhum dos dois falou e ambos ficaram deitados silenciosamente, escutando o tique-taque do relógio. Um degrau da escada estalou e um camundongo assustado correu ruidosamente por dentro da parede. A escuridão era opressiva; depois de ficar algum tempo deitado, reunindo coragem, o marido pegou na caixa de fósforos e, riscando um, desceu as escadas para buscar uma vela.

No último degrau, o fósforo apagou-se, e ele parou para acender outro, mas, naquele momento, uma batida tão leve e furtiva que mal era audível soou na porta da rua.

Os fósforos caíram-lhe das mãos. Ficou imóvel, com a respiração suspensa, até que a batida se repetiu. Então, voltou-se e correu velozmente até o quarto, fechando a porta atrás de si. Uma terceira batida ressoando pela casa.

– Que foi isto? – exclamou a anciã, sobressaltando-se.

– Um rato – disse o ancião, em voz trêmula. – Um rato. Passou por mim, nas escadas.

A esposa sentou-se na cama, escutando. Uma batida forte ressoou pela casa.

– É Herbert! – gritou ela. – É Herbert! – Correu para a porta, mas o marido colocou-se diante dela e, agarrando-a pelo braço, segurou-a com força.

– Que vais fazer? – sussurrou, asperamente.

– É meu filho, é Herbert! – gritou ela, lutando mecanicamente. – Tinha-me esquecido de que eram duas milhas de caminho. Por que me seguras? Solta-me! Tenho de abrir a porta.

– Pelo amor de Deus, não o deixes entrar! – disse o ancião, tremendo.

– Tens medo do teu próprio, filho! – exclamou ela, debatendo-se. – Deixa-me ir! Já vou, Herbert, já vou!

Houve outra batida, e mais outra. A anciã, num súbito arranco, libertou-se e saiu correndo do quarto. O marido seguiu-a até ao patamar e chamou-a insistentemente, enquanto ela corria escadas abaixo. Ouvia a corrente de segurança ser retirada e a lingueta da chave abrir-se, rangendo. Depois, a voz da anciã, áspera e palpitante.

– O ferrolho! – gritou, alto. – Desce, não posso alcançá-lo!

Mas o marido estava **de gatas**, arrastando-se ferozmente pelo chão, à procura da mão do macaco. Se pudesse ao menos encontrá-la, antes que aquela horrível coisa lá de fora entrasse! Uma verdadeira saraivada de batidas repercutiu pela casa, e ele ouviu o arrastar de uma cadeira que a esposa estava colocando junto da porta. Ouviu, ainda, o ruído do ferrolho ao ser aberto lentamente; no mesmo instante, achou a mão do macaco, e, freneticamente, bradou seu terceiro e último desejo.

As batidas pararam de súbito, embora o seu eco inundasse, ainda, a casa. Ouviu a cadeira sendo arrastada para trás e a porta abrir-se. Um vento frio encanou pelo vão das escadas, mas o longo e sonoro lamento de decepção e agonia da esposa deu-lhe coragem para descer até onde ela estava, e abriu a porta por trás dela. O lampião, que piscava em frente, mostrou-lhe a estrada, calma e deserta.

Adaptado de JACOBS, William Wymark. A mão do macaco. In: MANGUEL, Alberto (Org.). *Contos de horror do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

W. W. JACOBS

William Wymark Jacobs (1863-1943), conhecido por W. W. Jacobs, foi um renomado escritor britânico de contos e romances. Publicou seu primeiro conto em 1885. Atualmente, Jacobs é bastante celebrado por sua contribuição às histórias de terror, muito embora a maior parte de suas produções tenha tido outro tom. Suas principais publicações incluem os contos "The Monkey's Paw", "The Toll House" e "Jerry Bundler". Veja o comentário do autor Alberto Manguel, organizador do livro *Contos de horror do século XIX*, sobre a versão de "A mão do macaco" que acabamos de ler:

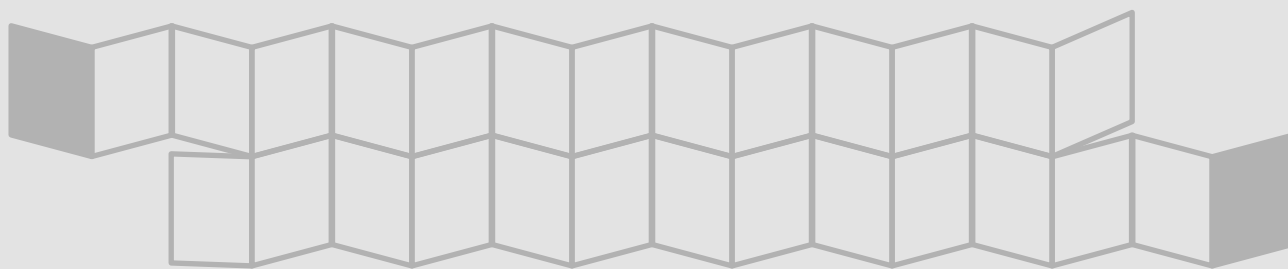
"A mão do macaco" é o conto mais antologado da literatura de horror, em todos os tempos. Obteve grande sucesso logo que foi editado, tendo sido teatralizado e adaptado para o cinema inúmeras vezes. Peças e filmes não obtiveram êxito. Mas o conto mantém, até hoje, o mesmo poder de atração alcançado em 1902, ocasião em que foi publicado.

Quando meus filhos eram pequenos, gostavam que eu lhes contasse histórias de terror. Algumas eram inventadas por mim, outras eu havia lido, e entre estas a que eles mais queriam ouvir era "A mão do macaco". Ficavam de olhos arregalados, ouvindo minha interpretação da história, que sempre era contada à noite, num lugar em penumbra – cenário e iluminação escolhidos por eles.

Cada vez que eu narrava, de memória, "A mão do macaco", introduzia uma modificação. O visitante que chegava com a mão do macaco deixava de ser um primeiro-sargento do Exército britânico na Índia para se tornar um peregrino que pedia abrigo na casa da família White devido a um temporal de neve, um velho sinistro, com barbas compridas e olhar esgazeado. E o sr. White, na minha história, queria ficar rico, e não apenas pagar a hipoteca de sua casa, conforme W. W. Jacobs. Ao sr. White não se aplica, como eu dava a entender, a fala de Timóteo, no Novo Testamento, "o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males" – nem merece ele a maldição dos deuses por ter tentado interferir no destino. E o final da minha versão era ainda mais terrível, pois, enquanto contava a história, eu emitia sons assustadores e andava de um lado para o outro, fazendo gestos e caretas aterradores.



Adaptado de <<http://bit.ly/biografiajacobs>> e MANGUEL, Alberto (Org.). *Contos de horror do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



8.2 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 |

MÚTIPLAS FONTES PARA EMBASAR UMA EXPOSIÇÃO ORAL

Nesta situação de aprendizagem, trabalharemos com a leitura de três textos de fontes diferentes. Após a leitura, os alunos deverão redigir um pequeno comentário. Os estudantes também farão a busca de mais informações em outras fontes para fundamentar uma exposição oral em sala de aula.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Ler e interpretar textos em múltiplas fontes e fazer uma exposição oral a partir dos conhecimentos adquiridos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Desenvolver habilidades de leitura de múltiplos textos, fortalecendo a capacidade de identificar, selecionar e integrar as informações presentes em distintas fontes;
- ✓ avaliar a pertinência das informações disponibilizadas e selecioná-las de acordo com os objetivos propostos na tarefa;
- ✓ avaliar a confiabilidade de uma fonte e das informações encontradas em diferentes fontes;
- ✓ desenvolver habilidades de expressão oral;
- ✓ promover um ambiente de compartilhamento de experiências, produções e conhecimentos.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
- ✓ Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
- ✓ Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.
- ✓ (EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais, etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.
- ✓ (EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermediáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio, etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta, etc.
- ✓ (EF07LP02) Comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas.
- ✓ (EF67LP03) Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade.
- ✓ (EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da

publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos, etc.

- ✓ (EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos, etc.
- ✓ (EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, vlogs científicos, vídeos de diferentes tipos, etc.
- ✓ (EF69LP41) Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto (e imagem) por slide, usando progressivamente e de forma harmônica recursos mais sofisticados como efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, etc.
- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola, e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.

TEMPO

3 aulas.

Sugerimos que as aulas 1 e 2 sejam geminadas.

AÇÕES

- 1** | Leitura e interpretação de múltiplos textos.
- 2** | Realização de busca de informações.
- 3** | Apresentação oral para divulgação dos resultados obtidos.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cópias dos textos disponibilizados no Material para o Aluno para todos os estudantes.

Para a ação 2 | Materiais diversos para consulta de informações (revistas, livros, internet).

Para a ação 3 | Cartolina, papel Kraft ou computador e projetor multimídia.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a leitura de diferentes textos, a busca de novas informações e a apresentação oral dos resultados obtidos.



AULAS 1 E 2

CELULAR CAUSA CÂNCER?

Nestas aulas, leremos três textos com diferentes informações sobre o uso do celular e a incidência de câncer. Em seguida, os estudantes farão uma síntese e redigirão um comentário contendo a conclusão a que chegaram a partir das leituras realizadas.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada de forma que os alunos trabalhem em grupos de quatro integrantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- ✓ Reproduza para os estudantes os textos do Material para o Aluno.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie a aula apresentando aos alunos o tema que será discutido: o uso do celular e a incidência de câncer.
- ✓ Numa breve conversa, mapeie o que os estudantes já sabem sobre o assunto. Para isso, oriente-se pelo roteiro de leitura, presente no Material para o Professor.
- ✓ Distribua aos alunos os textos disponíveis no material para o aluno e solicite que realizem leitura silenciosa.
- ✓ Esclareça que todos os alunos devem ler os três textos. Essa orientação é muito importante, pois geralmente eles decidem dividir as leituras entre os colegas. Se isso acontecer, parte do objetivo não será alcançado.
- ✓ Oriente-os a observarem as informações sobre as fontes dos textos, pois elas são importantíssimas para uma leitura crítica.
- ✓ Oriente-os a sublinharem as informações mais importantes que os ajudarão a chegar a uma conclusão sobre o assunto.
- ✓ Após a leitura, solicite que os grupos respondam às questões que receberam.
- ✓ Depois que os grupos terminarem a tarefa, oriente os alunos a buscarem mais informações sobre o assunto em casa. Para isso, eles poderão recorrer a diferentes materiais: revistas, livros e principalmente a internet.
- ✓ Esclareça que os grupos deverão se organizar para fazer uma apresentação oral com as principais informações localizadas e com o que aprenderam durante a atividade. Incentive os alunos a utilizarem recursos para a apresentação: cartazes, slides, etc.



AULA 3

APRESENTAÇÕES ORAIS

Nestas aulas, os alunos farão a apresentação dos resultados obtidos.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para que todos possam assistir às apresentações dos grupos e para favorecer as interações entre professor e estudantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente as propostas orientadoras desta situação de aprendizagem.
- ✓ Providencie os recursos necessários a serem utilizados pelos alunos durante as apresentações (por exemplo: computador/notebook, projetor multimídia e caixa de som ou aparelho televisor).
- ✓ Prepare previamente o ambiente da sala para o momento das apresentações.

DURANTE A AULA

- ✓ Retome o que foi realizado nas últimas aulas e informe que cada grupo deverá fazer sua exposição oral.
- ✓ Combine com os grupos a ordem das apresentações.
- ✓ Oriente a turma que respeite a apresentação dos colegas e que mantenha o silêncio enquanto os companheiros estiverem à frente.
- ✓ Convide cada grupo para realizar sua exposição oral.
- ✓ Após cada apresentação, faça um breve comentário, avaliando o trabalho exposto. Lembre-se de valorizar os pontos positivos. Permita também que os demais estudantes comentem a exposição dos colegas.



Professor(a), veja a ficha de avaliação para exposição oral presente no Material para o Professor e considere a possibilidade de solicitar que um estudante de cada grupo avalie as apresentações dos colegas.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os alunos?

Em relação à **leitura em múltiplas fontes**, observe se os estudantes:

- ✓ leem e compreendem os três textos propostos;
- ✓ observam e avaliam a fonte de cada texto;
- ✓ conseguem identificar as informações mais relevantes segundo seus objetivos de leitura;
- ✓ percebem as concordâncias e discordâncias entre as informações dos diferentes textos;
- ✓ integram informações decorrentes das leituras realizadas;
- ✓ selecionam as informações pertinentes para a realização da tarefa;
- ✓ registram adequadamente os dados mais importantes à realização da síntese proposta.

Em relação à **exposição oral**, avalie se a turma:

- ✓ compreendem e seguem a proposta;
- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ utilizam evidências e exemplos de forma embasada para fundamentar a conclusão do grupo;
- ✓ fazem referência às fontes consultadas;
- ✓ mantêm um volume de voz audível e adequado para exposições públicas;
- ✓ mobilizam recursos paralinguísticos e cinésicos na sua apresentação, como entonação, timbre, postura, gestos, olhares e movimentação que contribuem para a apresentação oral;
- ✓ usam de forma adequada e bem aproveitada o tempo destinado à sua exposição;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala dos colegas, sem interrupções.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. No Material para o Professor você encontrará uma ficha que poderá orientá-lo(a) na avaliação das apresentações.

Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2



AULAS 1 E 2

CELULAR CAUSA CÂNCER?

ROTEIRO DE LEITURA | Múltiplos textos

Professor(a), nesta atividade os alunos precisarão ler três fontes acerca de um mesmo tema. A tarefa exige que eles tentem perceber e associar as relações e diferenças que existem entre as informações disponibilizadas. Ler múltiplos textos é diferente de ler somente um, com uma única perspectiva ou situação posta por um único autor. Trata-se de uma situação similar à que ocorre quando fazemos uma busca de informações na internet.

Nesta atividade de leitura, exigem-se habilidades de sintetizar e integrar dados, refletir sobre as informações e comunicar os resultados a um público. Essas habilidades envolvem estratégias diversas, como: analisar a autoridade do autor para escrever sobre o assunto, o contexto de produção textual e a confiabilidade das informações; atentar-se para os objetivos de leitura; comparar e contrastar dados e evidências; e selecionar as informações importantes (relevância) para a realização da tarefa.

O primeiro texto apresenta algumas informações que *não são confiáveis* e outras que *podem ser verdadeiras*. Esse texto apresenta desvios de pontuação e erros em sua estrutura. Chame a atenção dos alunos para esse fato, pois é muito comum que as páginas não confiáveis apresentem incorreções. **O segundo** apresenta dados importantes e confiáveis e também foi escrito por uma fonte confiável. **O terceiro** também apresenta dados confiáveis de uma pesquisa científica, mas cabe ressaltar que a abordagem crítica é quanto às antenas de telefonia e não sobre a exposição aos aparelhos celulares em si. Durante a correção das atividades de interpretação, conduza os alunos a observarem esses aspectos.

ANTES DA LEITURA

✓ Converse com os alunos sobre o uso diário que eles fazem do aparelho celular. Pergunte:

- Vocês utilizam muito o celular?
- O que vocês mais fazem no celular?
- Que aplicativos vocês mais usam?
- Vocês fazem muitas ligações utilizando esse aparelho?
- Conhecem alguém que faz muitas ligações?

- ✓ Se julgar necessário, converse com a turma sobre o surgimento e a popularização do aparelho celular e como, inicialmente, ele era usado apenas para fazer ligações e enviar mensagens SMS.
- ✓ Provavelmente os alunos falarão sobre as redes sociais. Pergunte:
 - Quais redes sociais vocês mais utilizam?
 - Vocês recebem muitas notícias nas redes sociais?
 - Todas as notícias que recebem são verdadeiras?
 - Já receberam uma notícia falsa? Como souberam que era uma notícia falsa?
- ✓ Converse com os estudantes sobre as notícias que são divulgadas nas redes sociais e sobre os boatos que, após surgirem, podem até ser alvo de uma pesquisa científica. Fale também sobre a busca de informações na internet e sobre a importância de avaliarmos uma fonte, observando o site, seus autores, a formação/ocupação do autor de um texto e a veracidade das informações.
- ✓ Entregue aos alunos uma cópia da tarefa que será realizada e dos textos que serão lidos.
- ✓ Convide os alunos a lerem os textos, sem dar informações sobre eles. Deixe que os alunos avaliem a veracidade e a importância dos dados apresentados.

DURANTE A LEITURA

- ✓ Enquanto cada aluno faz a leitura silenciosa dos textos, circule pela sala para se certificar de que todos estão lendo e compreendendo os textos.

APÓS A LEITURA

- ✓ Oriente os grupos a fazerem uma discussão a respeito do que leram.
- ✓ Circule pela sala, observando as discussões e as dúvidas que os alunos apresentarem. Oriente-os a fazerem uma síntese da conclusão a que chegaram e a responderem às perguntas propostas na tarefa.



AULA 3

APRESENTAÇÕES ORAIS

Para avaliar a exposição oral dos estudantes, utilize a ficha "Avaliando a exposição oral", a seguir.

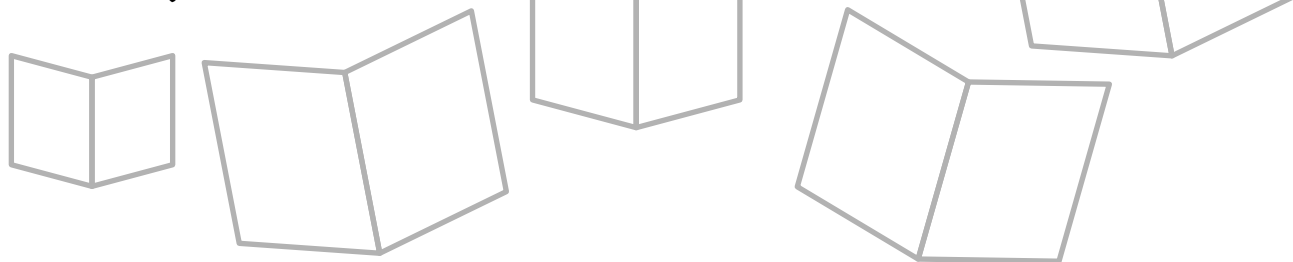


Professor(a), esta ficha é uma sugestão. Sinta-se à vontade para modificá-la de acordo com as particularidades da sua turma.

AVALIANDO A EXPOSIÇÃO ORAL

ASPECTOS	DETALHAMENTO	SIM	NÃO	PARCIALMENTE
Introdução	Introduziu a história de maneira chamativa e coerente com a narrativa lida?			
Organização de ideias	Ordenou logicamente as ideias apresentadas?			
Detalhamento das informações	Apresentou detalhadamente cenas, personagens, ações, etc.?			
Criatividade	Fez uso criativo da linguagem de modo a explorar a HQ?			
Elementos da narrativa	Explorou aspectos estruturadores do texto narrativo: introdução, conflito, clímax, desfecho?			
Contato visual	Usou o olhar para prender a atenção da audiência?			
Gesticulação	Gesticulou com naturalidade durante a exposição?			
Movimentação	Movimentou-se com naturalidade durante a apresentação?			
Linguagem	Apresentou linguagem fluente, com construções e vocabulário adequados?			
Emprego da voz	Empregou volume de voz com entonações, pausas e variações pertinentes?			
Conclusão	Concluiu com coerência a fala?			
Enfoque	Atendeu ao objetivo proposto para o trabalho?			
Tempo	Utilizou o tempo disponível para a apresentação?			
Desempenho global	Efetuiu a exposição com desenvoltura, naturalidade e dinamicidade?			

MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2**AULAS 1 E 2****CELULAR CAUSA CÂNCER?**

Você vai ler uma notícia que foi muito comentada em algumas redes sociais. Enquanto lê o texto, tente identificar elementos que possam ajudá-lo a determinar se a notícia é **verdadeira** ou **falsa**.

The screenshot shows a social media interface. At the top, there's a header 'DICAS CASEIRAS' with a search bar containing 'PROCURE UMA RECEITA'. Below the header, a breadcrumb trail reads 'Home > Posts Exclusivos > Homem é diagnosticado com câncer nos olhos por algo simples que todos fazemos a noite, Veja...'. The main content area features a post titled 'Homem é diagnosticado com câncer nos olhos por algo simples que todos fazemos a noite, Veja....' with a 'Salvar' button. Below the title is a black and white photo of a man. Under the photo, it says 'Dona Benta', '8 Anos Ago', and 'Nenhum Comentário'. At the bottom of the post are social media sharing icons for Facebook, Google+, Twitter, and others. To the right of the post is a 'CATEGORIAS' sidebar with a list of topics: Amor e Sexo, Beleza, Bem estar, Casa e Jardim, Coberturas, Comportamento, corpo, Cosme, Cosméticos, Curiosidades, De tudo um pouco, Dicas caseiras, Dietas, Emagrecer, Entretenimento, Estética, and Faça você mesmo. At the bottom right, there's a small section for 'Pinner Recs Manual d' and a 'Seguir no' button.

HOMEM É DIAGNOSTICADO COM CÂNCER NOS OLHOS POR ALGO SIMPLES QUE TODOS FAZEMOS À NOITE, VEJA... | Dona Benta

Um homem de 40 anos de idade, foi diagnosticado com câncer de olho e a causa é uma alerta para todos nós.

Há muitos estudos científicos que indicam que a luz verde da tela do celular afeta nossa visão e que acaba por resultar na morte das células da retina do ser humano. Quando usamos o telefone móvel em condições de luz fraca durante ou por um longo tempo, o feixe de elétrons brilham diretamente em nossos

olhos, fazendo com que os olhos fiquem secos e se a exposição for prolongada, poderá causar cegueira temporária e câncer no olho.

Um homem de 40 anos de idade, foi ao médico quando ele não podia enxergar claramente, albumina ficou vermelha por causa de lesões graves. Segundo os médicos, ele sempre usava o telefone móvel por 30 minutos no escuro antes de ir dormir. A exposição prolongada, fez com que o olho fosse degradado.

Os médicos não conseguiram fazer nada neste caso, porque a substituição retina é uma tarefa extremamente difícil para nossa medicina atual.

Essa reportagem sem dúvida é uma alerta para nossos filhos e filhas que ficam até altas horas da madrugada nos seus smartphones. Compartilhe com seus familiares e ajude a espalhar essa informação importante.

DONA Benta. Homem é diagnosticado com câncer nos olhos por algo simples que todos fazemos à noite, Veja... Disponível em: <<http://bit.ly/homemcancer>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Agora, responda:

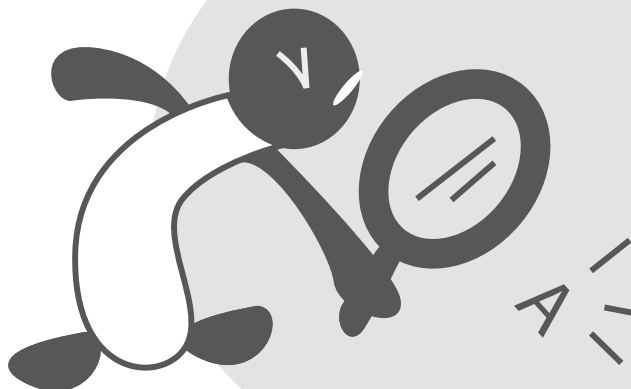
O que você acha: a notícia anterior é verdadeira ou falsa?

Se você acha que é falsa, acertou! Com toda a repercussão dessa notícia, algumas pesquisas foram feitas para checá-la, pois muitas pessoas começaram a se perguntar se o uso do celular pode realmente causar câncer.

Fizemos uma busca por essa informação e selecionamos **três textos** que precisam ser analisados com cuidado para podermos chegar a uma conclusão. Sua tarefa será ler atentamente os três textos e redigir um parágrafo, explicando qual foi a sua conclusão para a pergunta: **celular pode causar câncer?** Em sua resposta, mostre como você chegou a essa conclusão a partir das informações lidas nos textos.

Vamos aos três textos?

Verdade ou mentira?





VOCÊ LEVA O CELULAR NO BOLSO? DEPOIS DE LER ISTO VAI TER RAZÕES PARA NÃO LEVAR MAIS | *Cura pela Natureza*

Os telefones celulares se tornaram “ferramentas” essenciais do homem moderno e, sem eles, a vida seria simplesmente impensável para muitos.

A tecnologia dos aparelhos celulares é relativamente nova.

E as consequências disso ainda não são conhecidas com convicção.

Na verdade, todos nós estamos sendo cobaias do que talvez seja o maior experimento que já ocorreu.

Um fato que deixa patente isso é que, algum tempo atrás, a exposição às ondas eletromagnéticas foi considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como possivelmente cancerígena.

Ou seja, para a OMS, “possivelmente” o celular causa câncer.

Entendeu?

“Possivelmente” não é certeza, ou seja, a OMS põe o fato no campo das possibilidades porque ainda não há provas concretas.

Talvez não existam provas “concretas” de que o celular cause câncer, mas existem sim muitos estudos correlacionando o celular a sérios problemas de saúde. Por exemplo, segundo pesquisadores da Universidade de Exeter, no Reino Unido, deixar o celular no bolso da calça pode contribuir para a infertilidade masculina.

Para chegar a essa conclusão, os cientistas analisaram dez pesquisas, que incluíam 1.492 amostras de espermatozoides cedidas por clínicas de fertilização e centros de pesquisa. As amostras que tinham sido expostas à radiação do celular apresentaram redução de 8% na motilidade e de 9% na viabilidade dos espermatozoides. Ou seja, houve uma redução da atividade e do percentual de espermatozoides vivos.

Além de exporem o esperma à radiação, celulares no bolso também podem elevar a temperatura da região do testículo, o que poderia comprometer a qualidade dos espermatozoides.

Outro estudo, realizado na Suécia, mostrou que o uso prolongado desse tipo de aparelho aumenta em 240% o risco de desenvolvimento de tumores no cérebro. O estudo analisou 2.200 pacientes com câncer e 2.200 usuários saudáveis, em busca de alguma conexão entre o uso de aparelhos celulares e o desenvolvimento de tumores cerebrais.

Segundo Kjell Mild, líder do estudo, o uso dos celulares aumentou em 240% o risco de câncer no lado da cabeça onde o celular é mais usado. É verdade que o estudo fala de uso prolongado. Mas, mesmo assim é preocupante, pois muita gente fica horas ao celular e alguns dormem até com o aparelho ao lado da cabeça.

Há muitos outros estudos conectando o celular a doenças; poderíamos escrever páginas e mais páginas sobre eles. No entanto, o mais importante é orientar você para minimizar os riscos dessa tecnologia na sua vida. Claro que, num mundo onde a quantidade de aparelhos móveis caminha para superar a de pessoas, é impossível ficar livre da poluição eletromagnética causada por esses aparelhos, mas existem sim medidas que atenuam a ação negativa das ondas eletromagnéticas do celular.

Veja algumas:

- Use fones de ouvido ou o viva-voz.
- Não deixe o telefone ligado perto do corpo.
- Não fale em lugares apertados e onde o sinal fica fraco, como carros e elevadores.
- Cuidado com gadgets que prometem proteger contra a radiação, pois a maioria piora a radiação e força o celular a transmitir com mais potência.
- Oriente seus filhos para que enviem mais mensagens (SMS ou WhatsApp) em vez de fazer ligações.
- Grávidas devem manter o celular longe da barriga.
- Homens devem evitar carregá-lo no bolso, pois a radiação do aparelho pode prejudicar a fertilidade.
- Se tiver de deixá-lo no bolso (se for a única maneira), vire o lado do teclado para o seu corpo, pois as antenas, onde há maior radiação, ficam na parte de trás.

Sobre os autores: *Somos apaixonados pelo que fazemos e fazemos tudo por amor. Nosso compromisso é apenas com a verdade e com o que acreditamos e defendemos – a natureza como caminho de cura. Há mais de duas décadas vivenciamos práticas da medicina natural. E é essa experiência que nos dá a convicção de que a alimentação natural e os tratamentos caseiros têm muito poder. Afinal, como disse o sábio Hipócrates há mais de 2 mil anos: “Que seu remédio seja seu alimento, e que seu alimento seja seu remédio”.*

A equipe do Cura pela Natureza

CURA pela Natureza. Você leva o celular no bolso? Depois de ler isto vai ter razões para não levar mais. 11 nov. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/celularbolso>>. Acesso em: 23 out. 2018.



A captura de tela mostra a interface do site 'TUASAÚDE'. No topo, há uma barra de navegação com links para 'Bulas', 'Remédios Caseiros', 'Dieta e Nutrição', 'Emagrecer', 'Gravidez', 'Fertilidade' e 'Mais'. O artigo principal, intitulado 'Celular pode causar câncer?' por Dr^a. Elaine Aires, Clínica Geral, discute o risco de desenvolver câncer devido ao uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos. O texto afirma que o risco é muito baixo porque esses dispositivos utilizam um tipo de radiação com energia muito fraca, conhecida como radiação não-ionizante. Ao contrário da energia ionizante, usada em máquinas de raio X ou tomografia computadorizada, a energia liberada pelos celulares não é comprovadamente suficiente para provocar alterações nas células corporais e levar ao surgimento de tumores cerebrais ou câncer em qualquer parte do corpo. No entanto, alguns estudos relataram que o uso de celular pode favorecer o desenvolvimento de câncer em pessoas que têm outros fatores de risco, como histórias de câncer na família ou uso de cigarro, e, por isso, não se pode eliminar.

À direita do artigo, há uma seção 'INFORMAÇÃO DO AUTOR' com uma foto de Dr^a. Elaine Aires, Clínica Geral, formada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, especialista em Geriatria, 23.818 CRM/BA. Abaixo, há uma seção 'POPULARES DE CLÍNICA GERAL' com três artigos destacados: 'Tudo sobre Ácido Úrico: o que é, sintomas e porque pode estar alto', 'Remédios para Tontura causada pela Labirintite' e 'Remédios para cada tipo de verme e como tomar'.

CELULAR PODE CAUSAR CÂNCER? | Dr^a. Elaine Aires

O risco de desenvolver câncer devido ao uso de celular ou qualquer outro aparelho eletrônico, como rádios ou microondas, é muito baixo, porque esses aparelhos utilizam um tipo de radiação com energia muito fraca, conhecida como radiação não-ionizante.

Ao contrário da energia ionizante, usada em máquinas de raio X ou tomografia computadorizada, a energia liberada pelos celulares não é comprovadamente suficiente para provocar alterações nas células corporais e levar ao surgimento de tumores cerebrais ou câncer em qualquer parte do corpo.

No entanto, alguns estudos relataram que o uso de celular pode favorecer o desenvolvimento de câncer em pessoas que têm outros fatores de risco, como histórias de câncer na família ou uso de cigarro e, por isso, não se pode eliminar completamente a hipótese de que o uso excessivo do celular possa causar câncer, mesmo que em um grau muito reduzido.

COMO DIMINUIR A EXPOSIÇÃO À RADIAÇÃO DO CELULAR

Embora os celulares não sejam reconhecidos como causa provável de câncer, é possível reduzir a exposição a este tipo de radiação. Para isso, é recomendado diminuir o uso dos aparelhos celulares diretamente no ouvido, dando preferência para o uso de fones de ouvido ou do sistema de viva voz do próprio celular, além de, sempre que possível, evitar manter o aparelho muito próximo do corpo, como nos bolsos ou bolsas.

Durante o sono, para evitar o contato constante com a radiação do telemóvel, também é sugerido deixá-lo a, pelo menos, uma distância de meio metro da cama.

Sobre a autora: Dr^a. Elaine Aires. Especialidade: Clínico Geral. Formada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, especialista em Geriatria, 23.818 CRM/BA.

AIRES, Elaine. Celular pode causar câncer? 21 jun. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/celularcancer>>. Acesso em: 23 out. 2018.



The screenshot shows the UFMG website interface. At the top, there's a navigation bar with links like 'conheça a UFMG', 'cursos', 'pesquisa', etc. Below that, the UFMG logo and name are displayed. A sidebar on the left lists various university departments. The main content area features a 'Boletim UFMG' section with a headline: 'Nova pesquisa mostra correlação entre casos de morte por câncer e localização das antenas de telefonia celular'. The article text mentions a thesis by Adilza Condessa Dode, published in the Boletim UFMG, which reveals strong evidence between cancer deaths and the location of cell phone antennas in Belo Horizonte. It also mentions that the research confirms results from studies conducted in Germany and Israel.

NOVA PESQUISA MOSTRA CORRELAÇÃO ENTRE CASOS DE MORTE POR CÂNCER E LOCALIZAÇÃO DAS ANTENAS DE TELEFONIA CELULAR

| Boletim UFMG

Tese de doutorado da engenheira Adilza Condessa Dode, defendida na UFMG no final de março, revela que há fortes evidências entre mortes por câncer e localização de antenas de celulares em Belo Horizonte. A pesquisa confirma resultados de estudos realizados na Alemanha e em Israel.

Com base no geoprocessamento da cidade, a pesquisa constatou que mais de 80%

das pessoas que morreram de cânceres relacionados à radiação eletromagnética – emitida pelos celulares – moravam a cerca de 500 metros de distância de alguma antena. A tese é tema da edição do Boletim UFMG que circula na segunda-feira, 12 de abril.

NÍVEIS SEGUROS?

Há níveis seguros de radiação para a saúde humana? “Esse é exatamente o problema: até agora, ninguém sabe quais os limites de uso inócuos à saúde”, explica Adilza Dode, ao destacar que os padrões permitidos no Brasil são os mesmos adotados pela Comissão Internacional de Proteção Contra Radiações Não-Ionizantes (Icnirp), normatizados em legislação federal de maio de 2009. Para a pesquisadora, esses padrões são inadequados. “Eles foram redigidos com o olhar da tecnologia, da eficiência e da redução de custos, e não com base em estudos epidemiológicos”, assegura.

Entre os 22.543 casos de morte por câncer ocorridos em Belo Horizonte de 1996 a 2006, Adilza Dode selecionou 4.924, cujos tipos – próstata, mama, pulmão, rins, fígado, por exemplo – são reconhecidos na literatura científica como relacionados à radiação eletromagnética.

Na fase seguinte do estudo, elaborou metodologia inédita, utilizando o geoprocessamento da cidade, para descobrir a que distância das antenas moravam as 4.924 pessoas que morreram no período. “A até 500 metros de distância das antenas, encontrei 81,37% dos casos de óbitos por neoplasias”, conta a pesquisadora, professora do Centro Universitário Izabela Hendrix e da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

“Não somos contra a telefonia celular, mas queremos que o Brasil adote o princípio da precaução, até que novas descobertas científicas sejam reconhecidas como critério para estabelecer ou modificar padrões de exposição humana à radiação não ionizante”, diz a pesquisadora.

RECOMENDAÇÕES

Em um capítulo de sua tese, ela lista uma série de recomendações. Entre elas, a de que o Brasil adote os limites já seguidos por países como a Suíça. Sugere, ainda, que o governo não permita transmissão de sinal de tecnologias sem fio para creches, escolas, casas de repouso, residências e hospitais; crie infraestrutura para medir e monitorar os campos eletromagnéticos provenientes das estações de telecomunicação e desestimule ou proíba o uso de celulares por crianças e pré-adolescentes.

Componente da banca que avaliou a tese de Adilza Dode, o professor Francisco de Assis Ferreira Tejo, do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Campina Grande, afirma que a tese desenvolvida por Adilza Dode “deve ser um marco para que a sociedade brasileira e o Ministério Público comecem a se debruçar sobre a questão dos efeitos biológicos dos campos eletromagnéticos”.

A tese “Mortalidade por neoplasias e telefonia celular em Belo Horizonte, Minas Gerais” foi defendida em 26 de março de 2010, junto ao Programa de Doutorado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Desa) da Escola de Engenharia da UFMG, e teve como orientadora a professora Mônica Maria Diniz Leão, do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, da Escola de Engenharia, e co-orientadora a professora Waleska Teixeira Caiaffa, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina.

Sobre a autora: Ana Rita Araújo faz parte da equipe do Boletim UFMG. O Boletim UFMG é uma publicação oficial da Universidade Federal de Minas Gerais.

NOVA pesquisa mostra correlação entre casos de morte por câncer e localização das antenas de telefonia celular. *Boletim UFMG*, Belo Horizonte, 9 abr. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/celularcancerufmg>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Responda às seguintes questões.

- 1 | Qual(is) texto(s) apresentou(aram) as informações mais importantes para você chegar a uma conclusão?
- 2 | Você teve alguma dificuldade para responder à pergunta proposta? Qual?
- 3 | Houve alguma informação em que você não acreditou? Qual (quais)?
- 4 | O que levou você a desacreditar dessas informações?
- 5 | Faça uma busca de outras informações em diferentes fontes (revistas, livros, internet, etc.) sobre o assunto. Depois, você e os colegas do seu grupo deverão preparar uma apresentação oral, na qual explicarão para a turma as informações que encontraram. Vocês também deverão citar evidências, exemplos e argumentos que comprovem a conclusão a que chegaram. Lembre-se de que, em uma apresentação, é muito importante utilizarmos recursos visuais para o público. Sendo assim, preparem cartazes, slides ou outros recursos (como vídeos, por exemplo) para serem utilizados durante a apresentação.



8.3 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 |

BULLYING: O QUE É ISSO?

Nesta situação de aprendizagem, vamos ler textos de diferentes gêneros e produzir um cordel de combate ao *bullying*.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Realizar a leitura de textos de diferentes gêneros e produzir um cordel.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Ler textos de diferentes gêneros;
- ✓ refletir com os estudantes sobre o *bullying* e suas consequências;
- ✓ desenvolver habilidades expressão oral fundamentada na argumentatividade;
- ✓ explorar o gênero cordel e realizar uma produção textual desse tipo.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

- ✓ Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- ✓ Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
- ✓ Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- ✓ Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- ✓ Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música, etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.
- ✓ (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.
- ✓ (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

- ✓ (EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais, etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.
- ✓ (EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
- ✓ (EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração, etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, etc.
- ✓ (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos, etc.
- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola, e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.

TEMPO

4 aulas.

AÇÕES

1 | Leitura e discussão de textos diversos.

2 | Produção de cordel.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cópias dos textos disponibilizados no Material para o Aluno e recurso multimídia para a exibição de vídeos.

Para a ação 2 | Recurso multimídia para a exibição dos vídeos sugeridos para a aula.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a leitura e discussão de textos diversos sobre o *bullying*. Após as discussões, os estudantes produzirão um cordel de conscientização sobre essa prática.



AULAS 1 E 2

BULLYING: O QUE É ISSO?

Nestas aulas, assistiremos a vídeos e leremos textos que tratam da temática *bullying*.



Professor(a), você pode desenvolver as atividades em aulas geminadas ou separadas, conforme orientação na descrição do passo a passo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para que os alunos possam assistir aos vídeos e também para favorecer as interações entre professor e estudantes. Posteriormente, estes serão divididos em cinco grupos.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente os textos, assista aos vídeos sugeridos e analise as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- ✓ Reproduza os textos disponibilizados no anexo. Calcule as quantidades considerando que a sala será dividida em cinco grupos, que cada grupo deve ler um texto diferente e que todos os estudantes devem receber uma fotocópia (não basta apenas um exemplar por grupo).
- ✓ Prepare previamente os equipamentos que serão utilizados para a exibição dos vídeos selecionados.

DURANTE A AULA

- ✓ Apresente aos estudantes o tema da aula (*bullying*) e faça-lhes perguntas para sondar o que eles sabem sobre o assunto. Algumas sugestões estão disponíveis no roteiro de discussão presente no Material para o Professor desta situação de aprendizagem.
- ✓ Convide a turma para assistir ao vídeo “Emicida no Fantástico – Matéria sobre *bullying*”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=w2nLQsz3Lys>>. Oriente-os a fazerem anotações das informações que considerem mais importantes.
- ✓ Discuta o conteúdo do vídeo com os alunos, incentivando-os a participar das discussões. Oriente-se pelo roteiro de discussão disponível no material para o professor desta situação de aprendizagem.
- ✓ Convide os alunos a assistirem ao vídeo “O que é *bullying*? O Promotor responde”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=F6qfqgDGWVlk>>, e peça para eles ficarem atentos aos conceitos que serão apresentados e aos tipos de *bullying* que existem. Oriente-os mais uma vez a fazerem anotações das informações que considerem mais importantes.
- ✓ Discuta o conteúdo do vídeo com os alunos, especialmente o conceito de *bullying* e as diferentes manifestações dessa prática. Pautar-se pelo roteiro de discussão disponível no material para o professor desta situação de aprendizagem.

- ✓ Pergunte aos alunos se eles já ouviram falar em *cyberbullying* ou *bullying* virtual. Em seguida, assista com eles ao vídeo “Altas Horas – *Bullying* – Entrevista Isabela Nicastro”, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pkduLLJgkso>>.
- ✓ Discuta o conteúdo do vídeo com os alunos, incentivando-os a participar das discussões. Recorra ao roteiro do material para o professor.



Professor(a), caso você esteja desenvolvendo estas atividades em aulas separadas, esse é o momento de encerrar o primeiro tempo de aula, de modo que as ações descritas a seguir fiquem para a aula seguinte. Se for esse o caso, lembre-se de iniciar a segunda aula retomando o que foi anteriormente trabalhado.

- ✓ Após a discussão dos vídeos, organize a turma em cinco grupos para a leitura de diversos textos. Cada grupo lerá um texto diferente. Esclareça aos alunos que eles deverão ler e discutir as questões propostas. Reforce a importância de todos os integrantes do grupo lerem o texto e participarem das discussões, pois em outro momento os grupos serão reorganizados e cada aluno deverá relatar aos colegas o que foi lido e discutido.
- ✓ Combine com os alunos um limite de tempo (sugerimos 15 minutos) para a leitura e discussão dos textos.
- ✓ Circule pela sala para incentivar as discussões e observar a compreensão que os alunos tiveram dos textos.
- ✓ Após os 15 minutos de discussão, proponha uma nova organização em grupos da seguinte forma: as equipes serão reordenadas, de modo que em cada grupo haja pelo menos um leitor de cada texto. Exemplo: em uma turma de 25 alunos, teremos 5 grupos iniciais (Grupo A, Grupo B, Grupo C, Grupo D, Grupo E), sendo que cada equipe lerá um texto diferente. Na reorganização dos grupos, em cada nova equipe haverá também cinco alunos, sendo 1 aluno do Grupo A, 1 do Grupo B, 1 do Grupo C, 1 do Grupo D e 1 do Grupo E.
- ✓ Esclareça que cada aluno deverá contar para os demais integrantes da equipe o conteúdo do texto e também as discussões realizadas no momento anterior.
- ✓ Advirta-os a gerirem o tempo de exposição de cada aluno, de modo que a distribuição temporal seja equivalente e que todos os expositores possam ser contemplados.
- ✓ Circule pela sala e incentive a participação de todos, de modo a garantir que o conteúdo dos cinco textos seja do conhecimento de todos os estudantes da turma.



AULA 3

PRODUZINDO CORDEL

Nesta aula, assistiremos a dois vídeos e, em seguida, a turma produzirá um cordel.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para que os alunos possam assistir aos vídeos e também para favorecer as interações entre professor e estudantes. Posteriormente, os estudantes serão divididos em duplas ou trios.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Assista aos vídeos sugeridos e analise as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- ✓ Para obter dicas sobre o trabalho com o gênero cordel em sala de aula, leia o texto “Ler por prazer no ritmo do cordel”, disponível em: <<http://bit.ly/novaescolacordel>>.
- ✓ Para mais informações sobre o gênero, acesse a reportagem “Literatura de Cordel – TV Globo – Antena Paulista”, disponível em <<http://bit.ly/reportagemglobocordel>>.
- ✓ Prepare previamente os equipamentos que serão utilizados para a exibição dos vídeos selecionados para a aula.

DURANTE A AULA

- ✓ Retome com os alunos o tema da aula anterior (*bullying*) e apresente o objetivo desta aula: conhecer melhor o gênero cordel e produzir um texto desse gênero.
- ✓ Explique aos alunos que o cordel é uma manifestação cultural literária típica do Nordeste, produzida em versos e registrada em folhetos, os quais costumam ser vendidos em mercados e feiras pelos próprios autores, enquanto declamam seus versos e atraem os passantes. Pela sua típica regionalidade nordestina, a cadência e o ritmo dos versos, bem como muitas das expressões lexicais utilizadas remetem ao sotaque e ao vocabulário próprios desse território.
- ✓ Depois das explicações, convide os alunos para assistirem ao vídeo “Bráulio Bessa recita poesia sobre respeito à diversidade – Fátima Bernardes 15/09/2017”, disponível em <<http://bit.ly/braulioediversidade>>. Diga que prestem atenção às rimas, ao ritmo, entonação e expressividade.
- ✓ A partir desses versos, converse com os alunos sobre a estrutura de um cordel. Destaque as expressões típicas nordestinas e esclareça seu significado, enfatizando a necessidade de respeitarmos e valorizarmos as expressões típicas regionais. Chame também a atenção deles para a importância das rimas, da entonação e da expressividade durante a apresentação desse tipo de poema.
- ✓ Depois da discussão, peça aos alunos para se organizarem em duplas ou trios e começarem a planejar e a produzir o cordel. Escreva no quadro a orientação da tarefa:
 - Produza um cordel falando sobre o *bullying* e sobre a importância da conscientização de todos para que essa prática não aconteça no ambiente escolar. Fique atento à produção em versos e às rimas.
 - Na próxima aula, seu cordel também será apresentado para a turma. Por isso, prepare bem a sua apresentação, lembrando-se da entonação, volume de voz, ritmo e expressividade.
- ✓ Incentive os alunos a buscarem mais informações sobre o assunto para enriquecerem os textos.
- ✓ Para orientar a produção, apresente aos alunos o vídeo “Como se faz um cordel?”, disponível em <<http://bit.ly/comosefazcordel>>.
- ✓ Encerre a aula orientando os alunos a se organizarem para concluírem o cordel e ensaiarem a apresentação. Combine com eles a data das apresentações.



Professor(a), se julgar necessário, selecione outros vídeos e exemplos de cordel para apresentar aos alunos e esclarecer melhor o gênero.



AULA 4

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Nesta aula, assistiremos às apresentações dos estudantes.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para que os alunos possam assistir às apresentações dos colegas e também para favorecer as interações entre professor e estudantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente as propostas orientadoras desta situação de aprendizagem.
- ✓ Prepare previamente o ambiente da sala para o momento das apresentações.

DURANTE A AULA

- ✓ Retome o que foi realizado nas últimas aulas e informe que cada dupla/trio deverá apresentar seu cordel oralmente.
- ✓ Defina, junto com os estudantes, a ordem das apresentações.
- ✓ Enfatize para a turma a importância de estarem atentos, durante a apresentação, aos seguintes aspectos: rimas, ritmo, entonação, qualidade da voz, pausas, gestos, olhar, expressividade, movimentação.
- ✓ Oriente a turma que respeite a apresentação dos colegas e que mantenha o silêncio enquanto os companheiros estiverem à frente.
- ✓ Convide os alunos para fazerem as apresentações.
- ✓ Após cada apresentação, faça um breve comentário, avaliando o trabalho exposto. Lembre-se de valorizar os pontos positivos. Permita também que os demais estudantes comentem os cordéis. Se necessário, oriente-os a fazerem ajustes nos trabalhos.



Professor(a), sugerimos que depois das apresentações e de suas considerações e dos colegas, os estudantes reescrevam, se necessário, as produções. Antes disso, é importante também que você realize a revisão textual, indicando os pontos de melhoria. Depois, se possível, elabore com os alunos um livreto com os cordéis da turma, reproduza-o e exponha-o em um varal na porta da sala ou em outra parte visível da escola.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os alunos?

Em relação à **leitura de textos e vídeos**, observe se os estudantes:

- ✓ sentem-se motivados e desafiados a realizar a leitura dos textos de forma a construir um sentido global para eles;
- ✓ compreendem os textos e vídeos propostos e conseguem interpretá-los adequadamente, atribuindo-lhe significação;
- ✓ registram adequadamente os dados mais importantes;
- ✓ integram informações decorrentes das leituras realizadas;
- ✓ compreendem o significado do termo *bullying*.

Em relação ao **cordel**, observe se os alunos:

- ✓ compreendem e seguem a proposta de produção;
- ✓ compreendem o gênero cordel e suas características;
- ✓ conseguem utilizar rimas em todo o texto;
- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ mantêm um volume de voz audível e adequado para exposições públicas;
- ✓ mobilizam recursos paralinguísticos e cinésicos na sua apresentação, como entonação, timbre, postura, gestos, olhares e movimentação que contribuem para a apresentação oral;
- ✓ usam de forma adequada e bem aproveitada o tempo destinado à sua exposição;
- ✓ sabem respeitar o momento de fala e apresentações dos colegas.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. No Material para o Professor você encontrará uma ficha que poderá orientá-lo(a) na avaliação das apresentações.

Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3



AULAS 1 E 2

BULLYING: O QUE É ISSO?

ROTEIRO DE DISCUSSÃO DOS VÍDEOS

ANTES DA EXIBIÇÃO

- ✓ Pergunte aos alunos:
 - Vocês já ouviram falar em *bullying*? O que é isso?
 - Dêem exemplos dos tipos de *bullying* que vocês conhecem.
 - Vocês conhecem alguém que já sofreu *bullying*? O problema foi resolvido? Como?
- ✓ Depois da sensibilização inicial, explique aos alunos que vocês assistirão a um videoreportagem do programa dominical *Fantástico*. Nessa matéria, o *rapper* Emicida relata sua experiência com o *bullying* na escola e, a partir disso, o tema é discutido.

EMICIDA NO FANTÁSTICO – MATÉRIA SOBRE **BULLYING** | *Fantástico*

- ✓ Oriente os estudantes para que façam pequenas anotações sobre as informações que consideram mais importantes durante a exibição do vídeo. Explique que essas anotações poderão ajudá-los a responder às perguntas realizadas após o vídeo, a serem discutidas oralmente.
- ✓ Após a exibição, levante as seguintes questões com a turma:
 - Que acontecimento motivou a elaboração da reportagem?
 - Que agressões o *rapper* Emicida sofreu na escola, segundo a reportagem?
 - Por que Emicida sofria *bullying*? Que características ele possui ou possuía e que os colegas faziam chacota?
 - Que medidas foram tomadas contra os agressores? E o que aconteceu com a vítima (Emicida) nesta escola depois do episódio?
 - De acordo com a psiquiatra da matéria, o que caracteriza o *bullying*?
 - Segundo a reportagem, que pistas podem ser percebidas pelos pais e professores quando uma criança ou adolescente está sofrendo *bullying*?
 - Cite alguns famosos que sofreram *bullying*, além do *rapper* Emicida.

- ✓ Depois da discussão, informe aos alunos que eles assistirão a outro vídeo com a mesma temática, chamado “O que é *bullying*? O Promotor responde”. Explique que um promotor de justiça é um agente público, cujo principal objetivo é defender a sociedade e seus interesses, atuando como um fiscal da lei que pode entrar em ação caso queira investigar suspeitas de crimes. Aproveite a deixa para enfatizar que *bullying* é coisa séria e que há normas e leis sobre o assunto. No vídeo a ser exibido, o promotor esclarece sobre medidas de responsabilização e outras questões.

O QUE É *BULLYING*? O PROMOTOR RESPONDE | *Ministério Público de Santa Catarina*

- ✓ Oriente os alunos para que façam pequenas anotações sobre as informações que consideram mais importantes durante a exibição do vídeo. Explique que essas anotações poderão ajudá-los a responder às perguntas realizadas após o vídeo, a serem discutidas oralmente.
- ✓ Após a exibição, levante as seguintes questões com a turma:
 - O que é o *bullying*, segundo o promotor? Sua definição é equivalente à da psiquiatra da reportagem do Fantástico?
 - E como uma vítima de *bullying* pode ser identificada, conforme informação do vídeo? A informação é parecida com aquela que vimos no vídeo anterior?
 - Quais são os tipos de *bullying*, segundo o promotor Marcelo Wegner? Dê exemplos.
 - Esclareça o que é o *cyberbullying*.
 - Explique algumas formas de responsabilização de agressores pela prática do *bullying*.
 - Por que as testemunhas omissas dificultam a responsabilização dos agressores pelos atos de *bullying*?
 - Estatisticamente, o que diferencia o *bullying* praticado por meninas e meninos?
 - O que as vítimas de *bullying* devem fazer, de acordo com o promotor?
- ✓ Em seguida, informe aos estudantes que eles verão um último vídeo sobre o assunto. Trata-se de uma entrevista com uma garota que foi vítima de *cyberbullying*.



*Professor(a), as perguntas contribuem para retomar com os estudantes os principais elementos dos vídeos exibidos e consolidar sua compreensão e interpretação. Por isso, é importante que você **assista aos vídeos previamente** e analise-os com cuidado para mediar as aprendizagens. Esteja à vontade também para incluir novas questões ao debate, tendo em vista o contexto de sua turma.*

BULLYING: ENTREVISTA ISABELA NICASTRO | *Altas Horas*

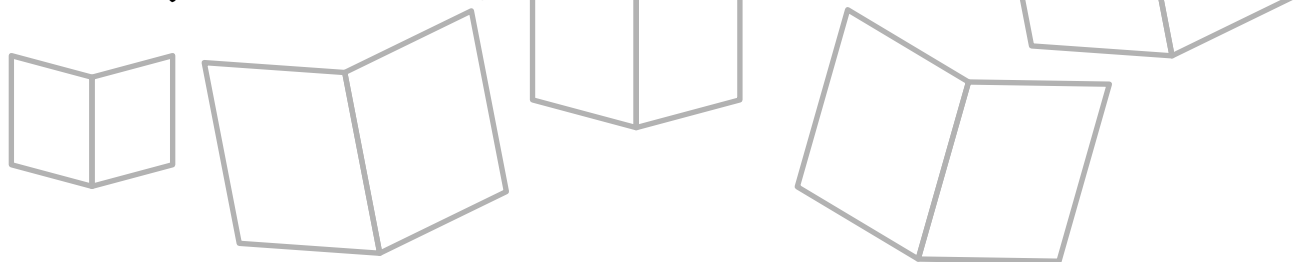
- ✓ Oriente os alunos para que façam pequenas anotações sobre as informações que consideram mais importantes durante a exibição do vídeo. Explique que essas anotações poderão ajudá-los a responder às perguntas realizadas após o vídeo, a serem discutidas oralmente.
- ✓ Após a exibição, levante as seguintes questões com a turma:
 - O que ocorreu com Isabela?
 - Como ela relata ter se sentido diante do episódio?

- Como a turma de Isabela foi responsabilizada pelas agressões? O que vocês acham disso?
- O que ela aconselha às pessoas vítimas de *bullying*?



Professor(a), as perguntas contribuem para retomar com os alunos os principais elementos dos vídeos exibidos e consolidar sua compreensão e interpretação. Por isso, é importante que você assista aos vídeos previamente e analise-os com cuidado para mediar as aprendizagens. Esteja à vontade também para incluir novas questões ao debate, tendo em vista o contexto de sua turma.

MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3**AULAS 1 E 2****BULLYING: O QUE É ISSO?****TEXTO 1**

Leia atentamente o texto a seguir.

EU TENHO A FORÇA | Tarso Araújo

ENTENDA O QUE PENSAM OS JOVENS QUE PRATICAM *BULLYING* E ATERRORIZAM OS COLEGAS MAIS FRACOS

Em São Paulo, jovem debochava da origem de uma colega para maltratá-la

Mariana, 21, tinha 15 anos quando maltratou sistematicamente, e sem dó, uma colega de escola, nova em sua turma.

Ela se tornou a protagonista de uma perseguição preconceituosa em relação à origem da menina, recém-chegada da região Norte. “A gente fazia várias piadinhas sobre o estado dela, falávamos para ela voltar para lá, fazíamos desenhos dela na lousa com uma faixa de Miss Rondônia”, diz.

A vítima ia para o banheiro chorar e pedia aos pais, por telefone, para voltar para casa.

Toda essa perseguição porque, segundo Mariana, a menina era “puxa-saco” de uma professora que todos odiavam.

“Para mim, [persegui-la] era um mecanismo de defesa.”

O motivo apontado pela estudante é apenas um entre os vários que levam jovens a praticar *bullying*, segundo especialistas e os próprios agressores.



Ilustração: Lucas Pádua. Foto: Letícia Moreira/Folha Imagem.

Outras causas comuns são a inveja e o medo de perder popularidade, que fizeram Nathalia, 14, viver seu momento de vilã.

“Eu me achava a última bolacha do pacote. Aí entrou uma menina no colégio, alta, com corpo bonito e olhos claros. Os meninos olhavam para ela. Eu me senti ameaçada.”

Primeiro, Nathalia criou um perfil de Orkut para espalhar boatos sobre a vida sexual da menina, dizendo que ela era “uma biscate”. Logo depois começaram as agressões verbais, na própria escola.

“Ela começou a mostrar tristeza, abaixava a cabeça quando passava. Aí é que a gente ria mesmo”, diz Nathalia, que considera a adesão dos colegas rindo outra causa importante de *bullying*.

“Se as pessoas não rissem, a gente não faria, porque fazemos para aparecer.”

CENA DE CINEMA

Por exemplo: Marcos, 15, e alguns amigos partiram para o *bullying* violento depois que a turma se divertiu por meses com eles zoando um colega, apelidado (por eles) de “Caquinha”, em plena sala de aula.

“Nem todo o mundo fazia [o *bullying*], mas todo o mundo participava rindo”, diz. O filme “Tropa de Elite”, diz Marcos, inspirou o grupo a ser mais agressivo.

O colega agredido parou de sair da sala na hora do recreio, depois de ser alvejado com pedaços de melancia no pátio.

Marcos e os amigos iam atrás do menino sozinho na sala, cobriam sua cabeça com um saco de supermercado e lhe davam tapas no rosto e na cabeça.

“Uma vez ele chorou muito e repensei um pouquinho o que fazia: passei a dar só na cabeça.”

Hoje, dois anos depois, ele considera esse comportamento “imbecil e vergonhoso”. E diz que não pratica mais o *bullying*. “Quando a gente envelhece, perde um pouco a graça”, diz.

Nathalia trilhou o mesmo caminho após a escola dar uma aula sobre *bullying*.

“Achava graça em fazer mal aos outros, me rebaixava tentando mostrar superioridade. Eu era ridícula. Só pensava na minha alegria, nunca na dos outros.”

ARAÚJO, Tarso. Eu tenho a força. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2018.
Disponível em: <<http://bit.ly/folhabullying>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Agora, discuta com seus colegas as seguintes questões.

- 1 | O que é *bullying*, de acordo com o texto?
- 2 | Que tipo(s) de *bullying* está(ão) presente(s) no texto?
- 3 | O que você faria se estivesse no lugar de cada uma das pessoas citadas no texto?
- 4 | Qual é a ideia central do texto?

TEXTO 2

Leia atentamente o texto a seguir.

O DIÁRIO DE DAVI SATIL: UMA VÍTIMA DE BULLYING | *Silvano Sulzart*

Não sei o que acontece, às vezes me acho diferente dos meus colegas, queria sumir, me esconder dentro de um baú, e de lá não sair tão cedo. Sinto uma dor, e dói mais quando penso que amanhã terei que voltar lá outra vez e encontrarei aqueles meninos. Às vezes eu me sinto tão só, mesmo tendo muita gente perto de mim. Fico com medo de chegar na escola, pegar o transporte e ter que ouvir aquelas palavras. Tudo isso é tão doloroso que parece que estão espremendo o meu coração... fico sem letras e palavras para escrever.



Minha mãe diz que eu tenho que falar tudo para ela, mas para que falar? Preciso de ajuda, querido diário. Ela não tem tempo para mim. Como um menino de 13 anos fica assim, tristonho, moribundo e com medo? Se eu fosse forte e alto, quem sabe as coisas fossem diferentes... Sou meio gordinho e o médico diz que tenho que fazer regime. Regime é uma lista enorme de coisas que te proíbem de comer. Eu não como muito, só gosto de chocolate, torta de maçã, refrigerante, e minha sobremesa preferida é pudim. Na lista do regime, sou proibido de comer tudo isso.

Na semana passada, o Pedro e o Daniel tomaram meu lanche. Fiquei com tanta raiva que, se eu pudesse, fazia eles sumirem no mapa. Mas tem também as gêmeas lá da sala, que ficam me chamando de baleia orca. Eu até fui no Google ver como era essa tal orca, e não acho que pareço muito com ela, não. As orcas são chamadas de baleias assassinas e chegam a pesar nove toneladas. Eu só peso 78 quilos, é pouco considerando o peso das orcas.

Já pedi para a minha mãe me tirar dessa escola, mas fico com medo de tudo se repetir na outra escola. E tem uma outra coisa: gosto muito da professora e do recreio, pois vou sempre para a sala de leitura e fico lá, pelo menos ninguém fica me perturbando. Queria ser diferente do que sou, quem sabe assim eles me aceitariam. O João é o único que não me provoca, ele é meu melhor amigo. Ser diferente é errado? O que faço para que eles parem de me perseguir? A professora às vezes vê tudo o que acontece, reclama e fala com todo mundo, mas no outro dia começa tudo de novo. Não posso ficar chorando assim.

Já inventei que estava me sentido mal para não ir à escola. Sei que isso é errado, mas o que faço? Fico desanimado, vejo que, se a situação agravar, não irei ser mais advogado, pois tirei uma nota ruim em matemática, pois estava chateado. Os meninos logo na chegada me perguntaram sobre o lanche de hoje. Qual seria o cardápio? Um dia eles me pagam... quando eu for advogado, eles vão ver.

Já olhei tudo, para ser advogado eu tenho que fazer uma prova chamada de vestibular. Caso eu passe, vou ingressar na Faculdade de Direito. Vamos ver se com as leis eles vão brincar. Já até sonhei com tudo isso. Pensar que eles vão ser punidos me alegra.

Mas sabe de uma coisa? Amanhã irei entregar esta folha do diário à professora e pedir para ela só ler quando chegar em casa. Ela pode me ajudar a ser advogado, e prender logo todo mundo que me faz me sentir tão diferente e triste assim. Sei que vai doer, mas não se preocupe, a folha vai e volta, desta forma continuaremos amigos.

P.S.: Prezada professora, favor, após a leitura, me devolver a página do diário, ele vai agradecer.

P.S. 2: Não conte para ninguém o que está escrito aqui. São minhas histórias. Posso confiar em você?

P.S. 3: Você me acha parecido com uma orca? Tem mais coisas, muito mais, mas o meu diário ficaria triste se as outras páginas tivessem que sair dele.

Adaptado de SULZARTY, Silvano. Sugestão de texto e atividade para trabalhar sobre bullying. 20 jun. 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/sugestaoatividadebullying>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Agora, discuta com seus colegas as seguintes questões.

- 1** | O que é *bullying*, de acordo com o texto?
- 2** | Que tipo(s) de *bullying* está(ão) presente(s) no texto?
- 3** | O que você faria se estivesse no lugar de cada uma das pessoas citadas no texto?
- 4** | Qual é a ideia central do texto?

TEXTO 3

Leia atentamente o texto a seguir.

TÃO JOVENS, TÃO CRUÉIS | O Estado de S. Paulo

Como explicar o comportamento esdrúxulo de três jovens que agrediram um casal de gays numa festa de faculdade, desferindo contra os dois, além de chutes, xingamentos e latinhas de cerveja, toda a sua ira homofóbica? Como entender a atitude de um grupo de rapazes que achou que seria um tanto cômico tratar suas colegas como montaria, subindo-lhe nas costas e gritando: “Pula, gorda!”? E ainda, qual o problema da menina de 14 anos que usou a lâmina do próprio apontador para cortar – nove vezes – o rosto da companheira de classe? Afinal, jovens, por que tanta raiva?



Educador há mais de 37 anos e pai de Curtis – que morreu em consequência de um vida inteira de *bullying* –, Allan Beane é hoje um militante da causa “mais respeito, por favor!”. O autor de *Proteja Seu Filho do Bullying* diz que o problema não se circunscreve à juventude. É um mal de toda a sociedade, que de modo geral está mais tolerante à violência – nas ruas, nas escolas, dentro de casa. Estamos apáticos em relação à dor dos outros, e lentos demais para ir em defesa de quem está sendo rechaçado, pisoteado, humilhado. E ainda por cima, comenta Beane, gostamos de responsabilizar as vítimas de agressão pelas próprias indiscrições (“Também, com aquele vestidinho rosa, o que ela esperava?”). Somos nós, portanto, enquanto sociedade, que estamos disfuncionais.

Por que tanta agressividade entre crianças, adolescentes e jovens até na universidade?

Às vezes, adolescentes machucam colegas por inveja, ou para serem aceitos por determinado grupo, ou pelo simples fato de que temem se tornar vítimas de maus-tratos. Pode ser que admirem a independência, o poder e a popularidade do valentão da escola. Às vezes, porém, a causa do *bullying* é muito mais simples. Adolescentes agem dessa forma porque sabem que não terão que lidar com as consequências de seus atos. [...]

O *bullying* existe desde o jardim de infância até a faculdade e, mais adiante, no ambiente de trabalho. Não está restrito aos jovens. Ocorre em todas as comunidades, em todas as escolas, em todas as esferas da vida. [...]

E qual a carga de responsabilidade dos pais?

Alguns pais fracassaram enquanto educadores. Não ensinaram aos filhos como controlar seu temperamento. Por falta de disciplina, muitos jovens hoje não têm freios. Se crianças não respeitam nem os pais, é provável que não respeitem mais ninguém.

Por que é legal ser o *badboy*, e não o *geek*?

Existem muitos elementos de nossa cultura pop que estimulam o *bullying*. A mídia, por exemplo, promove constantemente a violência e o conflito. A indústria do entretenimento tornou *cool to be cruel*. *Reality shows* são baseados em conflitos interpessoais e desrespeito – queremos ver o circo pegando fogo. Em

séries de TV, os *badboys* são os heróis. Os filmes de *highschool* ensinam que para ser popular é preciso ser a garota má da escola. Esse comportamento é estimulado, racionalizado, justificado.

No que o *bullying* se diferencia da fofocas, dos apelidos, do puxão de cabelo?

Reconheço que o termo é usado em exagero. Esse é o perigo de todo rótulo. Por vezes, uma pessoa que foi maltratada uma vez é considerada vítima de *bullying*, quando, na verdade, o termo se refere a uma agressão rotineira. *Bullying* é um comportamento agressivo – físico, verbal, social, escrito, eletrônico – que tem intenção clara de machucar, física e/ou psicologicamente, e que se dá repetidas vezes. [...]

Recentemente, alguns pré-adolescentes americanos decidiram se matar, no que tem sido chamado pela imprensa de uma “epidemia de suicídios por *bullying*”. Até que ponto podemos responsabilizar os *bullies* por isso?

O “bullycídio” é a terminologia que se usa para falar de adolescentes que tiraram a própria vida por causa de *bullying*. Sim, essa é uma realidade que pouca gente conhece. Eu me refiro a milhares de estudantes que tentam – mesmo não tendo sucesso – se suicidar por causa das agressões constantes na escola. Dezenove alunos tiveram a coragem de me confessar que tentaram se matar. Têm medo de falar para os adultos o que está se passando por várias razões: sentem vergonha de não conseguir se defender sozinhas; temem que os pais só piorem as coisas fazendo um barraco na escola, por exemplo; ou já viram outras crianças delatarem o *bully* sem que nenhuma providência fosse tomada. E, claro, também há jovens com problemas mentais, que vêm de famílias desestruturadas e que apresentavam problemas anteriores. Mas o *bullying* é um fator que contribuiu para que a gilete afundasse mais forte no pulso, para que a mão virasse o pote inteiro de comprimidos, para que ele ou ela tivesse a coragem de chutar a cadeira.

Foi o que aconteceu com o seu filho Curtis?

Meu filho Curtis foi vítima de *bullying* durante quase toda a vida escolar. Como a maioria dos pais, tentei dar os melhores conselhos para ele, mas falhei. Naquela época, não se sabia tanto como lidar com esse problema. Eu falava para ele ignorar o valentão da escola, fingir que aquelas coisas não o incomodavam. Errei ao não entrar em contato com a escola, e a escola também errou porque sabia que o meu filho estava sendo perseguido, mas não fez nada, e nunca me avisou do que estava acontecendo até tempos depois. As crianças que ameaçavam Curtis eram os populares do colégio, os bons em esporte. Curtis não era bom em nenhum esporte e não era o queridinho da escola. Com os anos, ele desenvolveu problemas de ansiedade, baixa autoestima e depressão. Tinha dias que não queria sair da cama. Quando Curtis já tinha 23 anos – o *bullying* o acompanhou também pelos anos de faculdade –, morreu de uma overdose de metanfetamina. Eu me senti completamente desamparado. Um fracasso enquanto pai.

Adaptado de ROSSETTI, Carolina. Tão jovens, tão cruéis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 out. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/taojovenstaocrueis>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Agora, discuta com seus colegas as seguintes questões.

- 1 |** O que é *bullying*, de acordo com o texto?
- 2 |** Que tipo(s) de *bullying* está(ão) presente(s) no texto?
- 3 |** O que você faria se estivesse no lugar de cada uma das pessoas citadas no texto?
- 4 |** Qual é a ideia central do texto?

TEXTO 4

Leia atentamente o texto a seguir.

ESTUDANTE É CONDENADO A INDENIZAR COLEGA POR *BULLYING* | *Globo Minas*

PAIS DE ADOLESCENTE TERÃO DE PAGAR R\$ 8 MIL. CABE RECURSO DA DECISÃO DE PRIMEIRA INSTÂNCIA.

O juiz Luiz Artur Rocha Hilário, da 27ª Vara Cível de Belo Horizonte, condenou um estudante de 7ª série a indenizar uma colega de classe em R\$ 8 mil pela prática de *bullying*, segundo informações do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Cabe recurso da decisão.



De acordo com o processo, a estudante ganhou apelidos e começou a ouvir insinuações do colega logo no início do convívio escolar. A menina disse ainda que as “incurções inconvenientes” passaram a ser mais frequentes com o passar do tempo. Segundo a decisão, os pais da garota chegaram a conversar na escola, mas não obtiveram resultados satisfatórios.

Além de indenização por danos morais, a estudante pediu a prestação, pela escola, de uma orientação pedagógica ao adolescente, o que o juiz considerou desnecessário. “O exercício do poder familiar, do qual decorre a obrigação de educar, segundo o artigo 1.634, inciso I, do Código Civil, é atribuição dos pais ou tutores”, disse na decisão. Ainda de acordo com o processo, o representante do colégio declarou que todas as medidas consideradas pedagogicamente essenciais foram providenciadas.

No processo, os responsáveis pelo estudante disseram que brincadeiras entre jovens não podem ser confundidas com a prática do *bullying* e afirmaram que o adolescente, após o ajuizamento da ação, começou a ser chamado de “réu” e “processado”, com a pior conotação possível.

Pelas provas, o juiz considerou comprovada a existência do *bullying*. “O dano moral decorreu diretamente das atitudes inconvenientes do menor estudante, no intento de desprestigiar a estudante no ambiente colegial, com potencialidade de alcançar até mesmo o ambiente extra-colegial”, disse na decisão.

Analisando as atitudes do estudante, o juiz destacou que, apesar de ser um adolescente e estar na fase de formação física e moral, há um limite que não deve ser excedido. Para ele, as atitudes do estudante “parecem não ter limite”, considerando que, mesmo após ser repreendido na escola, prosseguiu em suas atitudes inconvenientes com a estudante e com outras colegas.

“As brincadeiras de mau gosto do estudante, se assim podemos chamar, geraram problemas à colega e, conseqüentemente, seus pais devem ser responsabilizados, nos termos da lei civil”, concluiu o juiz.

Adaptado de GLOBO MINAS. Estudante é condenado a indenizar colega por bullying. *Globo Minas*, 19 maio 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/noticiaindenizarbullying>>. Acesso em: 30 out. 2018.

Agora, discuta com seus colegas as seguintes questões.

- 1 | O que é *bullying*, de acordo com o texto?
- 2 | Que tipo(s) de *bullying* está(ão) presente(s) no texto?
- 3 | O que você faria se estivesse no lugar de cada uma das pessoas citadas no texto?
- 4 | Qual é a ideia central do texto?

TEXTO 5

Leia atentamente o texto a seguir.

BULLYING: MARCAS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA | Lidia Weber

PAIS DE ADOLESCENTE TERÃO DE PAGAR R\$ 8 MIL. CABE RECURSO DA DECISÃO DE PRIMEIRA INSTÂNCIA.



A escola pode ser um lugar muito hostil para crianças e adolescentes, não somente pelas notas vermelhas, mas pelas relações interpessoais negativas (intimidação, assédio, humilhação) que ocorrem com colegas e até com professores e funcionários. Essas relações nocivas dentro da escola são atualmente estudadas pela Psicologia e conhecidas pelo termo inglês *bullying*: quando alguém faz ou diz algo negativo de forma sistemática para ter poder sobre outra pes-

soa. Esse tipo de provocação pode ser física (bater, puxar, beliscar, assediar sexualmente, etc.) ou relacional (focar, excluir alguém do grupo, humilhar, provocar, etc.); pode ocorrer em confronto direto ou por meio eletrônico (*cyberbullying*), tais como ofensas postadas em sites de relacionamento, mensagens agressivas no celular, montagem de fotos e vídeos e mentiras espalhadas por correio eletrônico, etc.

O *bullying* é um fenômeno complexo e envolve três grupos de estudantes: agressores, vítimas e espectadores e, apesar de existirem similaridades entre os membros de cada grupo, existem ainda muitos subgrupos diferentes. Por exemplo, existem os agressores ativos e os passivos. Os ativos fazem parte do tipo mais comum e geralmente são fortes, hostis, impulsivos, coercitivos, confiantes e demonstram total falta de empatia com suas vítimas. Esses estudantes tendem a ser populares nos anos escolares iniciais e, por serem admirados, têm uma boa autoestima e este comportamento agressivo pode perdurar ao longo da vida. Os agressores passivos não têm tanta confiança, são inseguros, menos populares, têm baixa autoestima e poucas qualidades desejáveis. Geralmente têm dificuldades na escola e comportamento destemperado, o que leva a problemas com seus colegas. Esse tipo não inicia o comportamento agressivo, mas apoia com entusiasmo quando ele ocorre e mostra total lealdade aos agressores. Existem ainda as vítimas-agressivas, são estudantes que sofreram provocações sérias e passam a agredir aqueles que são física ou psicologicamente mais fracos; geralmente são impopulares e têm maior chance de apresentarem ansiedade e depressão.

Os provocadores não atacam seus colegas de modo aleatório, ao contrário, tendem a perseguir alguns de maneira sistemática. Assim, as pesquisas descrevem diferentes tipos de vítimas: vítima-passiva, vítima-provocativa e a vítima-agressiva, já descrita acima. A vítima-passiva não provoca diretamente e faz parte do maior grupo de crianças intimidadas: geralmente são crianças tímidas, ansiosas, medrosas, com autoconceito pobre e com poucos amigos, sendo alvos fáceis para os agressores ativos que detectam facilmente a vulnerabilidade. A vítima-provocativa é aquele estudante que se comporta de maneira a desorganizar a classe: não para quieto, tem comportamento irritadiço, hostil, dominante e agressivo, baixa tolerância à frustração e sente-se rejeitado por outros, com baixa autoestima.

Em pesquisas realizadas pelo Núcleo de Análise do Comportamento do Departamento de Psicologia e pelo Programa de Pós-graduação em Educação (UFPR), os dados revelam que os meninos apresentam maior frequência de agressões e de vitimização e alunos das escolas particulares relatam maior frequência de agressão direta, enquanto os alunos das escolas públicas apresentaram maior média na agressão

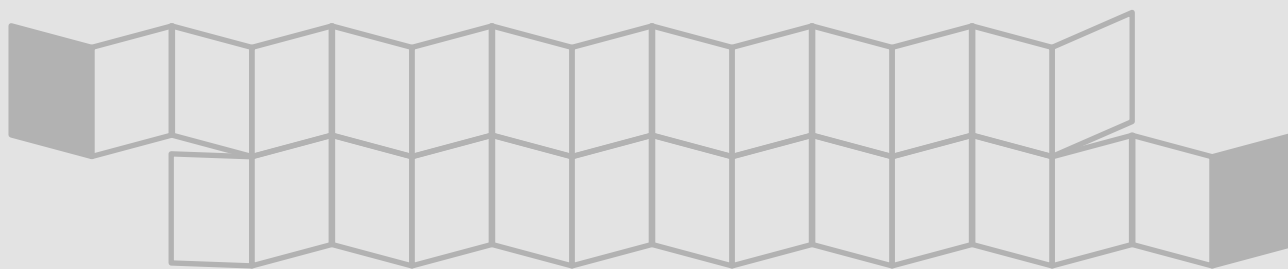
relacional. É preciso levar em conta não apenas a distinção entre escola pública e particular, mas o quanto cada escola está empenhada em combater e prevenir esse comportamento.

Esse é um fenômeno que não pode ser ignorado pelas escolas nem pela família. Nossas pesquisas revelam, de maneira inequívoca, uma relação significativa entre o “clima familiar” e a agressão e vitimização sofrida na escola. De modo geral, adolescentes provenientes de famílias que apresentam clima positivo (alto envolvimento e relacionamento afetivo, regras e limites claros, comunicação positiva, clima conjugal positivo e pais que se apresentam como modelos positivos) envolvem-se menos com *bullying*, tanto como agressores quanto como vítimas. Por outro lado, maior frequência de agressores e de vítimas vem de lares nos quais o clima familiar apresenta vários fatores de risco, tais como uso de punição corporal, conflito familiar, abuso verbal, ausência de regras e monitoria, baixo envolvimento e clima conjugal negativo. Assim, nota-se que o *bullying* não é apenas um fenômeno escolar, pois existe uma forte ligação entre o que ocorre na família e as relações de crianças e adolescentes com seus colegas. Em um contexto atual complexo, violento, egoísta e pouco empático, é preciso atenção mais específica, sistemática e preventiva para a família e a escola, pois os efeitos psicológicos do *bullying*, tanto para os agressores quanto para vítimas, são nefastos e duradouros.

Adaptado de WEBER, Lidia. *Bullying: marcas de violência na escola*. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 4 jul. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/marcasviolenciaescola>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

Agora, discuta com seus colegas as seguintes questões.

- 1 | O que é *bullying*, de acordo com o texto?
- 2 | Que tipo(s) de *bullying* está(ão) presente(s) no texto?
- 3 | O que você faria se estivesse no lugar de cada uma das pessoas citadas no texto?
- 4 | Qual é a ideia central do texto?



8.4 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 |

BULLYING: VAMOS FALAR SOBRE ISSO?

Nesta situação de aprendizagem, vamos conhecer o gênero *podcast* e realizar a produção textual desse gênero ou a simulação de programas de auditório ou de variedades.

ENTENDA O QUE É PODCAST

Os *podcasts* – também chamados de *podcastings* – são arquivos de áudio transmitidos via internet. Neles, os internautas oferecem seleções de músicas ou falam sobre os mais variados assuntos – exatamente como acontece nos blogs. A palavra que determina essa nova tecnologia surgiu da fusão de iPod (toca-MP3 da Apple) e *broadcast* (transmissão via rádio).

Além de possibilitar a divulgação de diversos temas – que rádio teria programas para fãs de “Star Trek” ou admiradores de literatura russa? –, os *podcasts* libertam os ouvintes da grade de programação. Os arquivos, baixados em computadores ou tocadores portáteis, podem ser ouvidos a qualquer hora.

FOLHA ONLINE. Entenda o que é podcast. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 fev. 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/folhapodcast>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Produzir *podcasts* ou simular de programas de auditório ou de variedades.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Explorar os gêneros *podcast* e programa de auditório/variedades;
- ✓ refletir com os estudantes sobre o *bullying* e suas consequências;
- ✓ desenvolver habilidades expressão oral em situações formais.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- ✓ Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- ✓ Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- ✓ Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais, etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.
- ✓ (EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
- ✓ (EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração, etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia, etc.
- ✓ (EF69LP10) Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, vlogs, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – podcasts e vlogs noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.
- ✓ (EF69LPo6) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts

culturais, gameplay, detonado, etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro), etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

- ✓ (EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos, etc.
- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.

TEMPO

- ✓ 3 aulas.

AÇÕES

- 1 | Escuta e discussão de um *podcast*.
- 2 | Análise e discussão de materiais diversos com a temática *bullying*.
- 3 | Produção de *podcast* ou simulação de programas (de rádio ou de TV) de auditório ou de variedades.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Recurso multimídia para reprodução de arquivo de áudio.

Para a ação 2 | Recurso multimídia para exibição de vídeos.

Para a ação 3 | Gravador, aparelho celular (*smartphone*) ou *notebook* com microfone para gravação e recurso multimídia para reprodução dos arquivos de áudio (*podcasts*) produzidos.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Essa atividade propõe a escuta e a discussão de um *podcast*. Em seguida, exploraremos a temática *bullying* por meio da leitura, análise e pesquisa de materiais diversos sobre o assunto. Após as discussões, produziremos *podcasts* ou realizaremos apresentações, simulando a realização de programas televisivos de auditório/variedades sobre o *bullying* na escola.



AULAS 1 E 2

PODCAST

Nestas aulas, ouviremos um *podcast* e assistiremos a um vídeo de um programa de variedades. Também exploraremos a temática *bullying* por meio da leitura, análise e pesquisa de materiais diversos sobre o assunto. Em seguida, os estudantes iniciarão o planejamento do *podcast* ou simulação de programa de auditório/variedades.



Professor(a), você pode desenvolver as atividades em aulas geminadas ou separadas, conforme orientação na descrição do passo a passo.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para que os alunos possam assistir aos vídeos e também para favorecer as interações entre professor e estudantes. Posteriormente, eles serão divididos em grupos de quatro ou cinco integrantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Escute o *podcast*, assista aos vídeos, leia atentamente e analise as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões ou propostas.
- ✓ Prepare previamente os equipamentos que serão utilizados para a reprodução do *podcast* e para a exibição dos vídeos.
- ✓ Para saber mais sobre o gênero *podcast*, acesse os conteúdos “O que é *podcast*?”, disponível em <<http://bit.ly/mundopodcast>>, e “Já pensou no *podcast* como recurso educacional?”, disponível em <<http://bit.ly/porvirpodcastedu>>.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie a aula explicitando seu objetivo: conhecer melhor os gêneros *podcast* e programa de auditório/variedades para iniciar o planejamento da tarefa final desta situação de aprendizagem: a elaboração de uma produção de algum desses gêneros sobre o *bullying* na escola.
- ✓ Converse com os alunos sobre o gênero *podcast*, mapeando o que já conhecem sobre o tema. Oriente-se pelo roteiro de discussão disponível no material para o professor desta situação de aprendizagem.
- ✓ Então, convide os alunos para ouvirem o *podcast* “Jovens querem ser agentes de transformação social”, disponível em <<http://bit.ly/podcastporvirsocial>>. Peça que estejam atentos às suas características.
- ✓ Discuta com os alunos sobre a estrutura de um *podcast*. Chame a atenção deles para os recursos utilizados, tipo de linguagem, vinheta, etc. Para essa discussão, paute-se pelo roteiro disponível no anexo.
- ✓ Depois, levante também o que os alunos sabem sobre programas de auditório/variedades. Em seguida, convide-os para assistirem ao vídeo “Encontro com Fátima Bernardes – Você já foi vítima de

bullying?”, disponível em <<http://bit.ly/encontrobullying>>. Oriente-os a observar as características de um programa de auditório/variedades;

- ✓ Após a exibição, peça para os alunos relatarem o que observaram sobre a estrutura do programa, linguagem, recursos utilizados, etc. Sugestões para o debate estão presentes no roteiro que consta no material para o professor.



Professor(a), caso você esteja desenvolvendo essas atividades em aulas separadas, esse é o momento de encerrar o primeiro tempo de aula, de modo que as ações descritas a seguir devem ficar para a aula seguinte. Se for esse o caso, lembre-se de iniciar a segunda aula retomando o que foi anteriormente trabalhado.

- ✓ Depois de explorar os gêneros a serem trabalhados, convide a turma para explorar um pouco mais a temática: *bullying*.
- ✓ Explique aos estudantes que eles assistirão a um vídeo da Agência Senado, isto é, a agência de notícias do nosso Senado Federal. Explique a eles que o Senado Federal é um órgão onde trabalham representantes eleitos pela população para construírem as leis do nosso país e que esses governantes (ou parlamentares), chamados “senadores”, propuseram uma lei sobre o *bullying*. Aproveite a deixa para enfatizar que *bullying* é coisa séria e que há normas e leis sobre o assunto. O vídeo a que assistirão trata justamente dos oito tipos de *bullying* descritos no projeto de lei. Então, exiba o vídeo “Projeto define oito tipos de *bullying* que devem ser evitados na escola”, disponível em <<http://bit.ly/8bullying>>.
- ✓ Discuta com os alunos os tipos de *bullying*. Aproveite para esclarecer para os alunos o que caracteriza cada um deles, retomando as explicações e elementos trazidos no vídeo.
- ✓ Em seguida, assista ao vídeo “Bullying – Diário de 7 dias”, disponível em <<http://bit.ly/diariobullying>>, contextualizando que se trata de uma produção roteirizada e encenada por crianças no Educandário Santo Antônio de Bebedouro, escola localizada no interior do estado de São Paulo.
- ✓ Após a análise dos vídeos e feitas as sensibilizações iniciais para a temática *bullying*, incentive os alunos a buscarem mais informações sobre o assunto para enriquecerem as discussões.



Professor(a), a seguir sugerimos alguns vídeos e textos para você sugerir aos alunos como leitura extraclasse:

VÍDEOS

O que é *bullying* ? O Promotor responde

<https://www.youtube.com/watch?v=F6qfqgDGWVk>

Reportagem sobre *bullying* e perseguição – Globo Repórter

<https://www.youtube.com/watch?v=M6EQh7WeVHI>

JC Debate – *Bullying*

<https://www.youtube.com/watch?v=-xoUM4-KFeM>

Emicida no Fantástico – Matéria sobre *bullying*

<https://www.youtube.com/watch?v=w2nLQsz3Lys>

Altas Horas – *Bullying* – Entrevista Isabela Nicastro

<https://www.youtube.com/watch?v=pkduLIJgkso>

Que papo é esse: *bullying*

<https://www.youtube.com/watch?v=KKShIZAYF4I>

Bullying: Da Brincadeira à Violência (1ª Reportagem)

<https://www.youtube.com/watch?v=OLJ3LwydTKc>

Bullying: Da Brincadeira à Violência (2ª Reportagem)

<https://www.youtube.com/watch?v=hcjEjZhLRg>

TEXTO

Bullying na escola e seus efeitos no cérebro

<https://www.lendo.org/bullying-escolar>

- ✓ Peça então que os estudantes se organizem em grupos de quatro ou cinco integrantes e comecem a planejar a pauta do *podcast* ou do programa de auditório/variedades sobre o *bullying* na escola. Escreva no quadro a orientação da tarefa:
 - Hoje discutimos sobre o *bullying* e agora chegamos ao momento da produção. Você e seus colegas deverão produzir um *podcast* (arquivo de áudio que muito se parece com programas de rádio) ou poderão ainda simular a apresentação de um programa televisivo de auditório/variedades, no qual vocês discutirão o tema “*bullying* na escola”. Lembrem-se de criar diferentes personagens (especialistas, professores, alunos, psicólogos, mãe ou pai de aluno, etc.) que participarão do programa. Deem um nome ao programa e considerem a possibilidade de utilizar uma vinheta. Após definirem o tipo de apresentação que farão, iniciem a escrita do roteiro ou pauta que será utilizada.
- ✓ Encerre a aula orientando os alunos a se organizarem para terminarem a pauta, gravarem o programa ou ensaiarem a apresentação. Combine com eles a data das apresentações.

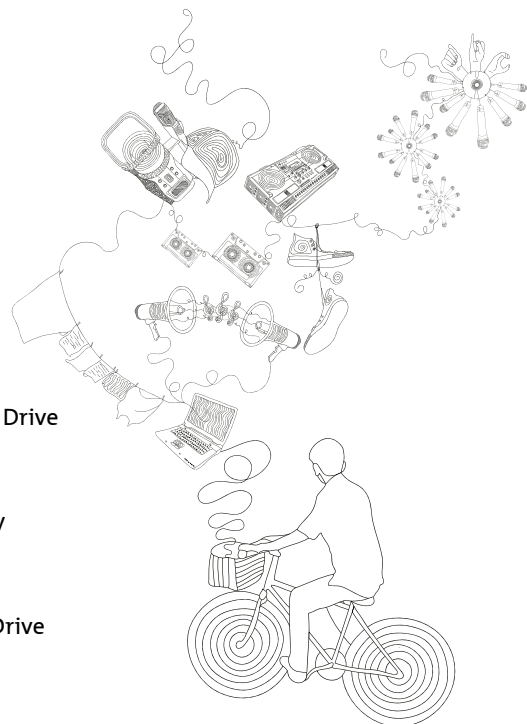
*Professor(a), para os alunos interessados na produção do podcast, indicamos alguns vídeos tutoriais produzidos pela Associação Imagem Comunitária (AIC) que ensinam alguns processos para a **edição de arquivos de áudio**. Compartilhe com a sua turma!*

Edição de áudio 1 – Como baixar e instalar o Audacity
https://www.youtube.com/watch?v=8KGQzM9_o34

Edição de áudio 2 – Como baixar áudios do Gmail e do Drive
https://www.youtube.com/watch?v=Mftl4w_TRCQ

Edição de áudio 3 – Como editar um áudio no Audacity
<https://www.youtube.com/watch?v=lyq8OXYzRMw>

Edição de áudio 4 – Como subir os áudios prontos no Drive
<https://www.youtube.com/watch?v=Sde-QftzzAg>





AULA 3

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Nesta aula, ouviremos e assistiremos às apresentações dos alunos.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada de acordo com as escolhas dos alunos em relação ao produto final. Assim, se a turma tiver optado por gravar *podcasts*, a sala deverá ser organizada em um semicírculo; se a opção for a apresentação de programas de variedades, Sugerimos que as cadeiras sejam dispostas simulando um auditório.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente as propostas orientadoras desta situação de aprendizagem.
- ✓ Providencie os equipamentos que serão utilizados para a reprodução dos *podcasts* ou para as simulações de programas de TV.
- ✓ Prepare previamente o ambiente da sala para o momento das apresentações.

DURANTE A AULA

- ✓ Retome o que foi realizado nas últimas aulas e informe que cada grupo deverá apresentar a sua produção.
- ✓ Combine com a turma a ordem de apresentação dos trabalhos.
- ✓ Oriente a turma que respeite as produções dos colegas e que mantenha o silêncio durante as apresentações.
- ✓ Convoque os grupos para as apresentações.
- ✓ Após cada apresentação, faça um breve comentário, avaliando o trabalho exposto. Lembre-se de valorizar os pontos positivos. Permita também que os demais estudantes façam comentários sobre os trabalhos dos colegas.



Professor(a), veja a ficha de avaliação para exposição oral presente no Material para o Professor e considere a possibilidade de solicitar que um estudante de cada grupo avalie as apresentações dos colegas.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os alunos?

Em relação à **leitura de textos e vídeos**, observe se os estudantes:

- ✓ sentem-se motivados e desafiados a realizar a leitura dos textos de forma a construir um sentido global para eles;
- ✓ compreendem os textos e vídeos propostos e conseguem interpretá-los adequadamente, atribuindo-lhe significação;
- ✓ integram informações decorrentes das leituras realizadas;
- ✓ selecionam as informações pertinentes para a realização da tarefa;
- ✓ registram adequadamente os dados mais importantes;
- ✓ compreendem o significado do termo *bullying*.

Em relação aos **exposição oral no podcast ou programa de auditório/variedades**, observe se os alunos:

- ✓ compreendem e seguem a proposta;
- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ demonstram ter planejado e escrito uma pauta (ou roteiro) adequada à situação de comunicação;
- ✓ fazem referência às fontes consultadas;
- ✓ utilizam evidências e exemplos de forma embasada para fundamentar os pontos de vista do grupo;
- ✓ usam de forma adequada e bem aproveitada o tempo destinado a sua exposição;
- ✓ mantêm um volume de voz audível e adequado para exposições públicas;
- ✓ mobilizam recursos paralinguísticos e cinésicos na sua apresentação, como entonação, timbre, postura, gestos, olhares e movimentação que contribuem para a apresentação oral;
- ✓ utilizam recursos como vinheta, músicas, etc.;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala dos colegas, sem interrupções.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. No Material para o Professor você encontrará uma ficha que poderá orientá-lo(a) na avaliação das apresentações.

Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4



AULAS 1 E 2

PODCAST

ROTEIRO DE LEITURA PARA O PODCAST

JOVENS QUEREM SER AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL | Porvir

ANTES DA LEITURA

- ✓ Esclareça aos alunos que eles vão conhecer o gênero *podcast*, que muito se parece com um programa de rádio. Pergunte:
 - Vocês costumam ouvir rádio?
 - Que emissora(s) vocês ouvem?
 - Que programa(s) vocês ouvem?
 - Vocês conhecem o gênero *podcast*? Em caso afirmativo, como conheceram esse gênero? Qual(is) *podcast*(s) vocês já ouviram?
- ✓ Convide a turma para escutar o *podcast*.

APÓS A LEITURA

- ✓ Pergunte aos alunos:
 - Qual é o assunto central do *podcast* que ouvimos?
 - Que personagens participam do programa?
 - Que semelhanças vocês percebem entre o *podcast* e um programa de rádio?
 - Vocês sabem o que diferencia o *podcast* de um programa de rádio?
 - Que recursos foram utilizados para manter a atenção do ouvinte?
- ✓ Explique aos alunos o que diferencia o *podcast* do programa de rádio: no *podcast*, o conteúdo funciona sob demanda e o ouvinte não tem que ficar atrelado à programação horária; basta acessar

o conteúdo na plataforma disponível para escolher o que ouvir e quando. Outra diferença é que o rádio costuma ter uma abordagem mais generalista, ao passo que o público do *podcast* está atrás de conhecimento especializado.

- ✓ Reflita com os alunos sobre a linguagem utilizada (clara, objetiva, simples, fluente, espontânea) e os recursos auditivos que podem ser explorados (trilha sonora, efeitos sonoros, gradação do volume, entonação, variação de timbre, etc.).
- ✓ Discutam também sobre a importância de diversas opiniões serem contempladas no programa.
- ✓ Incentive a participação de todos.

ROTEIRO DE LEITURA PARA O PROGRAMA DE VARIEDADES

VOCÊ JÁ FOI VÍTIMA DE **BULLYING**? | Encontro com Fátima Bernardes

ANTES DA LEITURA

- ✓ Esclareça aos alunos que eles vão conhecer o gênero programa de auditório/variedades. Pergunte:
 - A qual(is) programa(s) de TV vocês costumam assistir?
 - A qual(is) emissora(s) vocês assistem?
 - Vocês gostam de programas de auditório/variedades?
- ✓ Convide a turma a assistir ao vídeo.

APÓS A LEITURA

- ✓ Pergunte aos alunos:
 - Qual é o assunto central do vídeo a que assistimos?
 - Que personagens participam do programa?
 - Que semelhanças vocês percebem entre o programa de TV e um programa de rádio? E quais são as diferenças?
 - Que recursos foram utilizados para manter a atenção do telespectador?
- ✓ Reflita com os alunos sobre a linguagem utilizada (clara, objetiva, simples, fluente, espontânea, “rápida”) e sobre a importância de diversas opiniões serem contempladas no programa.
- ✓ Incentive a participação de todos.



AULA 3

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Para avaliar a exposição oral dos estudantes, utilize a ficha "Avaliando a exposição oral", a seguir.



Professor(a), esta ficha é uma sugestão. Sinta-se à vontade para modificá-la de acordo com as particularidades da sua turma.

AVALIANDO A EXPOSIÇÃO ORAL

ASPECTOS	DETALHAMENTO	SIM	NÃO	PARCIALMENTE
Introdução	Introduziu a história de maneira chamativa e coerente com a narrativa lida?			
Organização de ideias	Ordenou logicamente as ideias apresentadas?			
Detalhamento das informações	Apresentou detalhadamente cenas, personagens, ações, etc.?			
Criatividade	Fez uso criativo da linguagem de modo a explorar a HQ?			
Elementos da narrativa	Explorou aspectos estruturadores do texto narrativo: introdução, conflito, clímax, desfecho?			
Contato visual	Usou o olhar para prender a atenção da audiência?			
Gesticulação	Gesticulou com naturalidade durante a exposição?			
Movimentação	Movimentou-se com naturalidade durante a apresentação?			
Linguagem	Apresentou linguagem fluente, com construções e vocabulário adequados?			
Emprego da voz	Empregou volume de voz com entonações, pausas e variações pertinentes?			
Conclusão	Concluiu com coerência a fala?			
Enfoque	Atendeu ao objetivo proposto para o trabalho?			
Tempo	Utilizou o tempo disponível para a apresentação?			
Desempenho global	Efetuiu a exposição com desenvoltura, naturalidade e dinamicidade?			



IMPRESSO EM BELO HORIZONTE, EM JUNHO DE
2020, POR A CRIAÇÃO GRÁFICA.

Realização:

